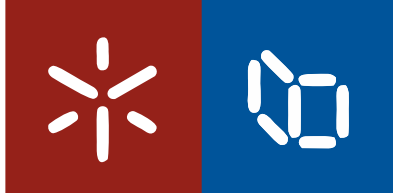


Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Tamires Ramalho de Sousa

**Marcadores do discurso e plano de texto.
A estruturação discursiva em artigos
científicos publicados na Revista Principia**



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Tamires Ramalho de Sousa

**Marcadores do discurso e plano de texto.
A estruturação discursiva em artigos
científicos publicados na Revista Principia**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Linguagem

Trabalho Efetuado sob a orientação da
**Professora Doutora Maria Aldina Bessa Ferreira
Rodrigues Marques**

Declaração

Nome:

Tamires Ramalho de Sousa

Endereço electrónico:

Telefone:

Número do Título de Residência:

Passaporte:

Título dissertação / tese

Marcadores do discurso e plano de texto. A estruturação discursiva em artigos científicos publicados na Revista Principia

Orientador(es):

Maria Aldina Bessa Ferreira Rodrigues Marques Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Mestrado em Ciências da Linguagem

Nos exemplares das teses de doutoramento ou de mestrado ou de outros trabalhos entregues para prestação de provas públicas nas universidades ou outros estabelecimentos de ensino, e dos quais é obrigatoriamente enviado um exemplar para depósito legal na Biblioteca Nacional e, pelo menos outro para a biblioteca da universidade respectiva, deve constar uma das seguintes declarações:

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, nas pessoas do Reitor, Prof. Dr. Cícero Nicácio do Nascimento Lopes, da Pró-Reitora de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação, Profa. Dra. Francilda Araújo Inácio, do Diretor Executivo da Editora IFPB, Prof. Dr. Carlos Danilo Miranda Regis, pela confiança e apoio à formação desta servidora da casa. Também aos colegas da Editora IFPB e da PRPIPG, especialmente a Luciana e a Profa. Joseli, por “segurarem as pontas” enquanto estive afastada.

À Profa. Dra. Maria Aldina Bessa Ferreira Rodrigues Marques, pela preciosa orientação, confiança e atenção.

Aos colegas do Mestrado em Ciências da Linguagem, especialmente a Maria Fernanda pela companhia e troca de ideias. Também à Universidade do Minho, na pessoa da Diretora do Mestrado em Ciências da Linguagem, Profa. Dra. Maria do Pilar Pereira Barbosa, pela atenção a especificidades da minha situação.

Aos amigos que me apoiaram direta ou indiretamente, em especial a Marilize que me emprestou sua caixa de correio e acompanhou minha angústia acadêmica.

A minha mãe, Lourdes, meu pai, Bernardino, meu irmão, Vinícius, e minha irmã, Tâmara, pela compreensão, pelos ouvidos e conselhos, e a Tâmara também pelas orientações acadêmicas de alguém muito mais experiente nesse caminho.

Por fim, a Raoni, pelo companheirismo e cumplicidade, por me ajudar a elaborar as ideias, por ser base e sustentação nessa aventura além-mar, e pela paciência.

Marcadores do discurso e plano de texto. A estruturação discursiva em artigos científicos publicados na Revista Principia¹

Resumo

O discurso científico é aquele por meio do qual se constrói, divulga e operacionaliza a ciência, que possui importante valor econômico e cultural na sociedade atual. Por isso, é crescente o interesse pelo estudo de suas características enquanto gênero argumentativo, com foco em diferentes aspectos. O uso de um tipo de estratégia retórica caracterizada pelos marcadores discursivos (MDs) tem sido menos investigado. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho foi determinar a ocorrência e características do uso dos MDs, em particular dos organizadores textuais, nos artigos científicos publicados na Revista Principia, em função do plano de texto, na estruturação do discurso acadêmico-científico. Os objetivos específicos foram: determinar as ocorrências dos marcadores discursivos na inter-relação com o plano de texto; determinar as diferenças no uso dos marcadores discursivos em função do estatuto do locutor, i.e., como jovem investigador e investigador sênior, e; determinar as diferenças no uso dos marcadores discursivos em função da área de conhecimento dos autores. Para isso, foram observados os planos de texto presentes e a ocorrência dos diversos tipos de marcadores discursivos em um *corpus* composto por 24 artigos submetidos ao referido periódico, por meio do uso de estatística descritiva básica (registro das ocorrências e de sua frequência). Em seguida, os resultados foram observados qualitativamente, relacionando as ocorrências às partes do plano de texto em que apareceram, com maior atenção aos organizadores textuais como estruturadores do discurso, e observando as diferenças entre os grupos: investigadores doutorados e não doutorados, investigadores das ciências e das humanidades. Os resultados mostraram que os marcadores discursivos contribuem na estruturação dos planos de texto e que o gênero discursivo condiciona a ocorrência e uso dos marcadores discursivos, com cada parte do plano apresentando maior ocorrência de marcadores com características semelhantes às da respectiva parte, como é o caso dos MD com valor argumentativo na seção de Resultados. Mostraram ainda que a estrutura privilegiada é cumulativa, sem ocorrência de MDs. A área de conhecimento dos autores interfere na ocorrência e uso dos marcadores discursivos: a proporção de uso de marcadores é maior entre os investigadores das humanidades do que entre os das ciências. A hipótese de que o estatuto dos locutores, como jovens investigadores ou como investigadores seniores, interfere na ocorrência e uso dos marcadores foi parcialmente confirmada.

Palavras-chave: Marcadores discursivos. Organizadores textuais. Plano de texto. Artigo científico.

¹ O presente trabalho adota a variedade brasileira da língua portuguesa.

**Discourse markers and text plan. The discursive structuring in scientific articles
published in Revista Principia**

Abstract

Scientific discourse is the one through which science, which has important economic and cultural value in today's society, is constructed, disseminated and operationalized. Therefore, the interest in the study of its characteristics as an argumentative genre, focusing on different aspects, is growing. The use of a type of rhetorical strategy characterized by discourse markers (DMs) has been less investigated. In this sense, the general objective of this work was to determine the occurrence and characteristics of the use of DMs, particularly textual organizers, in scientific articles published in Revista Principia periodical, in relation with text plan, in the structuring of academic-scientific discourse. The specific objectives were: determining the occurrences of discourse markers in interrelationship with text plan; determining the differences in the use of discourse markers according to the speaker's status, i.e., as a young researcher or senior researcher; determining differences in the use of discourse markers as a function of the authors' knowledge area. For this, we observed the existing text plans and the occurrence of different types of discourse markers in a corpus composed by 24 articles submitted to the referred periodical were observed, using basic descriptive statistics (record of occurrences and their frequency). The results were then qualitatively observed, relating the occurrences to the parts of the text plan in which they appeared, with a greater attention to the textual organizers as discourse structurers, and observing the differences between the groups: PhD and non-PhD researchers, researchers from the sciences and the humanities. The results showed that the discourse markers contribute to the structuring of text plans and that the discursive genre conditions the occurrence and use of discourse markers, with each part of the plan presenting a greater occurrence of markers with characteristics similar to those of the respective part, as is the case of DMs with argumentative value in the Results section. The results also showed that the privileged structure is cumulative, without occurrence of DMs. The authors' knowledge area interferes with the occurrence and use of discourse markers: the ratio of use of markers is higher among researchers in the humanities than among those in the sciences. The hypothesis that the status of speakers as young researchers or as senior researchers interferes with the occurrence and use of markers was partially confirmed.

Keywords: Discourse markers. Textual organizers. Text plan. Scientific article.

Índice

Introdução.....	15
Capítulo 1 – Enquadramento teórico. Gênero científico, plano de texto e marcadores discursivos	19
1.1. Os Marcadores Discursivos	19
1.2. O Plano de Texto	36
1.3. O Discurso Científico	41
Capítulo 2 – O <i>corpus</i> . Descrição e metodologia de recolha e análise	43
2.1. Descrição do <i>corpus</i>	43
2.2. Recolha do <i>corpus</i>	47
2.3. Análise do <i>corpus</i>	52
Capítulo 3 – Os planos de texto na Revista Principia.....	53
3.1. Ciências <i>versus</i> Humanidades	57
3.2. Doutorados <i>versus</i> não doutorados ou iniciantes	59
3.3. Doutorados das Ciências <i>versus</i> Doutorados das Humanidades	62
3.4. Iniciantes das Ciências <i>versus</i> iniciantes das Humanidades.....	69
Capítulo 4 – Marcadores discursivos e plano de texto	77
Capítulo 5 – Os organizadores textuais	93
Considerações finais.....	107
Referências bibliográficas	111

Lista de Quadros

Quadro 1 – Classes de MDs, segundo Fraser, 1999.	27
Quadro 2 – Classificação dos marcadores discursivos segundo Martín Zorraquino & Portolés, 1999.	30
Quadro 3 – Conectores: classes e categorias, segundo Adam, 2008.	33
Quadro 4 – Planos de texto dos artigos analisados, de acordo com as normas estabelecidas pela revista.	56
Quadro 5 – Planos de texto das Ciências <i>versus</i> planos de texto das Humanidades.	58
Quadro 6 – Planos de texto dos doutorados <i>versus</i> planos de texto dos iniciantes.	60
Quadro 7 – Planos de texto de doutorados das Ciências <i>versus</i> planos de texto de doutorados das Humanidades.	62
Quadro 8 – Planos de texto de iniciantes das Ciências <i>versus</i> planos de texto de iniciantes das Humanidades.	70
Quadro 9 – Organizadores textuais encontrados – Grupo A1.	93
Quadro 10 – Organizadores textuais encontrados – Grupo A2.	94
Quadro 11 – Organizadores textuais encontrados – Grupo B1.	95
Quadro 12 – Organizadores textuais encontrados – Grupo B2.	96

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Quantidade de artigos por área de conhecimento.....	47
Tabela 2 – Quantidade de artigos de doutorados e de não doutorados, por área de conhecimento.....	48
Tabela 3 – Quantidade de artigos de doutorados e de não doutorados, por grandes grupos (Ciências Exatas e da Natureza e Ciências Sociais e Humanas).....	49
Tabela 4 – Artigos selecionados e quantidade de páginas.....	51
Tabela 5 – Quantidade de palavras por seção.....	74
Tabela 6 – Quadro global dos marcadores – Grupo A1.....	79
Tabela 7 – Quadro global dos marcadores – Grupo A2.....	79
Tabela 8 – Quadro global dos marcadores – Grupo B1.....	79
Tabela 9 – Quadro global dos marcadores – Grupo B2.....	79
Tabela 10 – Proporção marcadores discursivos / quantidades de palavras.....	91
Tabela 11 – Quantitativo dos organizadores textuais – Grupo A.....	96
Tabela 12 – Quantitativo dos organizadores textuais – Grupo B.....	97

Introdução

Na sociedade em que vivemos atualmente, chamada “sociedade do conhecimento”, a ciência e a tecnologia têm valor econômico, cultural e mesmo estético, balizando as instituições e papéis sociais (Motta-Roth, 2011). Em virtude disso, o discurso² científico, por meio do qual o conhecimento é produzido, divulgado e operacionalizado, tem grande relevância.

O artigo científico, como gênero prototípico desse discurso, é fundamental como meio de partilhar e de avaliar o conhecimento produzido ou “descoberto”. É por meio da avaliação por pares que ocorre no processo de publicação de artigos, que o conhecimento é validado e tem permissão de ser compartilhado com maior credibilidade.

Dessa forma, o discurso não é apenas o meio de veiculação da ciência, mas é necessário na sua construção. É por meio do método científico, da possibilidade de replicação e de falseabilidade, que a ciência se faz, e essas etapas de construção do conhecimento são possibilitadas a partir da divulgação do experimento e da indução de conclusões por meio da publicação dos artigos científicos.

A escrita científica costumava ser pensada como objetiva, neutra, impessoal e precisa, desprovida de emoções, sentimentos e apreciações do autor, e descrita como basicamente informativa, transparente, sem marcas de subjetividade, polifonia ou argumentação (García Negroni, 2008). No entanto, a visão de que a escrita acadêmica é persuasiva, argumentativa, é agora amplamente aceita (Hyland, 2011). Por isso, tem crescido a quantidade de estudos que buscam entender como essa argumentação é feita, quais mecanismos são utilizados na busca da persuasão.

Segundo Wiefeling e Montemayor-Borsinger (2012), os gêneros científicos têm sido estudados com foco em diferentes aspectos: as marcas de presença do autor; as marcas de atitude, enfatizadores e atenuadores; a passivação e a nominalização; o uso de citações e referências a outros investigadores; a reformulação; entre outros aspectos. No entanto, o uso de um tipo de estratégia retórica caracterizada pelos marcadores do discurso tem sido menos investigado, como referem Wiefeling e Montemayor-Borsinger (2012) a propósito do espanhol, mas que é também válido para o português.

Sobre a relação entre discurso acadêmico-científico e marcadores discursivos, além de Wiefeling e Montemayor-Borsinger (2012), é de referir ainda os trabalhos de Navarro e Moris (2012), Montemayor-Borsinger e Eisner (2012), Padilla e López (2012) e Valente (2012), na

² Tomamos *discurso* e *texto* como equivalentes, na perspectiva adiantada por Adam (2011) na Análise Textual dos Discursos.

língua espanhola. Em português, foram encontrados os seguintes trabalhos em que se relacionam os marcadores discursivos e o discurso científico: a dissertação de mestrado de Possamai (2004), intitulada *Marcadores textuais do artigo científico em comparação português e inglês – um estudo sob a perspectiva da tradução*, sob a perspectiva sistêmico-funcional de Halliday e Hasan; a dissertação de Silva (2007), intitulada *A explicação definidora nos discursos científicos e políticos*, na qual a autora analisa discursos orais científicos e políticos, observando, entre outros aspectos, os marcadores reformulativos; a dissertação de Marquifável (2007), intitulada *Um processo para a geração de recursos linguísticos aplicáveis em ferramentas de auxílio à escrita científica*, que objetivou “formalizar um processo para a construção de recursos linguísticos em inglês a serem usados em ferramentas de suporte à escrita científica” (*ibidem*, p. vii), observando recursos como os gêneros textuais e os marcadores discursivos; a dissertação de Souto (2014), intitulada *Valores semântico-discursivos do marcador assim no gênero artigo científico*; e o trabalho de Walsh (2015), intitulado *Ciência e linguagem: integrando discurso e contexto na análise das conclusões de artigos científicos experimentais do Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (1909-1919 e 1980-1989)*, no qual a autora observa as mudanças nos movimentos retóricos, observando traços linguísticos como os marcadores discursivos.

Outro aspecto linguístico do discurso científico estudado é o chamado plano de texto. Tratam desse aspecto autores como Swales (1990, 2005), Paulo Nunes Silva e Joana Vieira Santos (Santos & Silva, 2016). Encontramos também a dissertação de mestrado de Santos (2014), intitulada *Ensaio e artigo: confluências e divergências entre dois gêneros na esfera acadêmica*, na qual a autora observa, entre outros aspectos, a estrutura composicional do discurso científico a fim de comparar artigos e ensaios. Os trabalhos já mencionados de Souto (2014), Walsh (2015) e Silva (2007) também observam esse aspecto.

Assim, escolhemos como tema para o nosso trabalho o uso dos marcadores do discurso (MD) e a estruturação do discurso acadêmico-científico, por considerarmos que esta é uma vertente fundamental da estruturação do artigo científico a ser estudada, visto que explicitam um percurso interpretativo³ ao serviço da coerência discursiva e da negociação de sentidos entre locutor e alocutário. A escolha do tema teve a ver com uma pergunta de base sobre a relação entre as características do discurso científico e o lugar de ocorrência dos MD. Assim, estabelecemos como título da dissertação “Marcadores do discurso e plano de texto. A estruturação discursiva em artigos científicos publicados na Revista Principia”, por

³ O conceito de percurso interpretativo é de Rastier (2001).

investigadores de diferentes áreas científicas e com *curricula* também diversos, desde investigadores que se iniciam à carreira de investigação a investigadores com trabalhos de vulto já publicados.

O objetivo geral do presente trabalho é determinar a ocorrência e características do uso dos marcadores discursivos, em particular dos organizadores textuais, nos artigos científicos submetidos e publicados na Revista Principia, em função do plano de texto. Já os objetivos específicos são: determinar as ocorrências dos marcadores discursivos na inter-relação com o plano de texto; determinar as diferenças no uso dos marcadores discursivos em função do estatuto do locutor, i.e., como jovem investigador e investigador sênior, e; determinar as diferenças no uso dos marcadores discursivos em função da área de conhecimento dos autores.

Em conexão com estes objetivos, as hipóteses que balizam a nossa investigação são as seguintes:

- O gênero discursivo condiciona a ocorrência e uso dos marcadores discursivos;
- Os marcadores discursivos estão em inter-relação com o plano de texto;
- Os marcadores discursivos são fundamentais na construção do discurso científico, porque guiam a interpretação;
- A frequência e classes de marcadores discursivos utilizados estão relacionadas com as diferentes partes do plano;
- O estatuto dos locutores, como jovens investigadores ou como investigadores seniores, interfere na ocorrência e uso dos marcadores discursivos no discurso científico;
- A área de conhecimento dos autores interfere na ocorrência e uso dos marcadores discursivos no discurso científico.

Em decorrência da leitura do *corpus*, foram levantadas algumas hipóteses mais específicas:

- O *layout* do *template* da Revista Principia, configurado em duas colunas, favorece a utilização de parágrafos mais curtos e, conseqüentemente, desfavorece a utilização de marcadores discursivos;
- A subdivisão de seções como as de metodologia desfavorece o uso de marcadores, especialmente dos marcadores de mudança de topicalização;
- Os artigos das Ciências Sociais e Humanas apresentam uma maior quantidade de marcadores do que os artigos das Ciências Exatas e da Natureza;
- Os artigos de doutorados apresentam uma maior quantidade de marcadores do que os artigos de não doutorados.

Para desenvolver esses objetivos, o presente trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: no capítulo 1, é apresentado o enquadramento teórico acerca dos marcadores discursivos, do plano de texto e do discurso científico; no capítulo 2, é apresentado o *corpus*, com a metodologia de recolha e análise; no capítulo 3, são analisados os planos de texto observados nos artigos analisados; no capítulo 4, é apresentada a análise dos marcadores discursivos encontrados, em função do plano de texto; e no capítulo 5, são analisados mais especificamente os organizadores textuais. Por fim, na conclusão são apresentadas as considerações finais.

Capítulo 1 – Enquadramento teórico. Gênero científico, plano de texto e marcadores discursivos

Para o enquadramento teórico da pesquisa realizada, foi necessário observar a bibliografia existente relativamente aos seguintes temas: os marcadores discursivos, a investigação que tem vindo a ser produzida e os resultados alcançados; as reflexões mais recentes sobre o plano de texto (organização/composição textual) no gênero artigo científico; as características do discurso científico em geral e do artigo científico em particular e o estatuto do locutor nesse gênero científico.

Assim, iremos centrar-nos sobre os marcadores discursivos, o plano de texto e o discurso científico, três conceitos que balizaram a nossa investigação.

1.1. *Os Marcadores Discursivos*

Inicialmente, será feito o ponto da situação relativamente a publicações e tradições de investigação ligadas às línguas espanhola, inglesa, francesa e portuguesa, do ponto de vista sincrónico, mencionando brevemente trabalhos realizados do ponto de vista diacrónico. Em seguida, serão confrontadas as diferentes definições e tipologias existentes.

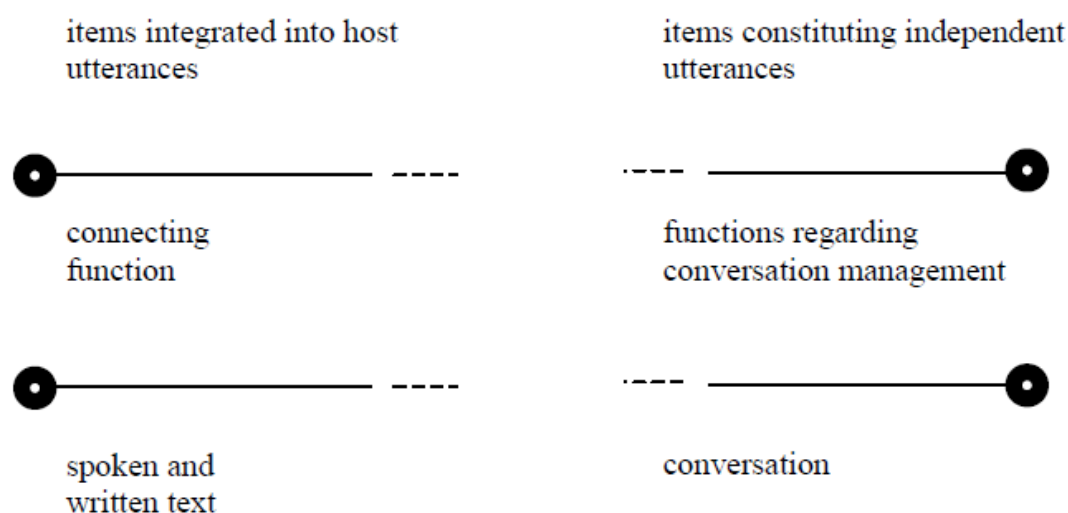
De acordo com Pons Bordería (2001), os marcadores discursivos (MDs) vêm sendo abordados, de forma menos consciente, desde as gramáticas mais antigas, mas a dificuldade de categorização em classes gramaticais levava a que fossem considerados como exceções. Já nos anos 1970 eles passam a ser estudados, de forma mais consistente e específica, por Halliday e Hasan (1976 apud Pons Bordería, 2001), nos Estados Unidos, e por Van Dijk (1977 apud Pons Bordería, 2001), na Europa, com foco especificamente no papel das conjunções na construção de unidades suprassentenciais, respectivamente dos pontos de vista sintático e semântico. Nos anos 1980, Roulet et al. (1985 apud Pons Bordería, 2001) trazem contribuições importantes para o estudo do papel dos conectores na vinculação de unidades de texto ou de conversação. Já o termo *discourse markers* foi cunhado em 1987 por Schiffrin (apud Pons Bordería, 2001), cujo trabalho foi o primeiro de vários sobre o mesmo assunto.

Os estudos diacrónicos dos marcadores discursivos, que analisam os processos de gramaticalização dessa categoria, começaram a ser feitos a partir dos anos 1980. Esse tipo de estudo foi facilitado pela disponibilização de grandes *corpora* online e motivado pela necessidade de descrição dos marcadores, que enfrenta algumas dificuldades que não podem ser solucionadas pelo estudo puramente sincrónico (Pons Bordería, 2001). Trabalham sob essa

perspectiva Traugott (1995 apud Pons Bordería, 2001), acerca da língua inglesa; Cuenca (1995 apud Martín Zorraquino e Montolío Durán, 1988), Cuenca & Marín (1997 apud Martín Zorraquino e Montolío Durán, 1988) e Garachana Camarero (1988), sobre a língua espanhola; Martelotta, Votre e Cezario (1996), entre outros, sobre o português brasileiro; e Barros (2007) sobre o português europeu.

Uma das dificuldades no estudo sincrônico dos marcadores discursivos é a diversidade da terminologia usada. Fraser (2009) menciona a existência dos seguintes termos para a língua inglesa: *cue phrases*, *discourse connectives*, *discourse markers*, *discourse operators*, *discourse particles*, *discourse signalling devices*, *indicating devices*, *phatic connectives*, *pragmatic connectives*, *pragmatic expressions*, *pragmatic markers*, *pragmatic operators*, *pragmatic particles*, *semantic conjuncts*. Essa diversidade terminológica não consiste em termos diferentes para um mesmo conceito, mas reflete uma diversidade de conceitos e perspectivas – Pons Bordería (1998) refere que existem 70 definições diferentes de marcadores discursivos. No intuito de sistematizar essa diversidade, Fischer (2006a) organizou o livro *Approaches to Discourse Particles*, que conta com 22 capítulos, cada um sobre uma abordagem específica, escritos por teóricos das respectivas abordagens, de forma a estabelecer uma comparação entre elas. Além disso, no capítulo introdutório (Fischer, 2006b), a autora propõe um método de classificação das abordagens em dois polos, de acordo com os aspectos focalizados por elas: um polo, o das perspectivas que focalizam itens integrados em enunciados “hospedeiros”, os quais têm função conectiva, ocorrem em textos falados e escritos e se referem a aspectos do enunciado ao qual estão integrados; outro polo, o das perspectivas que focalizam itens que constituem enunciados independentes, com função de gerenciamento da conversação, que ocorrem em conversações e que se referem a tópicos, atividades e estruturas sequenciais da conversação. Esses polos são ilustrados pela Figura 1.

Figura 1 – Polos de classificação das abordagens sobre marcadores discursivos: dimensões de integração, função e dados.



Fonte: Fischer, 2006b, p. 10.

Seguem alguns exemplos dados pela autora:

- Para o primeiro polo:

- (1) yes, I'm free two to five on Wednesday. **so** how 'bout meeting three to five? (Fischer, 2006b, p. 8)

- Para o segundo polo:

- (2) twenty ninth I think we can agree is horrible for both of us, and, **oh**, let's see, on the thirtieth, the thirtieth's pretty horrible too.
- (3) mbjr_1_12: alright, so, it's, sixteenth, one to three, that's confirmed? thanks, nice doing business with you,
mder_1_13: **yeah**, (Fischer, 2006b, p. 8)

Penhavel (2010) sugere que deve ser acrescentado um terceiro tipo de abordagem: o daquelas que tratam dos dois tipos de marcadores discursivos (integrados e independentes). Tendo em vista o *corpus* que será analisado na pesquisa que aqui se propõe, as abordagens do primeiro tipo são as que mais interessam. Exemplos dessa abordagem são as de Bruce Fraser (1999, 2009), de María Antonia Martín Zorraquino e José Portolés Lázaro (1999) e de Jean-Michel Adam (2011).

Dessa forma, pode-se ver que o estudo dos marcadores está relacionado a diversas teorias, que usam a descrição e explicação dos MDs como mostra de sua validade (Pons Bordería, 1998). Uma obra que apresenta essa relação entre os MDs e as diversas teorias é a organizada por Martín Zorraquino e Montolío Durán (1988), que traz um capítulo para cada

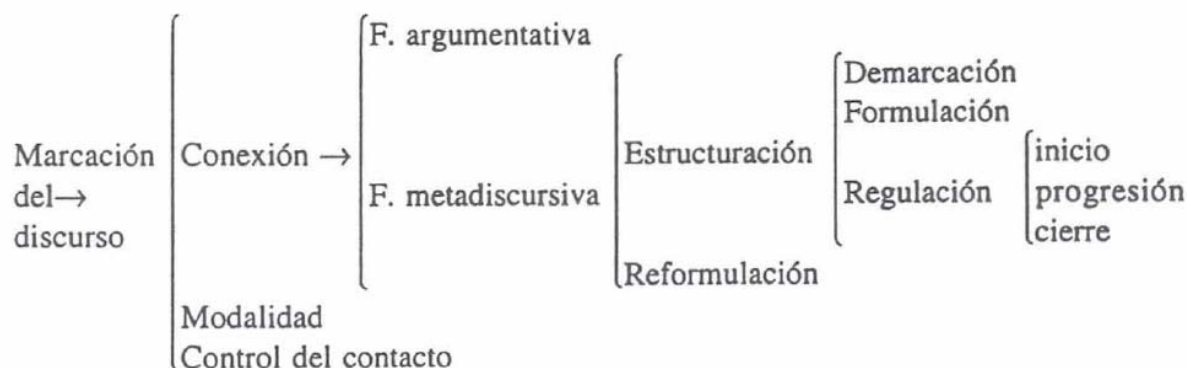
teoria considerada mais produtiva para o estudo dos marcadores discursivos: Linguística Textual, Teoria da Argumentação, Teoria da Relevância e Análise da Conversação.

Os marcadores discursivos têm sido objeto de estudo generalizado, mas a investigação realizada em Espanha, em espanhol, é particularmente produtiva. Assim, começaremos por fazer uma apresentação dos autores e teorias que mais se destacam.

Começaremos por referir a investigação de Pons Bordería. Seu principal trabalho (Pons Bordería, 1998) tem como objetivo descrever um grupo de conectores do espanhol coloquial e toma como base uma série de conversações do registro informal no espanhol peninsular. Segundo o autor, os conectores são um subconjunto da classe mais ampla dos marcadores discursivos, a qual compreende também modalizadores, reformuladores, marcadores de cortesia, entre outros (Pons Bordería, 2001). A classificação de Martín Zorraquino e Portolés (1999), considerada por diversos autores (Fernández Del Viso Garrido, 2012; Pons Bordería, 2006) como uma das mais completas, ilustra isso, pois divide os marcadores discursivos em estruturadores da informação, conectores, reformuladores, operadores argumentativos e marcadores conversacionais (os quais incluem marcadores que se aproximam dos modalizadores e dos marcadores de cortesia).

No entanto, o fato de os conectores serem o subconjunto mais estudado dentre os marcadores discursivos, juntamente com o fato de o termo “conectores” não ser um conceito muito difundido na linguística norte-americana, na qual se utiliza mais o termo *discourse markers*, faz com que os termos sejam muitas vezes confundidos, tomados como sinônimos (Pons Bordería, 2001). Pons Bordería (2000) chama de conectores várias categorias que são englobadas por outros estudiosos, como Martín Zorraquino e Portolés (1999), entre os marcadores do discurso. Isso pode ser verificado no esquema abaixo, que coloca a conexão com uma das funções de marcação do discurso (logo, conectores seriam uma subcategoria de marcadores do discurso):

Figura 2 – Funções de marcação do discurso, segundo Pons Bordería (2000).



Fonte: Pons Bordería, 2000, p. 201.

Dessa forma, Pons Bordería (2000) considera que todos, ou quase todos, os conectores têm valores argumentativos, além de servirem para planificar o discurso e para guiar as inferências que podem ser extraídas dos enunciados.

De forma diferente, em Martín Zorraquino e Portolés (1999), pode-se considerar que as funções de estruturação e reformulação, por exemplo, são cumpridas pelos estruturadores da informação e pelos reformuladores, que são classificados por esses autores como categorias dos marcadores discursivos de “mesmo nível hierárquico” que os conectores (como poderá ser visto mais à frente, no Quadro 2), e não subcategorias dos conectores, como entende Pons Bordería (2000). Pode-se considerar também que as funções de modalidade e controle de contato são cumpridas, em parte, na categorização de Martín Zorraquino e Portolés (1999), pelos marcadores conversacionais, que consistem também em uma categoria de mesmo nível hierárquico que as mencionadas há pouco – estruturadores da informação, conectores, reformuladores e, além destas, os operadores argumentativos.

Para Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4057), marcadores do discurso são

unidades lingüísticas invariables, no ejercen una función sintáctica en el marco de la predicación oracional – son, pues, elementos marginales – y poseen un cometido coincidente en el discurso: el de guiar, de acuerdo con sus distintas propiedades morfosintácticas, semánticas y pragmáticas, las inferencias que se realizan en la comunicación.

Ou seja, são signos que não contribuem diretamente para o significado conceitual dos enunciados, mas que orientam e ordenam as inferências que podem ser obtidas a partir deles. Os autores apontam como propriedades gramaticais dos marcadores os fatos de serem unidades lingüísticas invariáveis com distintos graus de gramaticalização; de ocuparem, na maioria dos casos, a posição inicial dos sintagmas que introduzem; de serem separados, na pronúncia, por

pausas, representadas na escrita por vírgulas, ponto etc.; de não poderem ser especificados por modificadores e complementos; de não poderem se coordenar entre si; de não poderem ser negados; de não poderem ser focalizados por meio da perífrase de relativo. Várias dessas características são também apontadas por Pons Bordería (1998). Além disso, os marcadores discursivos podem se situar em membros discursivos que constituem categorias léxicas e sintagmáticas muito diversas, não apenas orações.

Os autores afirmam também que as formas de significar dos marcadores discursivos constituem um aspecto muito importante de sua descrição. Assim, informam que os marcadores não têm significado conceitual, mas sim um significado de processamento (fornecem instruções semânticas que guiam as inferências que podem ser efetuadas a partir dos membros discursivos nos quais aparecem) – algo também informado por Pons Bordería (2000). As instruções sobre os significados de conexão são utilizadas pelos autores para definirem as categorias de marcadores: os operadores são MDs que afetam apenas um membro do discurso⁴, enquanto os estruturadores da informação, conectores e reformuladores afetam dois ou mais membros. Já os marcadores conversacionais podem se aproximar de um ou outro tipo (Martín Zorraquino & Portolés, 1999). As instruções também podem ser argumentativas (indicando se os enunciados são antiorientados ou co-orientados e se algum dos argumentos tem mais força, constituindo uma escala argumentativa) e podem ser sobre a estrutura informativa (destacam-se nesse aspecto os estruturadores da informação, mas demais categorias também podem fornecer instruções desse tipo). Por fim, os autores afirmam que os marcadores discursivos podem ter diferentes efeitos de sentido, adquiridos no uso discursivo pelo aporte pragmático do contexto. Um exemplo é o uso de *por um lado / por outro lado*, que pode ou não indicar oposição entre dois membros, a depender do contexto.

Um outro trabalho que será levado em conta na presente análise, apesar de algumas divergências pontuais, é o *Dicionário de partículas discursivas do espanhol*, coordenado por Briz, Pons Bordería e Portolés (2008). O trabalho é particularmente importante para o presente estudo por conter traduções dos marcadores listados, em inglês, português e italiano; no entanto, inclui como partículas discursivas expressões que se aproximam dos modalizadores e de alguns fáticos, que não consideramos como marcadores discursivos.

⁴ Este é o caso de *também*, considerado por Jean-Michel Adam (2011), cuja categorização também será levada em conta no presente trabalho, como um organizador textual enumerativo aditivo – categoria que se aproxima dos estruturadores da informação de Martín Zorraquino e Portolés (1999). No entanto, *também* não é mencionado nem descrito, por estes últimos autores, como um marcador discursivo.

A distinção entre operador e conector não foi levada em conta na contabilização dos marcadores.

Em língua inglesa, destacam-se os trabalhos de Schiffrin (1987) – que primeiro usou o termo *discourse markers* –, de Fraser (1999, 2009) e de Blakemore (2002 apud Fraser, 2009). Segundo o próprio Fraser (2009), Schiffrin (1987) estuda os marcadores discursivos com foco na coerência do discurso e considera como marcadores um grupo grande e impreciso de expressões, incluindo entre eles interjeições como *oh* e *now*. De acordo com Pons Bordería (2001), a teoria delineada em Schiffrin (1987) é ampla demais para a descrição da classe dos marcadores discursivos e, por isso, não é mais aceita. No entanto, além da criação do termo *discourse markers*, bastante usado desde então, a ideia de que esses marcadores são elementos multifuncionais por natureza, desempenhando diferentes papéis em diferentes esferas do discurso, é uma contribuição importante do trabalho de Schiffrin que se mantém (Pons Bordería, 2001).

Já Fraser (2009) considera como marcadores discursivos termos que expressam uma relação semântica entre as mensagens, focalizando o papel pragmático desempenhado por esses termos. Dessa forma, o conceito de marcadores discursivos de Fraser é bem mais restrito que o de Schiffrin. Blakemore (2002 apud Fraser, 2009) – que, segundo Pons Bordería (2001), trabalha com os marcadores discursivos como forma de comprovar a adequação da Teoria da Relevância – concorda com Fraser sobre o papel dos marcadores discursivos de sinalizar uma relação semântica entre enunciados, no entanto focaliza apenas aqueles que contêm um significado de processamento em oposição a um significado conceitual.

Fraser (1999) define marcadores discursivos como uma classe de expressões lexicais (principalmente conjunções, advérbios e locuções preposicionais) que sinalizam uma relação entre a interpretação do segmento introduzido (S2) e o segmento anterior (S1) – sendo que S1 e S2 veiculam mensagens separadas, com conteúdo proposicional próprio. O significado central dessas expressões é processual (não conceitual) e é definido de acordo com o contexto.

Embora um marcador discursivo tipicamente relacione apenas o segmento do qual é parte ao segmento imediatamente anterior, nem sempre é esse o caso: tais segmentos não precisam ser adjacentes; S1 não precisa estar no contexto linguístico precedente, mas pode estar no contexto extralinguístico, e; S1 e S2 podem consistir em um conjunto de enunciados. Outra característica é que o MD não precisa ocorrer necessariamente no início de S2, mas pode ocorrer em posição medial ou final. Em relação ao *status* gramatical dos marcadores, eles podem relacionar orações independentes (situação prototípica: “S1. MD+S2”); alguns marcadores podem coordená-las (com utilização de vírgula: “S1, MD+S2”); outros marcadores, que consistem em conjunções subordinativas do ponto de vista sintático, não permitem a forma canônica (em que os segmentos são separados por ponto), mas apenas a separação por vírgula.

Assim, observa-se que, diferentemente de Martín Zorraquino e Portolés (1999), Fraser (1999) considera que conjunções subordinativas podem consistir em marcadores discursivos.

Outra característica apontada por Fraser (1999, p. 941) é a de que “the interpretations of the discourse segments S2 and S1, not simply their semantic readings, must be compatible with the particular DM used in order that a sequence be considered coherent”. Os marcadores podem também relacionar a interpretação explícita de S2 a uma interpretação não explícita (implícita, pressuposta ou implicada) de S1, bem como o tópico de S2 e S1. Em suma, o autor afirma que um marcador discursivo “imposes on S2 a certain range of interpretations, given the interpretation(s) of S1 and the meaning of the DM” (Fraser, 1999, p. 942).

Fraser (1999) destaca que não se pode confundir um MD (como em “Jack played tennis, and Mary read a book”) com uma conjunção (como em “Jack and Mary rode horses”), ressaltando que os marcadores discursivos introduzem mensagens separadas, com conteúdo proposicional próprio, enquanto as conjunções ligam termos dentro de uma mensagem única. Da mesma forma, não se deve confundir marcadores discursivos (como em “There was considerable flooding. As a result (of that), farmers went bankrupt.”) com locuções preposicionais (como em “Farmers went bankrupt as a result of considerable flooding.”).

Segundo o autor, há dois tipos de marcadores discursivos: os que relacionam a interpretação explícita de S2 com algum aspecto de S1 e os que relacionam o tópico de S2 ao de S1. Essa divisão pode ser vista no Quadro 1.

Quadro 1 – Classes de MDs, segundo Fraser, 1999.

MDs (Fraser, 1999: 946-950)			
Classes principais	Sub-classes	Função	Formas incluídas
MDs que ligam mensagens	Marcadores contrastivos	O MD assinala que a interpretação explícita de S2 contrasta com a interpretação de S1	(al)though, but, contrary to this/that, conversely, despite (doing) this/that, however, in comparison (with/to this/that), in contrast (with/to this/that), in spite of (doing) this/that, instead (of (doing) this/that), nevertheless, nonetheless, on the contrary, on the other hand, rather (than (do) this/that), still, though, whereas, yet.
	Marcadores colaterais ou elaborativos	O MD assinala uma relação quase paralela entre S2 e S1 (a mensagem de S2 podendo aumentar ou refinar a de S1)	above all, also, analogously, and, besides, better yet, by the same token, correspondingly, equally, for another thing, further(more), in addition, in any event, in particular, I mean, likewise, more to the point, moreover, namely, on top of it all, or, otherwise, similarly, to cap it all off, too, well, what is more
	Marcadores inferenciais	O MD assinala que se deve tomar S2 como uma conclusão para a qual S1 (e eventualmente outros segmentos) fornece(m) justificacão	accordingly, all things considered, as a (logical) consequence/conclusion, as a result, because of this/that, consequently, hence, in any case, in this/that case, it can be concluded that, of course, on that condition, so, then, therefore, thus
MDs que ligam tópicos	Marcadores de mudança de tópico		back to my original point, before I forget, by the way, incidentally, just to update you, on a different note, speaking of X, that reminds me, to change to topic, to return to my point, while I think of it, with regards to

Fonte: Adaptado de Coutinho, 2008, p. 198.

Em língua francesa⁵, podem ser apontadas as investigações de Roulet et al. (1985 apud Pons Bordería, 2001), inseridas no contexto da Teoria da Argumentação, e de Adam (2011), dentro da Análise Textual dos Discursos, desenvolvida por este autor.

Segundo Pons Bordería (2001), Roulet et al. (1985) pesquisam o papel dos marcadores discursivos como dispositivos que ligam unidades de texto ou de conversaço. A abordagem daqueles autores considera que uma conversa pode ser analisada hierarquicamente, em unidades de nível mais baixo (os “atos”) ou mais alto (as “intervenções” ou “intercâmbios”). Os atos e intervenções são considerados monológicos, enquanto os intercâmbios são dialógicos. Nesse contexto, os marcadores discursivos têm o papel de mostrar a relação entre os diferentes constituintes do discurso.

⁵ O desconhecimento da língua francesa limitou nosso acesso às pesquisas feitas nessa língua. Procuramos superar essa limitação pelo acesso a traduções e a reflexões de outros autores.

Já Adam (2011) estuda os marcadores discursivos (chamados por ele de “conectores”) como elementos de ligação semântica entre unidades de diferentes níveis (palavras, proposições, conjuntos de proposições ou mesmo porções maiores de um texto). Além de exercer essa função de conexão (à qual os organizadores textuais ficam restritos), os conectores podem acrescentar a indicação de responsabilidade enunciativa (no caso dos marcadores de responsabilidade enunciativa e dos conectores argumentativos) e de orientação argumentativa (também indicada pelos conectores argumentativos). A categorização dos conectores por Adam (2011) poderá ser vista com mais detalhe no Quadro 3.

Já em língua portuguesa, no Brasil, as pesquisas acerca dos marcadores discursivos remontam aos anos 1990, com a elaboração da série “Gramática do português falado”. Os capítulos dessa gramática referentes aos marcadores discursivos foram escritos por Risso, Silva e Urbano (2002), que, segundo Penhavel (2010), estudam os marcadores discursivos na área da Linguística Textual (Koch, 2004 apud Penhavel, 2010), mais especificamente no âmbito da Perspectiva Textual-Interativa (Jubran & Koch, 2006; Jubran, 2007 apud Penhavel, 2010). Ainda segundo o autor,

A Perspectiva Textual-Interativa concebe a linguagem como uma atividade sócio-comunicativa, a qual envolve um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos, dentre os quais o conhecimento linguístico-textual e o sócio-interacional. A Perspectiva Textual-Interativa constitui um quadro teórico-metodológico que focaliza a relação entre esses dois tipos de conhecimento. (Penhavel, 2010, pp. 27-28).

Essa perspectiva é desenvolvida por meio do estudo de três fenômenos: o processo de organização tópica, os processos de construção textual e o funcionamento de marcadores discursivos. Esses últimos são vistos como “expressões que contribuem para o processamento textual-interativo do discurso, isto é, expressões que articulam segmentos textuais de natureza tópica e/ou que codificam orientações dos interlocutores em relação ao processo de interação verbal” (Penhavel, 2010, p. 28). Assim, distinguem-se dois tipos básicos de marcadores discursivos, os *basicamente sequenciadores* e os *basicamente interacionais*: os marcadores do primeiro tipo desempenham a função de articulação tópica, enquanto os do segundo tipo exercem a função de orientação da interação. Dessa forma, o autor classifica essa abordagem como uma das que focalizam os dois polos a que se refere Fischer (2006).

Também trabalhando sobre a linguagem oral, Freitag (2001, 2007, 2008, 2017) tem pesquisado os marcadores discursivos sob a perspectiva da sociolinguística variacionista. Outra das formas de investigação está associada a teses de doutoramento, como a do próprio Penhavel (2010), mencionada anteriormente, que se centra sobre a linguagem oral, e a de Fernandes

(2005), intitulada *Los marcadores discursivos en la argumentación escrita: estudio comparado en el español de España y en el portugués de Brasil*, desenvolvida na Universidade de Salamanca a partir de um *corpus* de textos argumentativos das seções de opinião dos periódicos *El País* e *O Estado de São Paulo*. Segundo a autora (Fernandes, 2012), ainda são incipientes, em português, os estudos dos marcadores escritos, mas ainda assim se apresenta uma grande variação terminológica.

Em Portugal há também alguns estudos sobre os marcadores discursivos. Entre eles, salientam-se os trabalhos de Ana Cristina Macário Lopes, que trabalha as dimensões semânticas e pragmáticas de marcadores como *então* (Lopes, 1996), *agora* (Lopes, 1998), *ainda* (Lopes, 2000), *antes* e *depois* (Lopes & Morais, 2000), *já* (Lopes, 2003) e *quer dizer, ou seja e isto é* (Lopes, 2014); os trabalhos de Isabel Margarida Duarte e Rogelio Ponce de León (Duarte & Ponce de León, 2013, 2015, 2017), que estudam os marcadores discursivos de forma comparativa entre o português e o espanhol; a Tese de Doutoramento em Linguística de Maria da Felicidade Araújo Morais, intitulada “Marcadores da estruturação textual: Elementos para a descrição do papel dos Marcadores Discursivos no processamento cognitivo do texto” (Morais, 2011), bem como um capítulo de livro da mesma autora, intitulado “Elementos para uma descrição semântico-pragmática do marcador discursivo *já agora*” (Morais, 2004); e alguns trabalhos de Maria Antónia Coutinho (Coutinho, 2004, 2008), entre eles o artigo intitulado “Marcadores discursivos e tipos de discurso”, no qual a autora faz um paralelo entre o trabalho de Fraser (1999) e o de Jean-Michel Adam (1999; 2008 apud Coutinho, 2008) relativamente aos marcadores discursivos, e relaciona-os com os tipos de discurso de Jean-Paul Bronckart (1997; 2008 apud Coutinho, 2008). Já a pesquisa por “marcadores discursivos”, “partículas discursivas”, “expressões pragmáticas”, “marcadores pragmáticos”, “conjuntos semânticos”, “marcadores conversacionais” e “operadores argumentativos” no portal Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal⁶ retornou como resultados teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos. A maior parte dos trabalhos trata dos marcadores discursivos em contexto de ensino de língua portuguesa ou língua estrangeira, tanto na interação verbal quanto nos textos escritos. Há ainda análises de textos literários e crônicas, trabalhos sobre tradução, trabalhos sobre classificação prosódica, no âmbito da Psicolinguística, e outros no âmbito da Linguística Computacional.

⁶ <https://www.rcaap.pt/>

Das teorías e categorizações apresentadas, consideramos como mais relevantes para este trabalho as de Martín Zorraquino e Portolés (1999) e Adam (2011). Por isso, apresentamos abaixo os quadros de categorização dos marcadores correspondentes a cada uma dessas teorías.

Quadro 2 – Classificação dos marcadores discursivos segundo Martín Zorraquino & Portolés, 1999.

ESTRUCTURADORES DE LA INFORMACIÓN	COMENTADORES		pues, pues bien, así las cosas, etc.
	ORDENADORES		en primer lugar/en segundo lugar/; por una parte/por otra parte; de un lado/de otro lado, etc.
	DIGRESORES		por cierto, a todo esto, a propósito, etc.
CONECTORES	CONECTORES ADITIVOS		además, encima, aparte, incluso, etc.
	CONECTORES CONSECUTIVOS		por tanto, por consiguiente, por ende, en consecuencia, de ahí, entonces, pues, así, así pues, etc.
	CONECTORES CONTRAARGUMENTATIVOS		en cambio, por el contrario, por contra, antes bien, sin embargo, no obstante, con todo, etc.
REFORMULADORES	REFORMULADORES EXPLICATIVOS		o sea, es decir, esto es, a saber, etc.
	REFORMULADORES DE RECTIFICACIÓN		mejor dicho, mejor aún, más bien, etc.
	REFORMULADORES DE DISTANCIAMIENTO		en cualquier caso, en todo caso, de todos modos, etc.
	REFORMULADORES RECAPITULATIVOS		en suma, en conclusión, en definitiva, en fin, al fin y al cabo, etc.
OPERADORES ARGUMENTATIVOS	OPERADORES DE REFUERZO ARGUMENTATIVO		en realidad, en el fondo, de hecho, etc.
	OPERADORES DE CONCRECIÓN		por ejemplo, en particular, etc.
MARCADORES CONVERSACIONALES	DE MODALIDAD EPISTÉMICA	Marcadores de evidencia (I)	en efecto y efectivamente.
		Marcadores de evidencia (II)	claro, desde luego, etc.
		Marcadores orientativos sobre la fuente del mensaje	por lo visto, al parecer.
	DE MODALIDAD DEÓNTICA		bueno, bien, vale, etc.
	ENFOCADORES DE LA ALTERIDAD		hombre, mira, oye, etc.
	METADISCURSIVOS CONVERSACIONALES		bueno, eh, este, etc.

Fonte: Adaptado de Martín Zorraquino & Portolés, 1999, pp. 4081-4082.

Inicialmente, adotamos a teoria de Martín Zorraquino e Portolés (1999), pelo fato de consistir em um dos estudos mais completos – conforme afirmam Fernández Del Viso Garrido (2012), Morais (2011) e Pons Bordería (2006) – e pela semelhança com a língua portuguesa. No entanto, por considerarem que marcadores discursivos são apenas aqueles que não estão integrados à predicação, os autores deixam de incluir em sua categorização MDs como *mas*, *embora*, *ainda que* (*pero*, *aunque*), e aditivos como *e*, *também* (*y*, *también*) etc. Entendemos que tais palavras servem para indicar como o membro discursivo seguinte deve ser interpretado – como um argumento oposto ao anterior e mais forte, no caso de *mas*, ou mais fraco, no caso de *embora*; e como um argumento que se adiciona ao anterior, no caso de *e* e *também* –, portanto cumprem com um dos requisitos para serem consideradas marcadores discursivos. Tanto é que há autores que, apesar de seguirem aquela classificação, consideram *mas* como um marcador discursivo, como é o caso de Fernandes (2012). Além disso, consideramos que alguns marcadores conversacionais de modalidade epistêmica e deôntica aproximam-se da categoria de modalizadores⁷. Por isso, talvez não deveriam ser considerados como marcadores discursivos, sob pena de tornar a categoria tão ampla que deixa de ser operacional considerá-la para a análise.

Outros marcadores que não são contemplados na categorização de Martín Zorraquino e Portolés (1999), também pelo fato de não aparecerem de forma independente, são *quanto a*, *no que concerne a* e outros semelhantes, os chamados marcadores de mudança de tópico. Os comentadores e digressores se aproximam desses marcadores, mas não contemplam de forma suficiente a categoria. Fernández Del Viso Garrido (2012), ao fazer um estudo comparativo das classificações dos marcadores discursivos – especialmente dos estruturadores da informação – em espanhol, parte da proposta elaborada por Martín Zorraquino e Portolés (1999) por considerá-la como uma das mais importantes e mais completas. No entanto, a autora questiona o fato de a noção de tópico ser tratada apenas de forma tangencial pelos autores na definição dos comentadores e digressores, apesar de ser um aspecto fundamental na estruturação da matéria informativa. Isso ocorreu, segundo a autora, não apenas na proposta de Martín Zorraquino e Portolés (1999) mas em todas as propostas analisadas no artigo. A autora lembra que

⁷ Segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (Houaiss & Villar, 2009), modalizador é o “elemento gramatical ou lexical por meio do qual o locutor manifesta determinada atitude em relação ao conteúdo de seu próprio enunciado”. A função de modalização pode ser exercida por advérbios, pelo modo verbal, por verbos auxiliares modais, entre outros mecanismos. Uma classificação desses modalizadores pode ser encontrada em Castilho, A. T. & Castilho, C. M. M de. (1993). Advérbios modalizadores. In R. Ilari (Org.), *Gramática do português falado*. v. II. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp.

La primera característica, y fundamental, de los marcadores discursivos es su significado procedimental; más en concreto, su funcionamiento como guías del proceso interpretativo. Los introductores de tópicos sí cumplirían con este rasgo, pues trabajan al servicio de la estructura informativa. (Fernández Del Viso Garrido, 2012, p. 79).

A autora informa, ainda, que os marcadores de mudança de tópico apresentam semelhanças com os chamados “marcadores integrados”, que são levados em conta por alguns autores – unidades como *apesar de* ou *em vista de*, elementos subordinantes que adotam os padrões entonativos do membro discursivo do qual fazem parte. No entanto, os marcadores de mudança de tópico seriam casos especiais de marcadores integrados pois, diferentemente de *apesar de* etc., não fariam parte da oração, mas de um elemento marginal (*quanto a x, ...*), cumprindo outro requisito dos marcadores discursivos: a posição externa à estrutura oracional.

Também Morais (2011) parte da classificação de Martín Zorraquino e Portolés (1999) para a feitura de sua tese de doutoramento, e também esta autora levanta alguns problemas na classificação proposta por aqueles autores, como a definição de que os operadores argumentativos não relacionam o membro do qual fazem parte com o membro anterior e a vagueza e imprecisão da distinção dessa categoria em relação às demais; a escolha do termo *conectores* para uma das categorias, ao mesmo tempo em que a ideia de relação entre segmentos está presente também nos estruturadores da informação e nos reformuladores; e o fato de os marcadores conversacionais estarem no “mesmo nível hierárquico” dos demais subgrupos, apesar de sua definição basear-se em critérios muito diferentes dos demais – para a autora, os marcadores conversacionais deveriam ser co-hipônimos dos marcadores discursivos, o que se aproxima do esquema proposto por Pons Bordería (2000) na relação entre conexão, modalidade e controle de contato (Figura 2). Para realização do seu trabalho, a autora faz uma adaptação da proposta de Martín Zorraquino e Portolés (1999), excluindo o subtipo dos marcadores conversacionais, condensando os demais subgrupos em três – estruturadores da informação, elaborativos e reformuladores – e incluindo entre os estruturadores da informação os MDs de mudança de tópico.

Pode-se considerar que esses problemas são resolvidos em parte pela categorização de Jean-Michel Adam (2011), que foi por isso adotada no presente trabalho, em conjunto com a proposta de Martín Zorraquino e Portolés (1999) – também Souto (2014) considera essas duas classificações como mais exaustivas. A categorização de Adam é apresentada no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Conectores: classes e categorias, segundo Adam, 2008⁸.

Conectores (segundo Adam, 2008: 179-191)			
Categorias e funções	Subcategorias	Exemplos do português (PB)	
Organizadores textuais (intervêm na estruturação dos planos de texto)	Organizadores espaciais	à esquerda/à direita, antes/depois, em cima/em baixo, mais longe, de um lado/de outro, ...	
	Organizadores temporais	então, antes, em seguida, e então, depois, após, na véspera, no dia seguinte, três dias depois, ...	
	Organizadores enumerativos	Aditivos	e, ou, também, assim como, ainda, igualmente, além disso, ...
		Marcadores de integração linear	de um lado, inicialmente, primeiramente, em primeiro lugar, .../ em seguida, depois, em segundo lugar, .../ por outro lado, enfim, em último lugar, para terminar, em conclusão, ...
	Marcadores de mudança de topicalização	quanto a, no que concerne a, ...	
Marcadores de ilustração e de exemplificação	por exemplo, em particular, como, entre outros, assim, ...		
Marcadores de escopo de responsabilidade enunciativa (atribuem um ponto de vista a partes de texto)	Marcadores de quadros mediadores (ou fontes de saber)	segundo, de acordo com, para, de fonte segura, em Bruxelas, no Partido Socialista, ...	
	Marcadores de reformulação	isto é, dito de outro modo, [N1] é/chama-se [N2], numa palavra, em outras palavras, ...	
	Marcadores de estruturação da conversa e outros fáticos	bom, bem, pior, então, você sabe/tu sabes, você vê/tu vês, eh, ...	
Conectores argumentativos (acumulam funções de segmentação/ligação, de responsabilidade enunciativa e de orientação argumentativa)	Conectores argumentativos marcadores de argumento	porque, já, (uma vez) que, pois, com efeito, como, mesmo, aliás, por sinal, ...	
	Conectores argumentativos marcadores de conclusão	portanto, então, em consequência, ...	
	Conectores contra-argumentativos marcadores de argumento forte	mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, ...	
	Conectores contra-argumentativos marcadores de argumento fraco	certamente, embora, apesar de que, ainda que, ...	

Fonte: Coutinho, 2008, p. 199.

Como se vê, a mudança de tópico – que não se encontra bem contemplada na classificação de Martín Zorraquino e Portolés (1999), sendo parcialmente abrangida pelos comentadores e digressores – é representada pela categoria “MDs que ligam tópicos” em Fraser (1999), exposta no Quadro 1, e pela categoria “marcadores de mudança de topicalização” em Adam (2011).

Como dito anteriormente, nosso trabalho levou em conta o estudo de Martín Zorraquino e Portolés (1999), mas a categorização de Adam (2011) foi tomada como principal por considerarmos mais completa e por dar mais conta dos fenômenos observados no *corpus*. Para tanto, procedemos a uma comparação entre as categorizações, para que os marcadores indicados

⁸ Trata-se da primeira edição em língua portuguesa do original *La linguistique textuelle: introduction à l'analyse textuelle des discours*, feita a partir da segunda edição francesa, publicada também em 2008. Para o presente trabalho, utilizamos a segunda edição em língua portuguesa, revista e aumentada (Adam, 2011).

por Martín Zorraquino e Portolés (1999) fossem considerados, mas integrados na categorização de Adam (2011). Primeiramente, consideramos que as categorias de comentadores e digressores de Martín Zorraquino e Portolés (1999) poderiam ser englobadas pelos marcadores de mudança de topicalização de Adam (2011), enquanto os ordenadores da primeira categorização correspondem aos marcadores de integração linear de Adam (2011). Dessa forma, observa-se que os estruturadores da informação podem ser considerados como organizadores textuais, com a diferença de que estes últimos contemplam organizadores espaciais e temporais (não destacados na primeira categorização), os marcadores de ilustração e exemplificação (que abrangem os operadores de concreção de Martín Zorraquino e Portolés, sendo, no entanto, uma categoria mais ampla), e os marcadores de mudança de topicalização, já abordados.

Os marcadores de escopo de responsabilidade enunciativa de Adam (2011) abrangem os marcadores de reformulação (considerados por Martín Zorraquino e Portolés como uma categoria de “hierarquia superior”) e os marcadores de quadros mediadores, além dos marcadores de estruturação da conversa e outros fáticos, que não foram levados em conta na presente análise por se referirem à linguagem oral e não terem sido encontrados no *corpus*. Os marcadores de reformulação de Adam (2011) englobam também marcadores que são considerados por Martín Zorraquino e Portolés (1999) como operadores de reforço argumentativo (como *na realidade, de fato* etc.). É de salientar que esses últimos autores reconhecem o valor de operador de reforço argumentativo de alguns marcadores considerados por eles como reformuladores; pode-se supor, portanto, que há uma aproximação entre essas duas categorias, e um caso de polifuncionalidade de marcadores. Já os “marcadores de quadros mediadores (fontes de saber)” são contemplados apenas por Adam (2011). Pelo nome, eles poderiam ser confundidos com a categoria “marcadores orientativos sobre a fonte da mensagem” (marcadores conversacionais de modalidade epistêmica), de Martín Zorraquino e Portolés (1999); no entanto, enquanto aquela categoria engloba também marcadores que definem com maior precisão a fonte da mensagem, esta última parece se restringir a marcadores que tiram a responsabilidade enunciativa do locutor, atribuindo-a a uma fonte não identificável ou que pode ser considerada como “senso comum”, dando à informação um caráter de verdade conhecida, doxal.

Alguns outros marcadores conversacionais de modalidade epistêmica de Martín Zorraquino e Portolés (1999) são incluídos na categorização de Adam: é o caso de *com efeito e efetivamente*, que são considerados por este último como conectores argumentativos marcadores de argumento ou como marcadores de reformulação. Ressalta-se, dessa forma, que Adam (2011) também observa a polifuncionalidade dos marcadores discursivos. Os demais

subtipos de marcadores conversacionais de Martín Zorraquino e Portolés podem ser considerados, em parte, como marcadores de estruturação da conversa e outros fáticos, que, como já foi dito, não foram levados em consideração no presente trabalho.

A categoria dos conectores de Martín Zorraquino e Portolés (1999) é, em grande parte, abrangida pela categoria dos conectores argumentativos de Adam (2011); a exceção fica por conta dos conectores aditivos, que podem ser considerados, de acordo com a categorização de Adam, como organizadores textuais enumerativos aditivos, e às vezes como conectores argumentativos marcadores de argumento, categoria não contemplada por aqueles autores. Outra diferença é que Adam (2011) contempla conectores contra-argumentativos marcadores de argumento fraco, e também inclui entre os conectores argumentativos marcadores de conclusão, além dos conectores consecutivos de Martín Zorraquino e Portolés, outros que não são considerados por estes autores. Pode-se dizer que grande parte das diferenças entre essas tipologias na categoria dos conectores se deve a que Adam (2011) inclui em sua categorização os chamados *marcadores integrados* (Fernández Del Viso Garrido, 2012) – elementos subordinantes presentes nas categorias de conectores argumentativos marcadores de argumento e de conectores contra-argumentativos marcadores de argumento fraco –, os quais não são levados em conta por Martín Zorraquino e Portolés (1999).

Portanto, por considerarmos que tais marcadores integrados devem ser também considerados marcadores discursivos – visto que também desempenham o papel de guiar o processo interpretativo do leitor –, acreditamos que a tipologia de Adam (2011) é mais adequada para o presente estudo, mas que as propostas de Martín Zorraquino e Portolés (1999) são também importantes e devem ser levadas em conta. Da mesma forma, assumimos a perspectiva da polifuncionalidade dos marcadores, característica indicada por Pons Bordería (2006)⁹, por Martín Zorraquino e Portolés (1999) e por Adam (2011). Por exemplo, a enumeração nunca é mera enumeração, serve um objetivo discursivo local ou global; por exemplo, a enumeração de argumentos ou fatos permite reforçar a força argumentativa de cada um para uma determinada conclusão. Observa-se, assim, uma dimensão argumentativa clara, confirmando a percepção de Pons Bordería (2000) de que todos, ou quase todos, os marcadores discursivos têm valores argumentativos. No entanto, acreditamos que essa polifuncionalidade

⁹ De acordo com Pons Bordería (2006, p. 5), “It is commonly accepted that connectives are inherently *polyfunctional* linguistic items. Polyfunctionality must be read at two levels: first, at a type level, a connective is polyfunctional if it conveys different values. For instance, the English conjunction *but* is polyfunctional because it expresses contrast—mainly in monologic uses—and disagreement—mainly in dialogic uses—. A second reading of polyfunctionality is possible at the token level: a token of a connective is polyfunctional if it displays different functions at different discourse levels. For instance, in a given context, a token of English *but* can express contrast at a sentence level and disagreement at an interactional level.”

não pode levar a considerar que qualquer palavra pode ser considerada marcador discursivo. É o caso dos marcadores conversacionais de Martín Zorraquino e Portolés (1999), que indicam uma atitude do falante sobre o que diz e que, por isso, contêm alguma carga semântica conceitual e não poderiam ser considerados marcadores discursivos; da mesma forma, palavras que exercem um papel na coesão textual, contribuindo para a progressão temática sem indicar inferências que devem ser extraídas pelo leitor, não poderiam ser consideradas marcadores discursivos.

1.2. O Plano de Texto

A primeira teorização do que hoje é chamado de plano de texto pode ser encontrada na obra do filósofo grego Aristóteles, na *Poética* e na *Retórica*. Enquanto a *Poética* tratava do discurso feito com fins essencialmente literários, a *Retórica* consistia em um tratado sobre o discurso oral feito em público, com fins de persuasão. Entre os princípios estabelecidos para a realização da “arte do bem falar”, estava a classificação e ordenação das várias partes do discurso, o que pode ser considerado como um plano de texto.

O processo de produção do discurso oral argumentativo inclui, segundo Aristóteles, diversas etapas: a *inventio*, que consiste na busca das ideias e argumentos; a *dispositio*, etapa em que se põem em ordem os argumentos; a *elocutio*, que se refere à redação do discurso, cuidando do estilo e da expressão; a *pronuntiatio*, em que se profere o discurso, com atenção à prosódia e aos gestos; e a *memoria*, ou memorização do discurso (Figueiredo & Ferreira, 2016).

Assim, a *dispositio* é a etapa em que se regula a ordenação dos argumentos extraídos da *inventio*. O plano clássico da *dispositio*, conforme elaboração não apenas de Aristóteles mas também de Cícero e Quintiliano, inclui as seguintes partes: *exordium*, que inclui a *captatio benevolentiae* (que objetiva ganhar a confiança do ouvinte) e a *partitio* (que anuncia o conteúdo e a organização do discurso); *narratio*, em que se narram fatos, preparando para a argumentação; *propositio*, em que se anuncia a tese fundamental que sustenta o discurso; *confutatio*, parte na qual são apresentados os argumentos que confirmam determinado ponto de vista e refutados aqueles que o contradizem; *confirmatio*, em que a tese fundamental é reexposta, mas com uma maior carga afetiva; e, por fim, a *peroratio*, em que se resume e enfatiza o que foi exposto ou se anuncia alguma conclusão.

Como referido, este plano era aplicado ao discurso oral, a textos predominantemente argumentativos, dos gêneros deliberativo, epidítico e judicial. O texto argumentativo escrito era organizado de forma dialética em tese, antítese e síntese, enquanto o texto não argumentativo

escrito era composto por introdução, desenvolvimento e conclusão, plano este em voga no contexto escolar até os dias de hoje. No entanto, trata-se de um plano muito vago, que não dá conta da diversidade de gêneros e respectivos planos de texto, por isso não é tomado como ponto de partida para os estudos atuais.

Segundo Jean-Michel Adam (2002), o modelo retórico não leva em consideração a diversidade de planos de texto possíveis. Para a linguística textual, um texto é constituído por unidades menores, organizadas de forma hierárquica segundo um plano que influi na coerência do discurso. Assim, proposições-enunciados constituem os períodos, delimitados pela pontuação, que por sua vez formam sequências e são agrupados em parágrafos com o uso de pontuação, segmentação gráfica e, muitas vezes, marcadores discursivos (conectores). Os parágrafos, por seu turno, são unidades textuais com uma dimensão gráfica (blocos com recuo na primeira linha) e, em termos de conteúdo, normalmente individualizam-se por um tópico ou um subtópico do tópico mais global. Esses parágrafos formam, em alguns gêneros – como no caso dos artigos científicos –, seções, unidades verbais e gráficas próprias do texto escrito, organizadas normalmente por títulos e numeração.

Dessa forma, o plano de texto é uma categoria de análise fundamental no âmbito da Linguística do Texto e da Análise Linguística dos Discursos, que Adam (2011) desenvolve segundo uma abordagem que designa como Análise Textual dos Discursos. Nesse texto, intitulado *A linguística textual*, o autor estabelece as categorias que devem ser levadas em conta na análise textual, partindo da proposição-enunciado como unidade textual elementar e como microunidade enunciativa e textual, passando pelos tipos de ligação das unidades textuais de base, pelas cadeias de atos de discurso, pelos períodos e sequências (unidades composicionais de base) – entre as quais as sequências narrativa, argumentativa e explicativa. Essa estruturação dos textos forma o plano de texto. Nessa progressão, está implicada a responsabilidade enunciativa do locutor que, desse modo, orienta argumentativamente os enunciados. Os conectores, designação que usa para a categoria dos marcadores discursivos, são formas de ligação das unidades textuais de base. Conforme abordado no capítulo anterior, o autor estabelece a seguinte tipologia de conectores: organizadores textuais, marcadores do escopo de responsabilidade enunciativa e conectores argumentativos, cada uma dessas categorias contendo subdivisões. Assim, o autor trata dos marcadores discursivos no âmbito mais amplo da linguística textual, definindo o lugar desta na análise de discursos.

Voltando à questão do plano de texto, isto é, à forma como o texto se organiza, se estrutura em partes, “os planos de texto desempenham um papel fundamental na composição

macrotextual do sentido” e constituem o “principal fator unificador da estrutura composicional” de um texto (Adam, 2011, pp. 257 e 258).

Os planos de texto podem ser convencionais ou fixos (fixados pelo gênero do discurso), caso em que o texto segue total ou parcialmente um plano pré-determinado – é o caso dos sonetos, do verbete de dicionário etc. –, ou ocasionais, quando o plano é criado no momento da elaboração do texto, e “permitem construir (na produção) e reconstruir (na leitura ou na escuta) a organização global de um texto, prescrita por um gênero” (*ibidem*, p. 258). Vale salientar que há uma gradação entre a convencionalidade e a ocasionalidade dos planos de texto. O plano de texto pode ser explicitado no texto por vários mecanismos, entre eles os marcadores discursivos e a segmentação gráfica (costuma ser esse o caso dos artigos científicos, com o uso dos títulos de seções, mas também com os recuos de parágrafos, a pontuação e outros recursos). Essa explicitação é mais necessária quanto menos convencional é o plano de texto.

O plano de texto é em parte definido pelo gênero textual no qual determinado texto é produzido. O conceito de gênero textual remonta à época clássica, com Aristóteles, no entanto foi um conceito que ao longo dos séculos se foi restringindo ao campo da literatura, e assim permaneceu até ser estendido por Bakhtin (1997) a todos os textos ou discursos. Segundo este autor, os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 1997, p. 279) elaborados pelas diversas esferas de utilização da língua. Os enunciados – que, na teoria de Bakhtin, são sinônimos de texto –, por sua vez, são a forma pela qual efetua-se a utilização da língua; são concretos e únicos, podem ser orais ou escritos, e emanam de determinada esfera da atividade humana, refletindo as condições e finalidades dessa esfera em seu conteúdo temático, em seu estilo – seleção operada nos recursos da língua, sejam eles lexicais, fraseológicos ou gramaticais – e em sua construção composicional – que inclui o plano de texto. O autor afirma que os gêneros são tão variados e heterogêneos quão variadas são as esferas de atividade humana, e aquela variedade aumenta à medida que essas esferas se desenvolvem e ficam mais complexas. Ainda assim, é possível afirmar que os gêneros podem ser divididos em *primários* (gêneros que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea – diálogo cotidiano, carta etc.) e *secundários* (gêneros que aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita – romance, artigo científico etc.). No caso do gênero artigo científico, considerando-se sua história – surgiu a partir das cartas informativas que cientistas trocavam sobre seus experimentos (Ard, 1983 apud Swales, 1990) –, pode-se dizer que consiste em um gênero secundário que surgiu a partir da evolução do gênero primário carta, transformação que foi motivada pela criação do primeiro periódico científico, *The Philosophical Transactions of*

the Royal Society, em 1665 (Swales, 1990). O artigo científico consiste, portanto, em um gênero discursivo (modo de dizer sócio-historicamente situado) relativo ao discurso científico (tipo de discurso próprio de uma esfera de atividade verbal).

O gênero artigo científico, especificamente, vem sendo estudado por diversos autores. Um deles é John Swales, que trata desse gênero e de seus planos de texto a partir do quadro teórico do ESP (*English for Specific Purposes*) ou EAP (*English for Academic Purposes*), que aplica a linguística à educação ao analisar especificamente os gêneros acadêmico-científicos.

No livro *Research genres: explorations and applications* (Swales, 2005), o autor trata dos gêneros tese de doutoramento (*Ph.D. dissertation*) e artigo de pesquisa (*research article*), bem como de suas versões orais, a defesa da tese de doutoramento (*Ph.D. defense*) e a comunicação de resultados de pesquisa (*research talk*). Mais especificamente, o autor trata do uso da língua inglesa no contexto acadêmico e na elaboração de tais gêneros. Ao abordar as teses de doutoramento, o autor estabelece que há três tipos principais de plano de texto para esse gênero: tradicional ou IMRD(C) – introdução, método, resultados, discussão e conclusões (opcional) –, complexo (em que há uma compilação de artigos que seguem o plano de texto IMRD) e baseado em tópicos (menos previsível em sua estrutura). Esses planos de texto são adotados em parte também nos artigos científicos, chamados pelo autor de *research articles*. Vale salientar que o autor subcategoriza as comunicações de pesquisa publicadas em série em *theory pieces*, *review articles* (os artigos de revisão de literatura), *experimental/data-based research article* (o mais tradicional) e *shorter communications* (Swales, 2005).

Em livro anterior, intitulado *Genre Analysis: English in academic and research settings*, Swales (1990) havia dedicado maior atenção ao artigo de pesquisa (*research article*), expondo a divisão dos textos desse gênero em cinco partes principais: introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusão – o modelo IMRD –, sendo as seções de resultados e discussão muitas vezes agrupadas e a seção de conclusão opcional. O autor analisa os movimentos retóricos feitos em cada uma dessas seções e também características da linguagem adotada. Segundo o autor, a introdução é composta por três movimentos: 1. estabelecer um território, no qual se reivindica centralidade, se fazem generalizações acerca do tópico e/ou se reveem pesquisas anteriores; 2. estabelecer um nicho, em que se pode, por exemplo, indicar uma lacuna ou levantar perguntas; 3. ocupar o nicho, em que se delineiam propósitos ou se anuncia a pesquisa, anunciam-se os principais achados e indica-se a estrutura do artigo. Esse modelo foi chamado por Swales (1990) de *CARS – Create a Research Space*. Posteriormente, Swales (2005) faz uma releitura desse modelo, segundo o qual, no movimento 1, se estabelece um território por meio de generalizações de especificidade crescente acerca do tema (esse

movimento exige citações); no movimento 2, se estabelece um nicho por meio da indicação de lacuna ou do acréscimo ao conhecimento prévio e, opcionalmente, pela apresentação de justificativa positiva; e no movimento 3, de apresentação do trabalho, se apresenta a pesquisa descritivamente ou de forma propositiva, apresentando, opcionalmente, perguntas de pesquisa ou hipóteses, clarificações de definições e um resumo dos métodos, entre outros aspectos.

A seção de métodos é a que mais apresenta diferenças entre as várias disciplinas, segundo Swales (2005). Essa seção é composta por uma combinação de materiais utilizados e procedimentos adotados, seguidos, em algumas áreas, por descrições de aparelhos empregados e/ou dos tipos de análises estatísticas escolhidas. Tais seções configuram-se, segundo o autor, como *clipped texts* e *elaborated texts*. Os *clipped texts* são textos de metodologia mais curtos, que pressupõem o conhecimento prévio da metodologia geral – por isso não apresentam definições de termos e exemplos e usam siglas e citações de forma a abreviar a descrição dos procedimentos –, evitam subseções nomeadas e fornecem poucas justificativas para escolhas metodológicas. Já os *elaborated texts* são textos de metodologia mais extensos, que consideram necessário fornecer informações acerca de metodologias previamente estabelecidas – descrevendo os procedimentos adotados ao invés de utilizar citações e abreviaturas –, frequentemente contêm subseções, fornecem definições, exemplos e ilustrações conforme necessário, incluem justificativas dos procedimentos adotados e tendem a ter uma ampla gama de *linking phrases* (lógicas, temporais e espaciais) – marcadores discursivos – no início das frases.

As seções de resultados, discussão e conclusão, tratadas de forma conjunta por Swales (1990), pode ser composta dos seguintes movimentos: 1. informação prévia, em que se recapitulam tópicos principais ou informações teóricas ou técnicas; 2. declaração de resultados (movimento quase obrigatório); 3. resultado (in)esperado, em que se comenta se os resultados alcançados eram esperados ou não; 4. referência a pesquisa prévia (provavelmente o movimento mais comum depois dos dois primeiros), com o intuito de comparar ou fornecer suporte à pesquisa; 5. explicação, em que se sugerem razões para resultados inesperados ou divergentes dos reportados na literatura; 6. exemplificação, usada para apoiar uma explicação; 7. dedução e hipótese, em que se faz uma afirmação sobre a generalização dos resultados relatados, e; 8. recomendação, em que o pesquisador defende a necessidade de mais pesquisas ou faz sugestões sobre possíveis linhas de investigação futura.

Os resumos (*abstracts*) são tratados por Swales (1990) como gêneros diferentes; no entanto, eles costumam fazer parte dos artigos, juntamente com as palavras-chave e as referências bibliográficas. Segundo Souto (2014), os dois primeiros fazem parte dos elementos

pré-textuais dos artigos (juntamente com título e subtítulo), enquanto as referências bibliográficas fazem parte dos elementos pós-textuais, juntamente como elementos opcionais como glossário, apêndice, anexos e agradecimentos. Portanto, os resumos fazem parte dos artigos científicos e podem ser analisados juntamente com as demais partes que formam o padrão IMRD(C).

Outros trabalhos que abordam o plano de texto geralmente o fazem no estudo dos gêneros textuais-discursivos. É o caso dos trabalhos de Maria Antónia Coutinho e Florencia Miranda, em Portugal, que fazem suas pesquisas no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo, de Paulo Nunes da Silva, também em Portugal, no âmbito da linguística textual, e de Joana Vieira Santos, em relação aos gêneros acadêmico-científicos. Já no Brasil, há algumas dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos que analisam planos de texto em gêneros específicos, como sentenças judiciais, cartas e redações de vestibular. Todos tomam como suporte teórico a Análise Textual dos Discursos de Jean-Michel Adam.

1.3. *O Discurso Científico*

Segundo Souto (2014), o gênero artigo científico está inserido na esfera científica, juntamente com outros gêneros, como o ensaio, a conferência, o relatório, o artigo de divulgação científica, a tese, a dissertação, etc. Com exceção do artigo de divulgação (ou vulgarização) científica, que é voltado para o público leigo, os gêneros da esfera científica são caracterizados principalmente por serem textos escritos por especialistas para especialistas. Assim, “o discurso científico é restrito a um domínio sociocultural delimitado por indivíduos capacitados a apropriar-se dos símbolos científicos presentes no artigo e a avaliar seus valores” (Souto, 2014, p. 21).

A partir do trabalho de descrição de alguns dos gêneros do discurso científico feito por Swales (1990) – no quadro dos estudos de linguagem para fins específicos (ESP ou *English for Specific Purposes*) – e da constatação de que, contrariamente ao que se divulgava, tais gêneros não são totalmente neutros e objetivos, surgiu o interesse por detalhá-los do ponto de vista do discurso: observar os traços de autoria, a manifestação de outras vozes e a interação que se estabelece entre autor e leitor e/ou comunidade discursiva, em diferentes disciplinas e línguas. Exemplo desse estudo é o desenvolvido por Kjersti Fløttum, Trine Dahl e Torodd Kinn, apresentado no livro *Academic Voices*, de 2006 – estudo este feito não no quadro da linguagem para fins específicos, mas a partir de perspectivas mais amplas da análise dos discursos, como também o fazem os autores citados a seguir.

Outro pesquisador que trabalha nessa linha sobre o discurso acadêmico-científico é Ken Hyland. Ele focaliza o ensino do inglês como língua de divulgação de conhecimento (tema também abordado por Swales, 2005), os gêneros acadêmicos, a interação na escrita acadêmica (Hyland, 2005) e a forma como os autores exprimem sua identidade no discurso científico, apesar das restrições colocadas pelas convenções de suas disciplinas (Hyland, 2012).

O discurso acadêmico-científico é, segundo Hyland (2011), marcado por uma argumentação que busca um efeito persuasivo, busca a concordância dos leitores. O modo de argumentar para alcançar essa persuasão segue convenções próprias de cada disciplina, o que é comprovado também pela pesquisa de Fløttum *et al.* (2006). Além disso, as formas de expressar ideias e estruturar argumentos e os recursos linguísticos utilizados variam também de acordo com a língua e o grupo cultural ao qual pertence o autor, o que também é corroborado pela pesquisa de Fløttum *et al.* (2006). Por fim, a persuasão envolve também negociações interpessoais, que ocorrem, por vezes, por meio do reconhecimento de diferentes pontos de vista, pela inclusão, no texto, de diferentes vozes. Isso pode caracterizar o “drama polifônico” a que se refere Fløttum *et al.* (2006, p. 29): “different voices and roles are dramatised by the author, interacting with readers and other researchers”. Por fim, pode-se dizer que o discurso acadêmico-científico, outrora considerado objetivo, impessoal e reflexo da realidade, é caracterizado atualmente como argumentativo e persuasivo, tendo o intuito de construir o conhecimento e negociar relações sociais (Hyland, 2011).

Capítulo 2 – O *corpus*. Descrição e metodologia de recolha e análise

O quadro teórico selecionado implica o trabalho com dados autênticos. Por isso, elegemos como *corpus* artigos científicos publicados na Revista *Principia*, periódico editorado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPB), instituição de ensino técnico, tecnológico e superior localizada no estado da Paraíba, Brasil. Tais artigos são escritos em português brasileiro, que apresenta especificidades relativamente ao português europeu atual, no que concerne aos usos de certos marcadores discursivos. Um exemplo dessa especificidade é o uso de *entretanto*, que perdeu, na maioria dos casos no português brasileiro, o valor temporal e é usado principalmente com valor de oposição ou contraste, sendo considerado tradicionalmente como conjunção coordenativa adversativa e, ao nível das relações discursivas, como marcador discursivo.

Inicialmente será feita uma análise dos planos de texto encontrados nos artigos, com especial atenção às subdivisões de acordo com o padrão IMRD(C) estabelecido por Swales (2005). Em seguida, será observada a ocorrência de marcadores discursivos, usando estatística descritiva básica (registro das ocorrências e de sua frequência) como fase prévia de análise. A partir desses dados será feita uma análise qualitativa, com especial atenção para os organizadores textuais.

2.1. *Descrição do corpus*

A escolha do *corpus* tem a ver com razões profissionais. A mestrande trabalha como revisora de textos na Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), e tem entre suas atribuições a revisão linguística dos artigos a serem publicados na Revista *Principia*, periódico científico editado pela instituição. A diversidade desse material de trabalho está na origem do interesse pelo estudo de seus aspectos discursivos, em particular do uso de marcadores discursivos na sua relação com o plano de texto.

A Revista *Principia* é um periódico multidisciplinar cujo escopo é divulgar principalmente o resultado da pesquisa científica e tecnológica feita no âmbito do IFPB. O periódico começou a ser publicado em 1996, quando o instituto ainda se chamava Escola Técnica Federal da Paraíba (ETFPB). Pode-se dizer que a revista evoluiu com a instituição. A ETFPB oferecia cursos técnicos de nível médio à população, cujos professores eram, em sua maioria, apenas licenciados, e tinham pouco estímulo para prosseguirem com sua capacitação. Apesar disso, a partir de um levantamento sobre a qualificação profissional dos professores,

feito em 1995, constatou-se que havia uma quantidade considerável de mestres e especialistas, cuja produção intelectual precisava ser divulgada e incentivada. Com esse intuito foi criada a Revista *Principia*, cujo nome foi escolhido em homenagem à obra *Principia Mathematica*, de Isaac Newton, que marcou o início da ciência moderna no mundo ocidental (Bandeira, 2014).

Em 1999, a ETEPB passou a se chamar Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET-PB), como consequência da Lei nº 8.948, de 1994, que instituiu o Sistema Nacional de Educação Tecnológica¹⁰. Com isso, a instituição passou a ofertar cursos superiores de tecnologia e engenharia, diversificando as áreas profissionais contempladas, o que acarretou um estímulo à pesquisa científica e tecnológica e à sua publicação.

Em 2008, nova mudança: a Lei nº 11.892 instituiu a Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, ocasionando a transformação do CEFET-PB em IFPB e a consequente diversificação de sua área de atuação: além dos cursos superiores de tecnologia, a instituição passou a ofertar cursos de bacharelado e licenciatura (termo usado no Brasil para os cursos superiores de formação de professores) nas diversas áreas do conhecimento, além dos cursos técnicos de nível médio. Assim, surgiram, por exemplo, cursos na área de gestão e a Licenciatura em Letras, na área das Humanidades. Além disso, a pesquisa aumentou, com programas de bolsas de iniciação científica para alunos de graduação e mesmo do ensino médio (equivalente ao ensino secundário português; a partir da transformação em IFPB, ocorre sempre integrado ao ensino técnico). Essa mudança teve reflexo na Revista *Principia*, que também passou a apresentar uma maior diversidade nos artigos publicados, tanto no que se refere às áreas de conhecimento dos artigos quanto ao nível de escolaridade dos autores.

Até o ano de 2014, a revista não contava com um editor científico, apenas com um conselho editorial. A partir de 2015, com a nomeação de um editor, o processo de avaliação e admissão de artigos ganhou agilidade, e o número anual de edições da revista aumentou, de duas edições de 2011 a 2014 para três em 2015 e quatro em 2016 e 2017. Além disso, buscou-se divulgar o periódico em outras instituições, e assim publicar maior quantidade de artigos de autores externos. Por fim, tem havido um esforço para melhorar a avaliação da revista no Qualis – “sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos” que “disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção”¹¹. Esses veículos são enquadrados nos extratos A1 (o mais elevado), A2, B1, B2, B3, B4, B5 ou C, indicativos da qualidade dos periódicos. Essa classificação é atualizada

¹⁰ Informações obtidas em <https://editor.ifpb.edu.br/institucional/historico>.

¹¹ Informações obtidas em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>.

anualmente e atribuída por áreas de avaliação. Um periódico que publique artigos em áreas de avaliação distintas pode ter avaliações diferentes para cada uma das áreas – é o caso da Revista Principia, que atualmente apresenta conceito Qualis C nas áreas de Ciência da Computação, Ciências Biológicas I, Biodiversidade, Astronomia / Física, Química, Sociologia e Educação; Qualis B5 nas áreas de Ciências Agrárias I, Geociências, História, Engenharias I, Engenharias II, Engenharias III e Engenharias IV, Ciências Ambientais e Letras / Linguística; Qualis B4 nas áreas de Psicologia, Serviço Social e Interdisciplinar; e Qualis B3 nas áreas de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis, Turismo e Ensino.¹²

Os artigos a serem publicados na revista devem ter conteúdo original e inédito e não podem estar em avaliação para publicação em outro periódico. Podem ser redigidos em língua portuguesa ou inglesa e devem ser submetidos eletronicamente, por meio do *software* Open Journal System (OJS) no Portal de Periódicos Eletrônicos do IFPB. Os artigos devem ter no máximo seis autores e conter entre 8 e 14 páginas.¹³

A avaliação dos originais é feita por no mínimo dois avaliadores *ad hoc* convidados, que têm como critérios de avaliação: originalidade do trabalho; qualidade da pesquisa; relevância da pesquisa para a área de conhecimento que se propõe; apresentação das ideias (encadeamento lógico, recursos gráficos, referências, etc.) – a organização discursiva, portanto. A partir desses critérios, os avaliadores atribuem uma pontuação aos artigos e podem também sugerir melhorias, seja para submissão de uma versão revisada, em caso de aceite, ou para nova submissão do artigo, em caso de rejeição.¹⁴

Após o aceite do artigo e a submissão de versão revisada pelo autor, conforme o caso, o artigo passa por revisão linguística, que deve ser verificada pelo autor, e por diagramação com posterior revisão de provas¹⁵. Ao final, a revista é disponibilizada no Portal de Periódicos Eletrônicos do IFPB de forma gratuita, com acesso livre.

Tudo isso tem propiciado uma maior diversidade de áreas de conhecimento e de autores, que vão desde alunos de ensino médio e licenciatura a professores doutorados, o que enseja estudos sobre as diferenças no discurso acadêmico e, mais especificamente, sobre como são usados os marcadores discursivos no quadro da estruturação discursiva e do plano de texto em particular.

¹² Informações obtidas em <http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/about/submissions>.

¹³ Informações obtidas em <http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/about/submissions#authorGuidelines> e <http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/about/#item-0>.

¹⁴ Informações obtidas em <http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/about/#item-0>.

¹⁵ Informações obtidas em <http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/about/aboutThisPublishingSystem>.

Assim, o *corpus* é constituído por artigos selecionados dentre os publicados na Revista Principia entre 2015 e 2017, nas edições de número 26 a 37, com exceção da revista de número 34 (essa edição foi desconsiderada desde o início, pois consiste em um número especial que publicou artigos de um evento na área de Educação em Engenharia). Foi publicado nessas edições um total de 140 artigos, nas áreas de Ciência da Computação, Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Engenharias I, Engenharias II, Engenharias III, Engenharias IV, Linguística e Letras, Ensino e Multidisciplinar. As áreas de conhecimento dos artigos são indicadas pelos autores a partir de lista disponibilizada na página de submissão, construída, por sua vez, a partir da Tabela de Áreas de Conhecimento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), fundação do Ministério da Educação brasileiro responsável pela avaliação e pelo reconhecimento de cursos de mestrado e doutorado em âmbito nacional¹⁶. No entanto, observa-se que há alguma discrepância nessa definição das áreas de conhecimento: enquanto Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Multidisciplinar são grandes áreas na tabela da CAPES, as demais são áreas de avaliação subordinadas a grandes áreas: Ciência da Computação é uma área de avaliação incluída nas Ciências Exatas e da Terra; Educação é uma subárea incluída nas Ciências Humanas; Engenharias I, II, III e IV são áreas de avaliação da grande área das Engenharias; Linguística e Letras é uma área de avaliação incluída na grande área Linguística, Letras e Artes; e Ensino é uma área de avaliação incluída na grande área Multidisciplinar. Além disso, mesmo essas subáreas podem englobar outras áreas bastante diferentes entre si. Ressalte-se ainda que o processo de avaliação dos artigos pode ocasionar mudança da área de conhecimento, portanto as áreas indicadas na publicação final da revista nem sempre são aquelas escolhidas pelos autores no momento da submissão.

Os artigos têm entre um e sete autores cada, sendo a média de 3,5 autores por artigo; o número de páginas de cada artigo varia de cinco a dezesseis nas versões finais (diagramadas), sendo a média de 9,6 páginas por artigo. A grande diferença entre o número mínimo e o número máximo de páginas por artigo bem como a ocorrência de um artigo com sete autores podem dever-se a mudanças nas normas de submissão ocorridas em meados de 2015, entre elas o aumento do número mínimo de páginas que os artigos deveriam ter para serem aceitos.

¹⁶ Informação obtida em <http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>.

2.2. Recolha do corpus

Para a recolha do *corpus* (*download* dos artigos para análise), foi utilizado o sistema de submissão *on-line* de artigos da Revista Principia. Por meio do acesso como editor, foi possível fazer o *download* das versões originais dos artigos. Decidiu-se não analisar as versões finais publicadas devido a estas terem passado pela revisão linguística feita no processo de editoração, revisão essa que pode interferir no uso dos marcadores discursivos e até mesmo nos planos de texto, tornando os resultados da pesquisa menos condizentes com a real escrita dos autores. Como dito anteriormente, foram recolhidos artigos dos anos 2015, 2016 e 2017, sendo o ano de 2015 escolhido como recorte temporal por ter sido o ano de implementação do sistema de submissão *on-line* e também de mudança nas diretrizes para submissão de artigos. Em virtude do período de adaptação dos autores à nova forma de submissão, no qual houve ainda envio de artigos por e-mail, a edição de número 27, publicada nesse ano, tinha disponível no sistema a versão original de apenas três artigos, enquanto nenhum dos artigos da revista de número 26 estava disponível em sua versão original. Por isso, nem todos os artigos publicados em 2015 foram salvos para análise. Dessa forma, foram recolhidos artigos das revistas de números 27 a 37 (com exceção do número 34, pelo motivo exposto anteriormente).

A quantidade de artigos recolhidos por área de classificação é apresentada na Tabela 1:

Tabela 1– Quantidade de artigos por área de conhecimento.

Área de conhecimento	Quantidade de artigos
Ciência da Computação	11
Ciências Agrárias	16
Ciências Biológicas	1
Ciências Exatas e da Terra	14
Ciências Humanas	7
Ciências Sociais Aplicadas	7
Educação	11
Engenharias I	8
Engenharias II	1
Engenharias III	10
Engenharias IV	7
Linguística e Letras	8
Ensino	2
Multidisciplinar	9

Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se que, com exceção das áreas de Ciências Biológicas e Engenharias II, com um artigo cada, e Ensino, com dois artigos, o número mínimo de artigos nas demais áreas é sete. No entanto, para determinar a quantidade de artigos a serem analisados, é preciso levar em conta ainda o *status* dos autores, tendo em vista que se pretende observar as diferenças do plano de texto e do uso dos marcadores discursivos não apenas entre as áreas de conhecimento, mas também entre os diversos estatutos dos autores.

Após a recolha dos arquivos, foi necessário buscar na Plataforma Lattes a formação e *status* dos autores à época da submissão dos artigos, dado que tal informação não estava disponibilizada na maior parte dos artigos da revista. A maioria dos artigos têm mais de um autor, que são desde alunos de cursos técnicos a pós-doutores e livres-docentes – geralmente os autores de um mesmo artigo têm estatutos diferentes, e muitas vezes são orientadores e orientandos uns dos outros. Para comparação entre artigos de pesquisadores de carreira e de pesquisadores iniciantes, optou-se por separar os artigos em dois grandes grupos: artigos com autoria apenas de doutorados e artigos com autoria apenas de não doutorados. Essa separação apresentou o resultado exposto na Tabela 2:

Tabela 2 – Quantidade de artigos de doutorados e de não doutorados, por área de conhecimento.

	Apenas doutorados	Apenas não doutorados
Ciência da Computação	1	1
Ciências Agrárias	1	2
Ciências Biológicas	0	0
Ciências Exatas e da Terra	2	3
Ciências Humanas	1	3
Ciências Sociais Aplicadas	0	2
Educação	1	4
Engenharias I	0	1
Engenharias II	0	0
Engenharias III	1	1
Engenharias IV	2	0
Linguística e Letras	2	3
Ensino	1	0
Multidisciplinar	1	4

Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se que duas áreas – Ciências Biológicas e Engenharias II – não apresentaram artigos escritos apenas por doutorados nem artigos escritos apenas por não doutorados. Isso era esperado, tendo em vista que cada uma dessas áreas teve apenas um artigo publicado no período

observado. Além disso, as áreas de Ciências Sociais Aplicadas e Engenharias I não apresentaram artigos com autoria apenas de doutorados, enquanto as áreas de Engenharias IV e Ensino não apresentaram nenhum artigo de autoria apenas de não doutorados. As demais áreas apresentaram, em sua maioria, apenas um artigo com autoria apenas de doutorados, o que inviabiliza uma comparação dentro de cada área. Dessa forma, optou-se por agrupar as áreas de conhecimento em dois grandes grupos: Ciências Exatas e da Natureza (englobando Ciência da Computação, Ciências Agrárias, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias I, III e IV) e Ciências Humanas e Sociais (englobando Ciências Humanas, Educação, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística e Letras e Ensino). O artigo da área Ensino, intitulado *Dissertações e teses em História e Epistemologia da Matemática: contribuições para a abordagem da Geometria Espacial no Ensino Médio*, foi incluído no grande grupo Ciências Humanas e Sociais, por se relacionar à área de Educação, enquanto os artigos da área Multidisciplinar foram distribuídos nesses dois grandes grupos conforme o assunto principal abordado. Dessa forma, a redistribuição resultou nas quantidades apresentadas na Tabela 3:

Tabela 3 – Quantidade de artigos de doutorados e de não doutorados, por grandes grupos (Ciências Exatas e da Natureza e Ciências Sociais e Humanas).

		APENAS DOUTORADOS	APENAS NÃO DOUTORADOS
CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA	Ciência da Computação	1	1
	Ciências Agrárias	1	2
	Ciências Exatas e da Terra	2	3
	Engenharias I	0	1
	Engenharias III	1	1
	Engenharias IV	2	0
	Multidisciplinar	0	3
TOTAL Ciências Exatas e da Natureza		7	11
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS	Ciências Humanas	1	3
	Ciências Sociais Aplicadas	0	2
	Educação	1	4
	Linguística e Letras	2	3
	Ensino	1	0
	Multidisciplinar	1	1
TOTAL Ciências Sociais e Humanas		6	13

Fonte: dados da pesquisa.

Essa divisão em dois grandes grupos resolveu boa parte das inconsistências de classificação dos artigos em áreas. Nos demais casos, optou-se por manter as classificações apresentadas na revista.

Assim, como o menor número de artigos entre os grupos foi de seis, no grupo dos artigos com autoria apenas de doutorados na área de Ciências Sociais e Humanas, definiu-se o número de seis artigos para analisar em cada subgrupo: doutorados das Ciências Exatas e da Natureza, não doutorados na mesma área, doutorados das Ciências Sociais e Humanas e não doutorados na mesma área, totalizando 24 artigos. Em seguida, foram escolhidos os seis artigos de cada subgrupo, tendo em consideração 1) o equilíbrio das subáreas e 2) a quantidade de páginas de cada artigo. Como terceiro critério, também o grau de escolaridade foi levado em conta na seleção de artigos de não doutorados (foram priorizados os artigos cujos autores eram ainda mais iniciantes). Os artigos escolhidos para análise são os listados na Tabela 4.

Tabela 4 – Artigos selecionados e quantidade de páginas.

	DOUTORADOS	Subárea	Páginas	NÃO DOUTORADOS	Subárea	Páginas
CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA	CEN-D 1	Ciência da Computação	11	CEN-ND 1	Ciência da Computação	11
	CEN-D 2	Ciências Agrárias	8	CEN-ND 2	Ciências Agrárias	8
	CEN-D 3	Ciências Exatas e da Terra	7	CEN-ND 3	Ciências Exatas e da Terra	8
	CEN-D 4	Ciências Exatas e da Terra	14	CEN-ND 4	Ciências Exatas e da Terra	9
	CEN-D 5	Engenharias III	15	CEN-ND 5	Engenharias I	13
	CEN-D 6	Engenharias IV	14	CEN-ND 6	Multidisciplinar	8
TOTAL Ciências Exatas e da Natureza			69			57
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS	CSH-D 1	Ciências Humanas	10	CSH-ND 1	Ciências Humanas	8
	CSH-D 2	Educação	8	CSH-ND 2	Ciências Sociais Aplicadas	11
	CSH-D 3	Linguística e Letras	8	CSH-ND 3	Educação	8
	CSH-D 4	Linguística e Letras	9	CSH-ND 4	Educação	7
	CSH-D 5	Ensino	12	CSH-ND 5	Linguística e Letras	8
	CSH-D 6	Multidisciplinar	9	CSH-ND 6	Multidisciplinar	14
TOTAL Ciências Sociais e Humanas			56			56

Legenda: CEN-D: artigos de doutorados em Ciências Exatas e da Natureza
 CEN-ND: artigos de não doutorados em Ciências Exatas e da Natureza
 CSH-D: artigos de doutorados em Ciências Sociais e Humanas
 CSH-ND: artigos de não doutorados em Ciências Sociais e Humanas

Fonte: dados da pesquisa.

2.3. *Análise do corpus*

Em seguida à definição dos artigos a serem analisados, passou-se à observação dos planos de texto de cada artigo, com especial atenção à divisão em seções e subseções, de forma a comparar com o padrão IMRD(C) observado por Swales (1990, 2005). Concomitantemente, foram observados os marcadores discursivos presentes nas diferentes seções, de acordo com a categorização estabelecida por Martín Zorraquino e Portolés (1999). Durante esta análise, percebemos que tal categorização não dava conta de todos os fenômenos observados, por isso passamos a adotar a categorização de Adam (2011), mais abrangente, sem desconsiderar o estudo feito por Martín Zorraquino e Portolés (1999). A partir das ocorrências encontradas e de sua relação com o plano de texto, com as subseções dos artigos, extraímos algumas conclusões. Em seguida, observamos com mais detalhe as ocorrências dos organizadores textuais. Os resultados dessa análise são apresentados a seguir.

Capítulo 3 – Os planos de texto na Revista Principia

Como explanado no capítulo teórico acerca do plano de texto (Capítulo 1, seção 1.2), o plano de texto inclui unidades menores como seções, parágrafos, períodos, etc. Adam (2011) estabelece que a unidade textual elementar é a proposição ou enunciado. Essa unidade compõe os períodos, por meio da segmentação gráfica promovida pela pontuação (a par destas unidades, o autor deu saliência, quase exclusiva nos seus primeiros textos, a uma outra, a sequência¹⁷). Em seguida, temos a formação de parágrafos e estes, por sua vez, vão integrar as seções, unidades temáticas, individualizadas graficamente por diferentes dispositivos. Todos esses elementos configuram o plano de texto, que agrega, portanto, um conjunto de elementos de natureza verbal ou não verbal que estruturam o discurso. Na presente análise vamos centrar-nos nas seções, comparando os artigos analisados com o padrão IMRD(C) observado por Swales (1990, 2005) para os artigos científicos, conforme exposto no capítulo teórico acerca do plano de texto (Capítulo 1, seção 1.2).

O plano de texto estabelecido para os artigos pode ser considerado como convencional ou fixo, sendo em parte pré-definido pelo modelo (*template*) disponibilizado na página da Revista Principia¹⁸. Tal modelo indica a necessidade de título, nomes dos autores com endereços de e-mail e nome da instituição à qual são filiados, resumo e palavras-chave nas línguas portuguesa e inglesa, o plano de texto principal – introdução, referencial teórico, método da pesquisa, resultados da pesquisa, conclusão/considerações – e referências bibliográficas. Essa estrutura é explicitada por títulos de seções e subseções, normalmente numeradas. Como se pode ver, o plano de texto definido pela revista corresponde, na maior parte, ao plano IMRD(C), identificado por Swales (2005) – a exceção fica por conta da seção “referencial teórico”, que consta no *template* da revista, mas não no modelo de Swales, e pela seção “Resultados da pesquisa”, que, conforme informa o *template*, consiste no “item no qual os resultados são apresentados e discutidos de forma sintética”. Dessa forma, observa-se que o *template* junta em uma única seção as seções intituladas por Swales (2005) como “Resultados” e “Discussão”. No entanto, nem todos os artigos fazem essa junção, e alguns diferem do *template* em outros aspectos, como se poderá ver no Quadro 4, a seguir (a seção Resumo não consta no quadro, mas está presente em todos os artigos). Outra diferença é que a seção de

¹⁷ Em *Les textes: types et prototypes* (1985), o autor determinou cinco classes de sequências: narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas e dialogais. Reconhecemos a importância da dimensão de sequência, mas na presente análise vamos centrar-nos na dimensão verbo-gráfica (disposição na página) das seções.

¹⁸ <http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/about/submissions#authorGuidelines>

Conclusão é colocada por Swales (2005) como opcional, mas consta como seção “obrigatória” no *template* da revista e é vista da mesma forma pelos autores – como se verá, apenas um artigo deixa de incluir tal seção.

Nos artigos analisados, a seção de *Introdução* geralmente faz um enquadramento do tema abordado, por vezes com uso de referências bibliográficas (especialmente nos artigos que não contêm a seção de referencial teórico) e de informações acerca de legislação (em alguns artigos das humanidades que abordam temas regulados por legislação), além de outros dados. Esta seção contém ainda a justificativa e os objetivos da pesquisa, bem como perguntas de investigação e/ou hipóteses.

Nos artigos que não contêm seção de metodologia, tais informações costumam aparecer na introdução. Em alguns artigos apareceram também exposições da organização textual seguinte, das seções que aparecerão a seguir, o que Swales (2005) chama de metadiscorso prospectivo ou *roadmapping*.

Já a seção de *Referencial teórico* costuma enquadrar melhor o tema, com o aporte de teorias e trabalhos anteriores feitos sobre o mesmo assunto, ou da legislação relacionada, especialmente em alguns artigos das humanidades que analisam questões para as quais há regulação por meio de legislação. Nos artigos de revisão de literatura, essa costuma ser a seção mais extensa, trazendo a lista dos trabalhos encontrados sobre o tema abordado.

A seção de *Método da pesquisa* traz, em alguns artigos, as ferramentas e a metodologia utilizadas para coleta e análise dos dados; em outros, um relato ou passo-a-passo de como os dados foram coletados e analisados ou a pesquisa foi feita. Costumam ser citados métodos como pesquisa bibliográfica, entrevistas, coleta de dados, análise estatística etc.

A seção de *Resultados da pesquisa* é a mais variada; pode trazer dados quantitativos, com gráficos e tabelas, nos artigos das ciências exatas mas também em alguns artigos das humanidades, e análises de entrevistas em artigos das humanidades. Há também a comparação com resultados alcançados em outros trabalhos.

Nos artigos de revisão de literatura subdivididos em seções que seguem o padrão do *template* da revista ou do IMRD(C), enquanto a seção de método da pesquisa menciona a revisão bibliográfica como metodologia seguida, a seção de resultados traz um levantamento da bibliografia. Como no *template* da revista a seção de resultados contempla também a discussão, essa seção costuma trazer a interpretação ou conclusões retiradas a partir da análise dos dados, por vezes com defesa de pontos de vista.

Por fim, a *Conclusão* pode resumir a discussão dos resultados feita na seção anterior, como também apontar soluções para os problemas levantados e pode indicar aspectos relacionados que não foram aprofundados no artigo, mas que podem ser pesquisados no futuro.

A seguir, apresentamos um quadro-resumo dos planos de texto dos artigos analisados, com foco na divisão em seções, indicando que seções aparecem ou não e quais fogem do padrão em relação ao *template* da Revista Principia. Em seguida, analisamos comparativamente os planos de texto entre os grupos (doutorados e não doutorados, pesquisadores das ciências e das humanidades).

Quadro 4 – Planos de texto dos artigos analisados, de acordo com as normas estabelecidas pela revista.

	Introdução	Referencial Teórico	Método da Pesquisa	Resultados da Pesquisa		Conclusão/Considerações	Outras
Ciências Exatas e da Natureza – Doutorados							
CEN-D 1		*	*			*	Questões de pesquisa; Agradecimentos
CEN-D 2				*			
CEN-D 3							
CEN-D 4	*	*					
CEN-D 5		*	*				Agradecimentos; Responsabilidade de Autoria
CEN-D 6		*					
Ciências Exatas e da Natureza – Não Doutorados							
CEN-ND 1							Agradecimentos
CEN-ND 2							
CEN-ND 3							
CEN-ND 4	*						Agradecimentos; Sobre os autores
CEN-ND 5							
CEN-ND 6							
Ciências Sociais e Humanas – Doutorados							
CSH-D 1		*					
CSH-D 2				*	*		
CSH-D 3		*					Epígrafe após resumo e abstract
CSH-D 4	*	*					
CSH-D 5	*		1				
CSH-D 6							
Ciências Sociais e Humanas – Não Doutorados							
CSH-ND 1		*					
CSH-ND 2		*					
CSH-ND 3		*	1				
CSH-ND 4				*	*		
CSH-ND 5						*	Relato
CSH-ND 6		*					Agradecimento

Legenda: Seções constantes nos artigos.

Seções não constantes nos artigos.

Seções constantes que fogem ao padrão.

¹ Não consta seção de Metodologia, mas informações são apresentadas na Introdução.

Fonte: dados da pesquisa.

Como se pode ver, a maior parte dos artigos segue o plano estabelecido pelo *template* da Revista Principia. Dez dos 24 artigos contêm todas as seções, e outros seis deixam de conter apenas o referencial teórico, estando tais informações incluídas na seção de introdução. Esses seis artigos se aproximam ainda mais do plano IMRD(C) estabelecido por Swales (2005), que não contempla uma seção específica para o referencial teórico. Dois artigos, apesar de não conterem a seção de metodologia, apresentam informações referentes a essa seção na Introdução.

Os demais seis artigos fogem bastante ao plano de texto estabelecido pelo *template* e também ao IMRD(C), contendo apenas a introdução, uma segunda seção que pode ser considerada como um misto de referencial teórico e resultados, e a conclusão – um deles não contempla sequer esta última seção, afastando-se nesse aspecto do padrão estabelecido pela revista mas aproximando-se do IMRD(C), visto que a seção de conclusão é considerada como opcional. Esses seis artigos podem ser considerados artigos de revisão de literatura, subgênero do *research article* abordado por Swales (2005).

A nomenclatura das seções, contudo, varia (com exceção da seção de Introdução): a seção chamada no *template* de “Método da Pesquisa” é nomeada pelos autores como Material e Métodos, Metodologia, Procedimento Metodológico e outras expressões mais específicas; a seção final é nomeada como Considerações Finais ou como Conclusão(ões); a seção chamada no *template* de “Resultados da Pesquisa” é normalmente nomeada “Resultados e Discussão”, apresentados algumas vezes em seções separadas para “Resultados” e “Discussão” (como nos artigos CSH-D 2 e CSH-ND 4) – aproximando-se, dessa forma, do padrão IMRD(C) identificado por Swales (2005) –, e outras vezes toma nomes específicos, relativos aos temas dos artigos; e a seção chamada no *template* de “Referencial Teórico”, cuja denominação é a que mais varia, é composta, por vezes, por mais de uma seção e/ou subseção e tem, na maioria das vezes, nomes específicos relacionados aos temas dos respectivos artigos (especialmente nos artigos de revisão de literatura) ou nomes mais gerais como Fundamentação Teórica, Revisão Bibliográfica, Estrutura Teórica ou Marco Teórico. Nesses casos, por vezes os autores criam uma subseção ou subseções com nomes específicos, relativos ao tema do artigo.

3.1. *Ciências versus Humanidades*

A seguir, comparamos os planos de texto em função da classificação dos artigos entre as ciências exatas e as humanidades.

Quadro 5 – Planos de texto das Ciências *versus* planos de texto das Humanidades

Ciências Exatas e da Natureza						
	Int.	Ref.	Met.	Res.	Conc.	Outras
CEN-D 1		*	*		*	Questões de pesquisa Agradecimentos
CEN-D 2				*		
CEN-D 3						
CEN-D 4	*	*				
CEN-D 5		*	*			Agradecimentos Responsabilidade de Autoria
CEN-D 6		*				
CEN-ND 1						Agradecimentos
CEN-ND 2						
CEN-ND 3						
CEN-ND 4	*					Agradecimentos Sobre os autores
CEN-ND 5						
CEN-ND 6						

10; 10; Seções extras: 7.

Ciências Sociais e Humanas						
	Int.	Ref.	Met.	Res.	Conc.	Outras
CSH-D 1		*				
CSH-D 2				*	*	
CSH-D 3		*				Epígrafe após resumo e abstract
CSH-D 4	*	*				
CSH-D 5	*		1			
CSH-D 6						
CSH-ND 1		*				
CSH-ND 2		*				
CSH-ND 3		*	1			
CSH-ND 4				*	*	
CSH-ND 5					*	Relato
CSH-ND 6		*				Agradecimento

12; 12 (subdivisão dos resultados e junção de resultados e conclusão contam como 1 ocorrência cada);
Seções extras: 3.

Legenda: Seções constantes nos artigos.

Seções não constantes nos artigos.

Seções constantes que fogem ao padrão.

¹ Não consta seção de Metodologia, mas informações são apresentadas na Introdução.

Fonte: dados da pesquisa.

Comparando os artigos do grupo de Ciências Exatas e da Natureza (CEN) e os do grupo de Ciências Sociais e Humanas (CSH), pode-se observar que este último grupo é o que mais diverge do padrão oficial da revista, pois deixa de contemplar as seções propostas em 12 ocasiões (espaços em branco) e foge ao padrão em 12 ocasiões (espaços em amarelo), contra 10 e 10 no grupo CEN. De forma geral, pode-se dizer o mesmo dos artigos em relação ao IMRD(C), com a ressalva de que nas CSH constam dois artigos que separam “Resultados” e “Discussão” e um que junta em uma única seção “Discussão” e “Conclusão”, aproximando-se dessa forma do IMRD(C), visto que a seção de Conclusão é opcional no padrão estabelecido por Swales (2005).

Por outro lado, os artigos do grupo CEN são os que contêm o maior número de seções extras, 7, frente a 3 seções extras constantes em artigos do grupo CSH. Dentre essas seções extras, destacam-se as seções de agradecimento (5 no total de 10 seções extras), mais comuns nos artigos dos grupos CEN, referentes na maioria dos casos a pesquisas realizadas com apoio financeiro da instituição, por meio de bolsas e da infraestrutura cedida. De fato, apenas no artigo CEN-ND 4 essa seção consiste em agradecimentos a Deus, familiares e amigos. Sendo este um artigo de autoria de não doutorados, essa forma de agradecimento pode se dever à inexperiência dos autores, o que também explicaria a seção extra “Sobre os autores”, constante no mesmo artigo, que contraria as normas da revista, já que a versão do artigo analisada é aquela primeira que é enviada à revista, para a avaliação dos pares e que, por isso, não deveria conter nenhuma informação acerca da autoria do artigo.

Outra diferença que se destaca entre os artigos das CEN e das CSH é que nesses últimos há uma maior ocorrência de artigos sem as seções de resultados (4 nas CSH contra 2 nas CEN) e de metodologia (6 nas CSH contra 2 nas CEN) – conforme Swales (2005, p. 219), “a Methods section per se may not exist at all in a number of humanities areas, especially in those that maintain an essayist tradition” –, e com os resultados e a discussão em seções separadas (o que ocorre em apenas dois artigos: CSH-D 2 e CSH-ND 4), além de um artigo que junta em uma só as seções de resultados e considerações finais – neste artigo é possível observar que, nessa seção, os primeiros parágrafos apresentam os resultados, enquanto os últimos comentam e extraem conclusões deles; portanto, mesmo sem a separação com títulos de seções, é possível perceber uma divisão dos conteúdos. Como dito anteriormente, pode-se considerar que esses artigos se aproximam do padrão IRMD(C) por conta dessas características.

3.2. *Doutorados versus não doutorados ou iniciantes*

O Quadro 6, a seguir, compara os planos de texto em função do estatuto dos autores – ou seja, autores doutorados *versus* autores não doutorados ou iniciantes.

Quadro 6 – Planos de texto dos doutorados *versus* planos de texto dos iniciantes.

Doutorados						
	Int.	Ref.	Met.	Res.	Conc.	Outras
CEN-D 1		*	*		*	Questões de pesquisa Agradecimentos
CEN-D 2				*		
CEN-D 3						
CEN-D 4	*	*				
CEN-D 5		*	*			Agradecimentos Responsabilidade de Autoria
CEN-D 6		*				
CSH-D 1		*				
CSH-D 2				*	*	
CSH-D 3		*				Epígrafe após resumo e abstract
CSH-D 4	*	*				
CSH-D 5	*		1			
CSH-D 6						

15; 15 (subdivisão dos resultados conta como 1 ocorrência); Seções extras: 5.

Não doutorados						
	Int.	Ref.	Met.	Res.	Conc.	Outras
CEN-ND 1						Agradecimentos
CEN-ND 2						
CEN-ND 3						
CEN-ND 4	*					Agradecimentos Sobre os autores
CEN-ND 5						
CEN-ND 6						
CSH-ND 1		*				
CSH-ND 2		*				
CSH-ND 3		*	1			
CSH-ND 4				*	*	
CSH-ND 5					*	Relato
CSH-ND 6		*				Agradecimento

7; 7 (subdivisão dos resultados e junção de resultados e conclusão contam como 1 ocorrência cada); Seções extras: 5.

Legenda: Seções constantes nos artigos.

Seções não constantes nos artigos.

Seções constantes que fogem ao padrão.

¹ Não consta seção de Metodologia, mas informações são apresentadas na Introdução.

Fonte: dados da pesquisa.

Comparando os artigos cujos autores são doutorados com os artigos cujos autores não são doutorados, observa-se que os artigos de doutorados são os que mais fogem ao padrão da Revista Principia: neles deixa-se de contemplar as seções propostas em 15 ocasiões e há 15 seções que fogem ao padrão, contra 7 e 7 nos artigos de não doutorados. Dessa forma, ao se distanciarem do padrão estabelecido pelo *template* da revista, distanciam-se também do padrão IMRD(C), já que aquele *template* segue de perto este padrão. Poderia-se supor que isso ocorre porque a insegurança dos autores iniciantes faz com que se sintam mais presos ao padrão fixo e procurem fugir menos ao padrão e, assim, arrisquem menos; enquanto os autores com mais experiência reconhecem que o plano de texto estabelecido pela revista é apenas um guia, não é

completamente fixo nem obrigatório. No entanto, um fato explica essa diferença: algumas edições da revista abriram espaço para artigos de revisão de literatura de autoria de doutorados, convidando-os especificamente para publicarem esse tipo de artigo. O intuito era promover uma melhora na avaliação do periódico no Qualis, por meio de um aumento no número de artigos de autores doutorados. Segundo Swales (2005), os artigos de revisão de literatura (*review articles*) constituem um fenômeno cada vez mais comum; a necessidade desse tipo de artigo cresce como resultado do alongamento cronológico de muitas linhas de pesquisa, da proliferação de publicações, entre outros fatores. O autor afirma também que esse tipo de texto é normalmente solicitado a especialistas proeminentes.

Assim, foram publicados os artigos CEN-D 4, CEN-D 6, CSH-D 1, CSH-D 3 e CSH-D 4, de revisão de literatura. Tais artigos não contêm as seções de metodologia nem de resultados, e um deles, o CEN-D 4, não contém sequer a seção de conclusão. De fato, apenas um artigo de autoria de não doutorados deixa de contemplar, ao mesmo tempo, as seções de metodologia e resultados, podendo configurar-se também como um artigo de revisão de literatura: o CSH-ND 1.

No entanto, é necessário salientar uma diferença entre os artigos que foram considerados como sendo de revisão de literatura: no grupo das ciências, os artigos de fato se aproximam mais desse tipo de texto, enquanto nas humanidades eles se assemelham a ensaios¹⁹; nesses últimos, é apresentado um problema ou um ponto de vista, para cuja defesa ou resolução são trazidas as contribuições teóricas de outros autores. No grupo das ciências, de forma diferente, são apresentados os trabalhos feitos sobre determinado assunto ou problema, muitas vezes em ordem cronológica, e a defesa de determinada solução ou ponto de vista não ocorre, ou ocorre de forma menos explícita. Essa diferenciação confirma a menção de Swales (2005) a áreas das humanidades que mantêm uma tradição ensaísta.

Em seguida, serão apresentados quadros comparativos dos artigos de doutorados dos dois grupos, e dos artigos de não doutorados dos dois grupos, e serão apresentados comentários mais detalhados acerca dos artigos.

¹⁹ Segundo Silveira (1991, p. 34), o ensaio “é produzido pelo confronto de experiências conhecidas pelo ensaísta, sendo estas comparadas, apreciadas, julgadas e transmitidas à comunidade científica a fim de que esta mude de opinião e aceite o ponto de vista do escritor-cientista; este ensaio é formal e marcado pela personalidade de seu escritor.” Já Pena (2005), em análise de um *corpus* composto por textos autodenominados artigos ou ensaios, observa que não se nota uma correspondência entre os textos autodenominados como ensaio e as definições de ensaio fornecidas por manuais, e também que os artigos e ensaios analisados se aproximam bastante em termos de estrutura.

3.3. Doutorados das Ciências versus Doutorados das Humanidades

Quadro 7 – Planos de texto de doutorados das Ciências *versus* planos de texto de doutorados das Humanidades.

Ciências Exatas e da Natureza						
	Int.	Ref.	Met.	Res.	Conc.	Outras
CEN-D 1		*	*		*	Questões de pesquisa Agradecimentos
CEN-D 2				*		
CEN-D 3						
CEN-D 4	*	*				
CEN-D 5		*	*			Agradecimentos Responsabilidade de Autoria
CEN-D 6		*				
□ 7; □ 9; Seções extras: 4.						
Ciências Sociais e Humanas						
	Int.	Ref.	Met.	Res.	Conc.	Outras
CSH-D 1		*				
CSH-D 2				*	*	
CSH-D 3		*				Epígrafe após resumo e abstract
CSH-D 4	*	*				
CSH-D 5	*		1			
CSH-D 6						
□ 8; □ 6 (subdivisão dos resultados conta como 1 ocorrência); Seções extras: 1.						

Legenda: □ Seções constantes nos artigos.
□ Seções não constantes nos artigos.
□ Seções constantes que fogem ao padrão.

¹ Não consta seção de Metodologia, mas informações são apresentadas na Introdução.
Fonte: dados da pesquisa.

Como se pode ver no Quadro 7, os artigos de doutorados das CSH deixam de contemplar as seções estabelecidas no plano de texto oficial mais vezes que os artigos das CEN: são 8 vezes contra 7. Isso ocorre porque há mais artigos de revisão de literatura entre as CSH (3: CSH-D 1, CSH-D 3 e CSH-D 4) do que entre as CEN (2: CEN-D 4 e CEN-D 6); aquele grupo se afasta mais do padrão IRMD(C), estabelecido para os *research articles* tradicionais, do que este último grupo.

Nesses artigos de revisão de literatura – bem como no artigo CSH-ND 1, que também pode ser considerado como sendo desse tipo –, referencial teórico e resultados se confundem, já que o objetivo do artigo é fazer um levantamento dos trabalhos feitos sobre um determinado tema. No entanto, nos artigos das Ciências Sociais e Humanas, isso é feito de forma mais sutil; geralmente há uma tese a ser defendida, e as ideias favoráveis a essa tese são apresentadas como parte da construção discursiva, e seus autores indicados como chamada de referência bibliográfica; ou um problema e/ou solução é exposto e é trazida bibliografia referente ao tema para abordagem do problema ou justificativa da solução. Não há uma intenção de apresentar

trabalho por trabalho; é a construção argumentativa do autor que determina a disposição da bibliografia, e não uma apresentação dos trabalhos em ordem cronológica. Assim, pode-se dizer que os artigos do grupo CSH se aproximam de ensaios e confirmam a menção de Swales (2005) à tradição ensaísta de algumas áreas das humanidades. Seguem exemplos:

- (4) Nesse sentido, a definição de Literatura como fonte de humanização do sujeito pode ser posta em xeque, considerando o fato de que “há muita gente boa que nunca leu um livro e gente péssima que vive de livro na mão” (ABREU, 2006).

Sabendo-se que os leitores estão longe de se deixarem ser estigmatizados, acreditamos, sim, que a leitura – ficção, poesia ou ação dramática da Grande Literatura ou não – é capaz de provocar reflexão e necessidade de absorver, transformar e modificar a realidade, outros espaços e saberes, transmitindo ideias e emoções. No processo de se pensar as razões do pouco número de leitores no Brasil, ou ainda a pouca eficiência do ensino de literatura, convém perceber que há uma urgente necessidade de uma escolarização adequada da literatura com vistas à aproximação dos textos literários de suas práticas concretas, verossímeis de leitura (SOARES, 1999). Em uma proposta para “ensinar literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores”, Barbosa (2011, p.10) aponta para esses aspectos. (CSH-D 4)

- (5) Ainda, para o pesquisador Mauricio Lissovsky (2003), a fotografia se coloca como uma “máquina de esperar”, lidando com um retardamento que a relaciona ao passado e ao futuro, trabalhando profundamente com a categoria “tempo”: [...]

Além disto, a análise das fotografias das expedições de Curt Nimuendajú, enquanto em contato com os Apinayé, é algo que nunca foi feito e que pode auxiliar na afirmação identitária deste grupo indígena nas relações com a comunidade urbana onde vivem.

Além disto, como Susan Sontag (2006) nos diz, o ato de fotografar não é uma ação passiva, mas cheia de intenções discursivas que mostram interesse em determinados pontos, construindo, assim, uma “boa” da imagem: [...]

Também, a força das imagens em nossa sociedade atual remete à importância de uma alfabetização para a leitura imagética crítica e construtiva. Coloco aqui uma passagem da arte educadora Ana Mae Barbosa (1995) sobre a validade, até mesmo política, da alfabetização visual de crianças e adultos no Brasil: [...] (CSH-D 1)

Observe-se que o primeiro parágrafo do exemplo (4) e o segundo parágrafo do exemplo (5) são constituídos por apenas um período cada. Esse é um aspecto comum nos artigos, e uma hipótese é que isso pode ser facilitado pelo *layout* do *template* da revista, que é dividido em duas colunas e dificulta a visualização de parágrafos curtos. Já em artigos das Ciências Exatas e da Natureza (CEN-D 4 e CEN-D 5), há seções nas quais cada parágrafo resume um dos trabalhos levantados, iniciando pelo nome do autor e ano do trabalho, como se pode ver no excerto abaixo, do artigo CEN-D 5:

- (6) 1.2 Revisão bibliográfica

Em relação aos sistemas adsorptivos evaporativos empregados para condicionamento de ar:

JIN et al (1998), montaram um sistema típico operando em modo de ventilação com um rotor dessecante, um trocador de calor e dois resfriadores evaporativos. O rotor dessecante de relação entre as seções de regeneração e processo 1:1 e 1,22 m de diâmetro, usando água quente circulando em um trocador de calor, para realizar a regeneração do material dessecante do rotor. [...]

KODAMA et al. (2003) propuseram e investigaram experimentalmente dois novos sistemas de resfriamento dessecante para climas úmidos. O primeiro sistema testado utilizou um ciclo de quatro rotores com duplo estágio de desumidificação. [...] (CEN-D 5)

Já o artigo CEN-D 6 estrutura essa revisão bibliográfica relatando, em ordem cronológica, os desenvolvimentos da tecnologia abordada pelo artigo ao longo do tempo, fazendo a referência aos trabalhos não no início do parágrafo, mas de forma mais variada e mais integrada ao texto, como pode ser visto no excerto a seguir:

(7) 2 Revisão Bibliográfica sobre Controle PID com Desacoplamento

Para o caso de sistemas MIMO com interações significativas entre as malhas, o controle com desacoplamento apresenta vantagens em relação ao controle descentralizado (multi-malha) e o centralizado. O fato é que um bom desacoplamento leva a um melhor desempenho do sistema em malha fechada (WANG, 2002). O estudo do descoplamento de sistemas multivariáveis lineares e invariantes no tempo foi alvo de diversas pesquisas tanto no contexto de teoria de controle como no contexto de prática industrial durante várias décadas.

O problema do desacoplamento foi tratado inicialmente segundo uma abordagem por matrizes de funções de transferência. O desacoplamento utilizando abordagem por espaço de estados foi iniciado em (MORGAN, 1964). Em (FALB; WOLOVICH, 1967) apresentou-se uma condição necessária e suficiente para o desacoplamento de sistemas quadrados descritos através de modelos em espaço de estados. Uma condição equivalente para sistemas descritos por matriz de funções de transferência foi descrita em (GILBERT; PIVNICHNY, 1969). Nestes trabalhos, o projeto do desacoplador era limitado aos sistemas quadrados (número de entradas igual ao número de saídas). O desacoplamento de sistemas não quadrados foi primeiramente definido em (WONHAM; MORSE, 1970). Nestes trabalhos, a condição estabelecida em (MORGAN, 1964) foi sempre requerida, condição essa referida na literatura como problema de Morgan. Uma solução completa para o problema de Morgan, sem qualquer suposição nas matrizes do sistema ou matrizes de realimentação, foi apresentada em (DESCUSSE; LAFAY; MALABRE, 1988) e revisada em (HERRERA; LAFAY, 1993). (CEN-D 6)

É de ressaltar a diferença no tratamento dado aos trabalhos levantados: enquanto no artigo CEN-D 5 a chamada é colocada como referência aos autores – como agentes da ação de propor em “KODAMA et al. (2003) propuseram” –, no artigo CEN-D 6 a chamada é colocada como referência ao trabalho em si – como “local” em que é realizada a ação de descrever, em “Uma condição equivalente para sistemas descritos por matriz de funções de transferência foi descrita em (GILBERT; PIVNICHNY, 1969)”. Swales (2005) menciona diferença parecida ao afirmar que as citações de trabalhos de outros têm se tornado menos personalizadas: antes as referências eram feitas aos autores (com o uso de verbos *dicendi*), que realizavam ações no e

por meio do texto; mais recentemente, são os textos (com o uso de rótulos compostos por nome do autor e ano) que parecem realizar tais ações. Poderia-se afirmar que o exemplo (6) ilustra esse último caso; no entanto, o fato de os verbos aparecerem no plural quando o rótulo é “Autor et al.” (“Autor e outros”) faz entender que a menção é aos autores, e não ao trabalho.

O artigo CEN-D 4 conta também com uma extensa revisão bibliográfica, subdividida por aspectos abordados, conforme pode ser visto no plano de texto abaixo:

- (8) 1 Introdução
 - 1.1 Sólidos porosos
 - 1.2 Síntese de fosfatos de cálcio mesoporosos
 - 1.3 Surfactantes
 - 1.3.1 Concentração micelar crítica (CMC)
 - 1.4 Métodos de síntese de materiais mesoporosos
 - 1.5 Fosfatos de cálcio mesoporosos
 - 1.6 Liberação controlada de fármacos
 - 1.6.1 Materiais mesoporosos como sistemas de liberação de fármacos
 - 1.6.1.1 Influência da área superficial
 - 1.6.1.2 Influência da natureza química dos materiais mesoporosos
 - 1.6.1.3 Influência do diâmetro de poro da matriz versus tamanho da molécula hospedeira
 - 1.6.2 Cinética de liberação do fármaco
 - 1.6.2.1 Dispositivos controlados por difusão
 - 1.6.2.2 Dispositivos controlados por processos químicos
 - 1.6.2.3 Dispositivos controlados externamente/ magneticamente

Como se vê, os autores colocaram toda a revisão bibliográfica como subtópicos da introdução – isso foi minimizado na versão final do artigo publicada na revista, em que as seções binárias a partir da seção 1.2 foram renumeradas em seções primárias, e as terciárias foram renumeradas em binárias (1.1 passou a 2, 1.3 passou a 4, 1.3.1 passou a 4.1, e assim sucessivamente). O artigo não conta sequer com uma seção de conclusão – das seções apresentadas acima, o artigo passa diretamente à seção de referências bibliográficas. Apesar de ser considerada como seção opcional no padrão IMRD(C), a seção é considerada “obrigatória” no *template* da revista, e mesmo pelos avaliadores, pois uma das sugestões feitas no processo de avaliação foi a de incluir uma seção de conclusão – sugestão esta não acatada pelos autores, visto que a versão final também não contém tal seção. Mesmo as subseções não parecem estar bem hierarquizadas. Algumas delas contêm apenas um parágrafo cada (é o caso das subseções 1.6.2.1, 1.6.2.2 e 1.6.2.3 – a última aparenta conter mais parágrafos, mas estes são continuação do texto da seção 1.6.2; dessa forma, verifica-se que estas subseções poderiam ser apresentadas como tópicos). Sua união em seções maiores poderia ser feita com ajuda do uso de marcadores e outros mecanismos para estabelecer as devidas hierarquias. Estar esse artigo publicado

praticamente da mesma forma na versão final da revista pode indicar uma falha no processo de avaliação dos artigos.

O artigo CEN-D 5 pode ser considerado um híbrido entre esses dois planos de texto principais – IMRD(C) e artigo de revisão bibliográfica –, pois, ao mesmo tempo em que traz uma extensa seção de revisão bibliográfica, ele apresenta um experimento, com resultados e conclusões sendo apresentados de forma sucinta e pouco aprofundada – Costa (2011 apud Souto, 2014, p. 21), ao abordar os artigos de revisão de literatura, afirma que “os autores mais criativos desse tipo de estudo em geral o complementam com um número considerável de informações primárias (originais)”. Sua seção de revisão bibliográfica é apresentada como subseção da introdução, enquanto sua seção “Materiais e Métodos” se subdivide em cinco partes, sendo que apenas a quinta subseção trata do “Procedimento experimental”, enquanto as demais trazem mais bibliografia como embasamento teórico para o experimento.

Além das divergências dos artigos de doutorados das Ciências Exatas e da Natureza CEN-D 4 e CEN-D 5 em relação ao plano de texto oficial, já abordadas acima, as divergências dos demais artigos de doutorados das CEN podem ser resumidas como segue:

– CEN-D 2: além de não apresentar a seção de referencial teórico, a seção de resultados consiste em um levantamento bibliográfico, e não em resultados obtidos em um experimento ou pesquisa feita pelos autores; em suas palavras, “Trata-se de um estudo do tipo teórico, que utilizou como método de coleta de dados a revisão bibliográfica”. Portanto, trata-se também de um artigo de revisão bibliográfica, apesar de apresentar as seções “Procedimento metodológico” e “Análise e discussão” – trata-se de um *review article* cuja estrutura se aproxima da do *research article* tradicional (Swales, 2005);

– CEN-D 3: não apresenta seção de referencial teórico, estando tais informações incluídas na seção de introdução – este artigo aproxima-se, dessa forma, ao padrão IMRD(C), que não conta com uma seção separada para o referencial teórico;

– CEN-D 6: apresenta, além da introdução, seções intituladas “2 revisão bibliográfica [...]”, “3 estratégias de desacoplamento [...]” e “4 exemplos de simulação” – trata-se de um artigo de revisão de literatura, no entanto as seções 3 e 4 se assemelham ao levantamento, na literatura, de metodologias adotadas e resultados obtidos – esse é mais um caso de artigo de revisão de literatura cuja estrutura se aproxima à do IMRD(C).

– CEN-D 1: apresenta uma numeração incomum das seções do artigo, como pode ser visto no parágrafo final da Introdução:

- (9) O restante desse artigo está dividido da seguinte forma. Na seção de Fundamentação Teórica apresentamos conceitos de simulação de olimpíadas, mineração de repositório e fatores impactantes do desempenho de participantes. Na Seção 3 apresentamos as Questões de Pesquisa que nos fizeram pensar em direção a um ferramental. O arcabouço arquitetural do ferramental é proposto na Seção 4. Como prova de conceito do ferramental, na Seção 5, realizamos um estudo de caso sobre os dados gerados pela simulação de OI ocorrida em novembro de 2015 no IFPB-CG. Na Seções 6 e 7, respectivamente apresentamos nossas conclusões e relatamos nossos trabalhos futuros. Indicamos, na Seção 8 como este estudo pode ser reproduzido e evoluído. Por fim, na Seção 9 explicitamos nossos agradecimentos. (CEN-D 1)

É de salientar que a informação sobre a estruturação do artigo é um ponto que normalmente se recomenda que conste na Introdução – segundo Swales (2005), esse costuma ser o último elemento do movimento 3 da introdução –, no entanto apenas quatro dos artigos analisados o fazem: CEN-D 1, CEN-D 6, CEN-ND 1 e CSH-ND 6. Swales (2005) afirma também que esse elemento – chamado por ele de metadiscorso prospectivo ou *roadmapping* – é mais comum em artigos que não seguem o padrão IMRD(C), o que faz sentido, já que os artigos que seguem aquele padrão teriam uma estrutura previamente conhecida e não precisariam explicitá-la. No entanto, não é o que se verifica no *corpus* analisado: com exceção do artigo CEN-D 6, os artigos que explicitam o *roadmapping* seguem o padrão IMRD(C), apesar de o artigo CEN-D 1 apresentar um maior número de seções equivalentes às constantes no padrão IMRD(C). Para ilustrar a divergência apresentada no artigo CEN-D 1 de forma mais direta, expomos aqui a divisão do artigo em seções e subseções:

- (10) 1 INTRODUÇÃO
- 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
 - 2.1 Simulação de Olimpíadas de Informática
 - 2.2 Mineração de Repositório de Códigos de Olimpíadas de Informática
 - 2.3 Fatores Impactantes no Desempenho de Alunos
- 3 QUESTÕES DE PESQUISA
- 4 FERRAMENTAL PARA AVALIAÇÃO DE FATORES DESEMPENHO
- 5 ESTUDO DE CASO
 - 5.1 Metodologia
 - 5.1.1 Formulação de Hipóteses
 - 5.1.2 Seleção de Amostral
 - 5.1.3 Análise dos Dados e Resultados
- 6 CONCLUSÕES
- 7 TRABALHOS FUTUROS
- 8 REPRODUCIBILIDADE
- 9 AGRADECIMENTOS
- REFERÊNCIAS

Pelo plano de texto exposto acima, podemos verificar que as duas primeiras seções (introdução e fundamentação teórica) estão de acordo com o plano de texto recomendado no

template da revista. Já o conteúdo da seção 3, “Questões de pesquisa”, apesar de ser normalmente parte integrante da introdução, pois corresponde em parte aos objetivos do estudo, foi colocado em seção separada, e considerada na presente análise como seção extra; enquanto a seção 4, apesar de se assemelhar à seção de Metodologia, trata de um embasamento ou justificativa para o ferramental a ser desenvolvido, sem referências teóricas, caracterizando-se também como informações que deveriam constar na introdução ou pelo menos na fundamentação teórica – tanto é que, na versão final do artigo publicada na revista, essa seção, juntamente com parte da seção 3, passou a ser numerada como “2.4 Integração de dados”, tendo sido considerada, portanto, pelos avaliadores como parte da fundamentação teórica. A seção 5, estudo de caso, contém subdivisões que incluem o relato do passo-a-passo da pesquisa (a metodologia, portanto) – colocando a formulação de hipóteses como um desses passos, diferentemente do que comumente ocorre: hipóteses normalmente constam na introdução do artigo – e a análise dos dados e resultados, erroneamente numerada como uma subseção da metodologia. Na versão final, publicada na revista, esse problema foi resolvido eliminando a seção binária “5.1 Metodologia” e renumerando as seções terciárias como seções binárias, além de outras mudanças como inversão na ordem das subseções “Formulação de hipóteses” e “Seleção amostral” e inclusão de outras subseções. A seção 5 corresponde, em certa medida, a um “artigo dentro de outro artigo”. Já as seções 7 (trabalhos futuros) e 8 (reprodutibilidade) podem ser consideradas como extensões da seção 6, conclusão, já que contêm informações que prototipicamente constam dessa última seção. Por fim, aparece uma seção extra, de agradecimentos, que aparece também em alguns outros artigos.

Já entre os artigos de doutorados das Ciências Sociais e Humanas, e mesmo entre os artigos de doutorados de modo geral, o que mais converge com o plano de texto oficial da revista é o CSH-D 6, que contém todas as seções estabelecidas pelo *template* da revista, divergindo apenas um pouco na nomenclatura adotada. O artigo, classificado inicialmente na área “multidisciplinar”, tem autores provenientes da área de Saúde e toma como marco teórico trabalhos da psicologia organizacional, área que, juntamente com a administração e outras ciências sociais aplicadas, se aproxima das ciências exatas na utilização de métodos quantitativos. Sua seção de metodologia define universo e amostra da pesquisa e faz uso de *software* de estatística, de modo semelhante ao artigo de não doutorados CSH-ND 4, que tem alguns de seus autores também provenientes da área de Saúde, o que pode indiciar práticas discursivas e método científico provenientes dessa área.

Outro artigo de doutorados das CSH que mais se aproxima do plano de texto oficial da revista é o CSH-D 2, que difere apenas no fato de subdividir a seção de Resultados da Pesquisa

em “Resultados” e “Discussão”, aproximando-se, nesse aspecto, do padrão IMRD(C). Este artigo é originalmente classificado na área de Educação, mas seus autores são provenientes da área de Biologia e congêneres. Esse artigo também faz uso de *software* de estatística na obtenção dos resultados.

O artigo CSH-D 5 diverge do plano de texto oficial por não apresentar seções de referencial teórico nem de metodologia, apesar de apresentar informações referentes a essa última – descrição do passo-a-passo (relato) da escolha do *corpus* – na seção de introdução. Trata-se de um artigo inicialmente classificado na área de Ensino, que faz um levantamento de teses e dissertações na área de Epistemologia da Matemática e analisa a possibilidade de aplicação dos conhecimentos gerados por esses textos ao Ensino Médio (equivalente brasileiro ao ensino secundário português). Sua seção de resultados consiste em um resumo de tais teses e dissertações e na abordagem das possibilidades de aplicação.

Já os artigos CSH-D 1, CSH-D 3 e CSH-D 4, como informado anteriormente, são considerados como artigos de revisão de literatura, assemelhando-se a ensaios e não contemplando as seções de metodologia e resultados, e suas seções de referencial teórico podem ser consideradas também como resultados da pesquisa. Divergem, assim, do plano de texto oficial adotado na revista e também do padrão IRMD(C) estabelecido por Swales (2005). Ressalte-se que no artigo CSH-D 4 há um certo descuido na distribuição das seções, do ponto de vista do conteúdo e da segmentação gráfica: enquanto a Introdução, enumerada como seção 1, contém por volta de cinco páginas, a segunda seção, não numerada, contém uma página e meia; pode-se dizer que não há muita distinção entre o conteúdo dessas seções. Além disso, a seção de Considerações Finais, provavelmente por um descuido no uso do recurso de numeração do *software* no qual o texto foi digitado, apresenta também a numeração 1. Pode-se dizer que este artigo é o que mais se aproxima do ensaio, pois praticamente não atende à subdivisão em seções estabelecida para os artigos científicos. Já o artigo CSH-D 3 apresenta os títulos de seções da seguinte forma: “Introdução”, “I”, “II” e “Considerações Finais”, sem numeração arábica antes dos títulos; o artigo CSH-D 5 também não apresenta numeração nos títulos das seções; estes divergem, portanto, do plano de texto oficial na numeração dos títulos de seções, aspecto de segmentação gráfica.

3.4. *Iniciantes das Ciências versus iniciantes das Humanidades*

Quadro 8 – Planos de texto de iniciantes das Ciências *versus* planos de texto de iniciantes das Humanidades.

Ciências Exatas e da Natureza						
	Int.	Ref.	Met.	Res.	Conc.	Outras
CEN-ND 1						Agradecimentos
CEN-ND 2						
CEN-ND 3						
CEN-ND 4	*					Agradecimentos Sobre os autores
CEN-ND 5						
CEN-ND 6						

3; 1; Seções extras: 3.

Ciências Sociais e Humanas						
	Int.	Ref.	Met.	Res.	Conc.	Outras
CSH-ND 1		*				
CSH-ND 2		*				
CSH-ND 3		*	1			
CSH-ND 4				*	*	
CSH-ND 5				*		Relato
CSH-ND 6		*				Agradecimento

4; 6 (subdivisão dos resultados e junção de resultados e conclusão contam como 1 ocorrência cada);
Seções extras: 2.

Legenda: Seções constantes nos artigos.

Seções não constantes nos artigos.

Seções constantes que fogem ao padrão.

¹ Não consta seção de Metodologia, mas informações são apresentadas na Introdução.

Fonte: dados da pesquisa.

O grupo dos artigos de não doutorados das Ciências Exatas e Naturais é o que mais converge com o plano de texto oficial da Revista Principia, e também com o IMRD(C): deixa de contemplar as seções propostas em apenas 3 ocasiões, sempre em relação ao referencial teórico (aproximando-se, nesse aspecto, do padrão IMRD(C)), e foge ao padrão em apenas 1 ocasião, contra 4 e 6 do grupo de artigos de não doutorados das Ciências Sociais e Humanas. De modo geral, observa-se que os artigos dos autores não doutorados convergem mais com o plano oficial do que os artigos dos autores doutorados, em boa parte devido ao fato de estes últimos serem compostos por vários artigos de revisão de literatura, como dito anteriormente.

No grupo dos não doutorados das Ciências Exatas e Naturais, os artigos CEN-ND 1, CEN-ND 3 e CEN-ND 5 contemplam todas as seções propostas no *template* da Revista Principia. Já no grupo dos não doutorados das Ciências Sociais e Humanas isso só ocorre com o artigo CSH-ND 2, e ainda assim a seção de referencial teórico foge ao padrão – veremos mais à frente a explicação dessa fuga do padrão.

As divergências dos artigos de não doutorados em relação ao *template* da Revista Principia podem ser resumidas como segue:

– Os artigos CEN-ND 2, CEN-ND 4 e CEN-ND 6 não contêm a seção de referencial teórico – aproximam-se, assim, do plano IMRD(C) estabelecido por Swales (2005), que não contempla uma seção separada para esse tópico. O artigo CEN-ND 6, além disso, não apresenta numeração nas seções, divergindo do plano de texto oficial quanto ao aspecto gráfico;

– A introdução do artigo CEN-ND 4 se subdivide em tópicos, da seguinte forma: 1 Introdução; • Motivação; • Contribuições, sendo esse último tópico correspondente ao referencial teórico. A seção de metodologia também se subdivide em tópicos – • Tipo de delineamento, • População selecionada e • Fontes de pesquisa –, bem como a seção de resultados. No entanto a divisão da Introdução é a que mais foge ao padrão, tendo em vista que nos demais artigos essa seção não costuma se subdividir, enquanto as outras seções são muitas vezes subdivididas – não em tópicos, mas em subseções com indicadores numéricos. Essa consiste, portanto, numa diferença do aspecto de segmentação gráfica em relação ao plano de texto oficial, tendo em vista que tal separação temática ocorre na maioria dos demais artigos, mas a separação é feita em parágrafos, apenas, e não em subseções ou tópicos explicitados graficamente. Além disso, como mencionado anteriormente, este artigo traz seções extras de Agradecimentos – que fogem ao padrão, pois agradecem a Deus, amigos e familiares no lugar de mencionarem apoio financeiro – e uma seção intitulada “Sobre os autores”, que contém sua biografia, mas que fere as normas da revista ao trazer informações da autoria na versão do artigo enviada para avaliação por pares.

Outros artigos que contam com subdivisão (em subseções) na seção de metodologia são, além do CEN-D 1 e do CEN-ND 4, já mencionados, o CEN-ND 5, CEN-ND 6 e CSH-ND 4 (sendo este o único artigo das CSH que apresenta essa característica), da seguinte forma:

– CEN-ND 5: seção “Material e métodos” se subdivide em “Descrição da pesquisa, “Delimitações e ambiente da pesquisa” e “Procedimentos metodológicos”;

– CEN-ND 6: seção “Material e Métodos” se subdivide em “Área de Estudo” e “Inventário qualiquantitativo”; e

– CSH-ND 4, cuja subdivisão será explicada mais à frente.

Levantamos a hipótese de que essa subdivisão desfavorece o uso de marcadores discursivos, o que será observado no capítulo acerca dos marcadores.

Entre os artigos de não doutorados das Ciências Sociais e Humanas, ocorrem as seguintes divergências em relação ao plano de texto oficial:

– O artigo CSH-ND 1 não apresenta as seções de metodologia e resultados, configurando-se como um artigo de revisão de literatura, com características semelhantes aos artigos de revisão de literatura dos doutorados das CSH: aproximação ao gênero ensaio, defesa

de uma tese ou apresentação de um problema/solução, e defesa de ideias e trabalhos de outros autores que corroboram a tese ou a solução;

– Os artigos CSH-ND 2 e CSH-ND 3 apresentam prioritariamente, nas seções de referencial teórico, um levantamento de legislação referente aos respectivos temas; o artigo CSH-ND 3, além disso, não apresenta seção de metodologia, contendo algumas informações relativas aos procedimentos metodológicos na introdução;

– O artigo CSH-ND 4, além de não apresentar seção de referencial teórico, divide resultados e discussão em duas seções separadas, aproximando-se, dessa forma, do padrão IMRD(C). Além disso, como mencionado anteriormente, tal artigo é o único das CSH que subdivide a seção de metodologia, e o que contém o maior número de subdivisões: “Caracterização da pesquisa”, “Campo da pesquisa”, “Universo e Amostra”, “Instrumento de Coleta de Dados”, “Procedimentos metodológicos”, “Posicionamento Ético” e “Tratamento dos dados”, totalizando sete subdivisões. Como o artigo CSH-D 6, tem entre seus autores pesquisadores provenientes da área da Saúde, apesar de ter sido classificado na área de Educação. Isso pode explicar essa fuga do padrão em relação aos demais artigos das CSH: pode tratar-se de uma prática discursiva própria da área científica da Saúde, transplantada para um estudo feito na área da Educação, portanto, das CSH.

Portanto, nem sempre pode-se afirmar que a característica de determinado artigo é devida à área de conhecimento em que o artigo foi classificado, pois muitas vezes esta não é idêntica à área de formação do autor. Isso acontece bastante, por exemplo, em artigos da área de educação, pois muitos professores das áreas de exatas e engenharia acabam por fazer doutorado naquela área e, por consequência, produzem artigos sobre esse tema, mas podem trazer práticas discursivas de suas áreas de origem.

– O artigo CSH-ND 5 junta em uma única seção resultados e conclusão; sua seção extra, intitulada “relato”, pode ser considerada como parte dos resultados, mas traz informações sobre justificativa e objetivos (que normalmente constam na introdução) e detalha o que foi exposto muito sucintamente na seção de metodologia, por meio da apresentação de um passo-a-passo da realização da pesquisa apresentada no artigo. Essa confusão na distribuição das informações entre as seções pode se dever a dúvidas dos autores em relação a como preencher cada seção, devido à sua pouca experiência com a elaboração de artigos científicos.

– Por fim, o artigo CSH-ND 6 segue o plano oficial da Revista Principia, mas sua seção de referencial teórico traz o contexto e evolução histórica do objeto abordado, contando ainda com a abordagem de alguns estudos teóricos sobre o tema, com os quais os resultados serão comparados e confrontados. No entanto, essa seção aparece após a seção de metodologia, a qual

engloba entre os procedimentos metodológicos uma pesquisa bibliográfica cujo intuito era estudar aspectos históricos da evolução do objeto e, assim, alcançar um maior entendimento acerca dele. Por isso, essa seção pode ser entendida, e é considerada pelos autores, como parte dos resultados da pesquisa, que conta também com uma segunda seção que, apesar de não ser intitulada “resultados e discussão”, traz dados numéricos e informações obtidas por meio de entrevistas, as quais são confrontadas com os estudos apresentados na seção anterior.

Assim, pode-se concluir que os artigos de não doutorados seguem mais de perto o plano de texto estabelecido pela revista e pelo IMRD(C) em relação aos doutorados. Isso se deve ao fato de boa parte dos artigos de doutorados serem artigos de revisão de literatura, feitos a convite da revista, mas também pode se dever a uma maior insegurança dos pesquisadores iniciantes, que evitam fugir ao padrão para diminuir o risco de rejeição do artigo. Da mesma forma, pode-se observar que os artigos das ciências seguem mais de perto o padrão da revista e também o IMRD(C) do que os artigos das humanidades, já que, dentre esses últimos, estão artigos de áreas com maior tradição ensaísta e que resultam mais teóricos, menos experimentais, afastando-se, por isso, do padrão IMRD(C). Assim, tendo em vista que estes artigos foram aceitos no processo de avaliação e publicados, o que se observa é que o plano de texto estabelecido não é considerado como completamente fixo, nem pelos autores, nem pelos avaliadores. Dessa forma, chega-se a conclusão semelhante à de Souto (2014, p. 20):

Se observarmos os artigos científicos publicados em revistas, não tomaremos muito tempo para notar que nem todos seguem as divisões em seção propostas por Swales ou Zamboni. Há divisões distintas dessas propostas, o que não exclui a presença de uma introdução, a apresentação da metodologia abordada e as conclusões obtidas através da pesquisa. Apesar de ser comum a prática de divisões em tópicos, há muitos artigos que não apresentam divisões (o que depende muitas vezes do suporte), entretanto, o desenvolvimento do texto contempla o conteúdo dessas partes.

Por fim, apresentamos a seguir a Tabela 5, com as quantidades de palavras por seção e por artigo, bem como o total e as médias de palavras, também por seção e por artigo. Ressalta-se que não foram incluídas na contagem de palavras as citações diretas longas, as tabelas, os títulos de seção etc.

Tabela 5 – Quantidade de palavras por seção.

	Resumo	Introd.	Ref. Teór.	Mét. Pesq.	Result. Pesq.	Conc./Consid.	Total
Ciências Exatas e da Natureza - Doutorados							
CEN-D 1	271	737	1025	728	1028	435	4224
CEN-D 2	201	263		158	2412	113	3147
CEN-D 3	230	838		355	1364	127	2914
CEN-D 4	137	382	5444				5963
CEN-D 5	199	1361	1109	3710	265	103	6747
CEN-D 6	60	977	2945			167	4149
TOTAL	1098	4558	10523	4951	5069	945	27144
MÉDIA	183	759,7	2630,8	1237,8	1267,3	189	4524
Ciências Exatas e da Natureza - Não Doutorados							
CEN-ND 1	199	463	589	780	554	362	2947
CEN-ND 2	283	554		290	811	120	2058
CEN-ND 3	164	335	321	189	912	266	2187
CEN-ND 4	198	562		131	1548	55	2494
CEN-ND 5	177	423	697	805	488	274	2864
CEN-ND 6	180	366		400	1627	145	2718
TOTAL	1201	2703	1607	2595	5940	1222	15268
MÉDIA	200,2	450,5	535,7	432,5	990	203,7	2544,7
Ciências Sociais e Humanas - Doutorados							
CSH-D 1	109	232	3226			213	3780
CSH-D 2	247	241	547	571	231 669	91	2597
CSH-D 3	92	604	3425			448	4569
CSH-D 4	152	3565	945			188	4850
CSH-D 5	215	1096			3274	498	5083
CSH-D 6	238	552	468	587	1889	193	3927
TOTAL	1053	6290	8611	1158	6063	1631	24806
MÉDIA	175,5	1048,3	1722,2	579,0	2021,0	271,8	4134,3
Ciências Sociais e Humanas - Não Doutorados							
CSH-ND 1	128	700	2470			423	3721
CSH-ND 2	136	1160	2166	425	1481	519	5887
CSH-ND 3	115	380	648		1164	189	2496
CSH-ND 4	197	428		581	775 486	174	2641
CSH-ND 5	150	367	1480	616 ²⁰	309	153	3075
CSH-ND 6	172	423	2599	227	1652	369	5442
TOTAL	898	3458	9363	1849	5867	1827	23262
MÉDIA	149,7	576,3	1872,6	462,2	1173,4	304,5	3877

Fonte: dados da pesquisa.

Como explicado anteriormente, a seleção dos artigos teve como um dos critérios o número aproximado de páginas. As normas da Revista Principia admitem artigos com no mínimo 8 e no máximo 14 páginas, no entanto a quantidade final de palavras não é determinada no *template* da revista e pode variar em função da maior ou menor presença de imagens, tabelas e citações diretas. Isso pode explicar as diferenças observadas entre os grupos.

²⁰ A seção “Relato”, por também descrever a metodologia adotada, foi incluída nesse somatório.

Observando-se as médias de quantidade de palavras por artigo, constata-se que os artigos de doutorados, tanto das ciências quanto das humanidades, têm tamanhos aproximados (4524 e 4134,3 palavras, respectivamente), apesar de os artigos das ciências contarem com mais tabelas, quadros e figuras do que os artigos das humanidades. Possivelmente o maior uso de citações diretas longas nos artigos das humanidades compensa aquele fato, especialmente porque a maior parte dos artigos desse último grupo são aqueles classificados anteriormente como de revisão de literatura, que constroem uma argumentação em torno de um tema e que, para isso, se apoiam em trabalhos de outros autores, fazendo uso de uma quantidade maior de citações diretas desses trabalhos. Já entre os não doutorados, as médias globais de palavras são mais diferentes: 2544,7 para os artigos das ciências e 3877 para os artigos das humanidades. Nesse caso, a maior presença de figuras, gráficos e tabelas nos artigos das ciências e o menor uso de citações diretas longas (em comparação com os artigos de doutorados) nos artigos das humanidades pode explicar a diferença na média de palavras.

As médias de palavras por seção foram calculadas dividindo o somatório das palavras em determinada seção nos vários artigos pela quantidade de artigos que continham aquela seção. Por exemplo, enquanto as médias de palavras na seção resumo era sempre o somatório dividido por seis, já que todos os artigos de cada grupo continham a seção resumo, as médias de palavras da seção metodologia no grupo dos doutorados das humanidades (CSH-D) foi o resultado da divisão do somatório por dois, já que apenas dois artigos deste grupo continham essa seção.

Comparando as médias por seção, observa-se que a seção mais extensa no grupo dos doutorados das ciências é a de referencial teórico, provavelmente porque a maior parte dos artigos inclui extensas seções de revisão de literatura, enquanto no grupo dos doutorados das humanidades, a seção de resultado ocupa essa posição. Essa informação refutou a hipótese inicial de que a seção de referencial teórico seria a mais extensa no grupo dos doutorados das humanidades, baseada no fato de a maior parte dos artigos desse grupo ser de revisão de literatura; no entanto, o maior uso de citações diretas longas (que não foram incluídas na contagem de palavras) nesse grupo poderia explicar também esse dado. De fato, a revisão de literatura no grupo das ciências raramente utiliza citações diretas; o que normalmente é feito é um resumo das obras com as palavras do próprio autor do artigo. Também o deslocamento de conteúdo da seção de referencial teórico para a seção de introdução no artigo CSH-D 4 pode ter influenciado para baixar a média da seção de referencial teórico.

Já nos grupos dos não doutorados, a hipótese foi mantida: entre os não doutorados das ciências, a seção de resultados é a mais extensa, em média, enquanto no grupo dos não doutorados das humanidades a seção de referencial teórico é a mais longa.

Observa-se, ainda, que as quantidades médias de palavras nas seções de metodologia variaram bastante de tamanho. Isso pode ocorrer devido aos diferentes modos de construir a seção de metodologia, nomeados por Swales (2005, p. 220) como *clipped texts* e *elaborated texts*, conforme explanado no capítulo teórico acerca do plano de texto (Capítulo 1, seção 1.2).

As médias de palavras apresentadas na Tabela 5 serão levadas em consideração para o cálculo da média de uso de marcadores discursivos por grupo.

Capítulo 4 – Marcadores discursivos e plano de texto

Neste capítulo, serão apresentados o quantitativo global de marcadores encontrados nos artigos, por grupo de artigos e seção, bem como uma análise desse quantitativo. Apesar de haver bastante variação dentro dos grupos, entre os diversos artigos, os quantitativos aqui serão tomados de maneira mais global. No capítulo seguinte, os organizadores textuais serão observados com mais detalhe.

Os marcadores foram contabilizados seguindo a categorização de Jean-Michel Adam (2011), mas incluindo também os marcadores indicados por Martín Zorraquino e Portolés (1999) e alguns indicados por Briz et al. (2008) – exceção feita àqueles que se aproximavam mais da caracterização de modalizadores.

Para facilitar o entendimento, os grupos serão renomeados a partir deste ponto, da seguinte forma:

Grupo das ciências (CEN) – Grupo A	doutorados (CEN-D) – Grupo A1 não doutorados (CEN-ND) – Grupo A2
Grupo das humanidades (CSH) – Grupo B	doutorados (CSH-D) – Grupo B1 não doutorados (CSH-ND) – Grupo B2

Da mesma forma, para economia de espaço, foi necessário substituir, nas tabelas, os nomes das seções por abreviaturas, da seguinte forma:

Rm: Resumo; I: Introdução; Rf: Referencial Teórico; M: Método da Pesquisa; Rt: Resultados da Pesquisa; C: Conclusão/Considerações; T: Total.

e substituir os nomes das categorias de marcadores discursivos também por abreviaturas, conforme apresentado a seguir:

Organizadores textuais:
 OE (organizadores espaciais)
 OTp (organizadores temporais)
 Ad (aditivos)
 MILin (marcadores de integração linear)
 MMT (marcadores de mudança de topicalização)
 MIEx (marcadores de ilustração e exemplificação)

Marcadores de escopo de responsabilidade enunciativa (MERE):

MQM (marcadores de quadros mediadores)

MRef (marcadores de reformulação)

Conectores argumentativos:

CA-Arg (conectores argumentativos marcadores de argumento)

CA-Concl (conectores argumentativos marcadores de conclusão)

CCA-ArgFor (conectores contra-argumentativos marcadores de argumento forte)

CCA-ArgFra (conectores contra-argumentativos marcadores de argumento fraco)

A categoria “marcadores de estruturação da conversa e outros fáticos”, incluída por Adam (2011) no grupo dos marcadores de escopo de responsabilidade enunciativa, não foi considerada por referir-se à língua oral; como era de se esperar, também não foram encontrados marcadores desse tipo nos artigos. Ressalte-se que não foram contabilizados marcadores presentes em citações diretas ou falas transcritas de entrevistas, nem em tabelas e quadros, títulos de seção, títulos e legendas de figuras.

Além disso, é necessário ressaltar a relevância que foi dada à pontuação na identificação dos marcadores do discurso. Segundo Fernandes (2012), há uma tendência de considerar os marcadores a partir de dois eixos determinantes: sua função e sua posição no enunciado. A autora afirma também que “el desconocimiento de las reglas de puntuación por parte del emisor o las decisiones estilísticas pueden ser aspectos definitivos en el momento de identificar un marcador” (Fernandes, 2012, p. 239). Como foram verificados, nos textos do *corpus*, diversos problemas de pontuação, foi levada em consideração, nesses casos, a interpretação sobre o que o locutor tencionou dizer, colocando-se as pontuações julgadas em falta durante a leitura dos textos, diferentemente da orientação adotada por Fernandes (2012).

A seguir, é apresentado o quantitativo de marcadores encontrados, por tipo de marcadores e seção de plano de texto.

Tabela 6 – Quadro global dos marcadores – Grupo A1.

	Organizadores textuais						MERE		Conectores argumentativos				Total
	OE	OTp	Ad	MILin	MMT	MIEx	MQM	MRef	CA-Arg	CA-Concl	CCA-ArgFor	CCA-ArgFra	
Rm	-	-	3	-	-	3	-	-	1	2	1	-	10
I	-	9	16	2	-	10	-	2	7	7	9	1	63
Rf	-	8	32	4	2	22	2	4	12	13	14	4	117
M	1	11	3	4	1	4	-	4	8	5	4	1	46
Rt	-	-	7	2	2	10	9	2	9	11	11	1	64
C	-	-	3	-	-	1	-	1	2	2	2	-	11
T	1	28	64	12	5	50	11	13	39	40	41	7	311

Tabela 7 – Quadro global dos marcadores – Grupo A2.

	Organizadores textuais					MERE		Conectores argumentativos				Total
	OTp	Ad	MILin	MMT	MIEx	MQM	MRef	CA-Arg	CA-Concl	CCA-ArgFor	CCA-ArgFra	
Rm	-	3	1	1	-	-	-	1	5	5	-	16
I	-	10	1	1	11	2	1	5	7	10	2	50
Rf	-	5	-	-	4	6	7	1	4	4	-	20
M	6	4	6	4	7	1	4	2	2	1	1	32
Rt	3	27	5	10	9	9	5	17	12	19	4	111
C	-	4	1	-	2	-	1	3	2	7	5	25
T	9	53	14	16	33	9	7	29	26	46	12	254

Tabela 8 – Quadro global dos marcadores – Grupo B1.

	Organizadores textuais					MERE		Conectores argumentativos				Total
	OTp	Ad	MILin	MMT	MIEx	MQM	MRef	CA-Arg	CA-Concl	CCA-ArgFor	CCA-ArgFra	
Rm	1	7	-	4	1	-	-	3	2	-	-	18
I	1	13	3	1	12	8	2	9	13	12	10	84
Rf	3	31	4	3	13	10	9	12	22	16	5	130
M	2	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	4
Rt	2	13	13	11	9	13	6	16	11	9	4	107
C	-	5	1	-	3	3	1	6	3	4	1	27
T	9	71	21	20	38	34	18	47	51	41	20	370

Tabela 9 – Quadro global dos marcadores – Grupo B2.

	Organizadores textuais					MERE		Conectores argumentativos				Total
	OTp	Ad	MILin	MMT	MIEx	MQM	MRef	CA-Arg	CA-Concl	CCA-ArgFor	CCA-ArgFra	
Rm	1	1	-	-	3	-	-	-	1	2	1	9
I	3	17	1	2	3	4	1	9	4	3	5	52
Rf	1	23	7	9	25	22	17	21	8	21	8	162
M ²¹	5	2	7	-	1	-	-	1	-	1	-	17
Rt	3	22	6	17	9	19	6	21	7	35	6	151
C	1	3	5	1	4	-	-	7	2	11	2	36
T	14	68	26	29	45	45	24	59	22	73	22	427

Fonte: dados da pesquisa.

²¹ Foram incluídos na seção de Método os marcadores encontrados na seção “Relato” do artigo CSH-ND 5.

Há alguns números nos quadros acima que, se consideradas apenas as ocorrências obtidas sem ter em conta particularidades contextuais, poderiam levar a conclusões erradas. Por exemplo, no grupo A1, dos 22 marcadores de ilustração e exemplificação (MIEx) que apareceram na seção de referencial teórico, 20 apareceram num mesmo artigo. Da mesma forma, os 10 marcadores de mesmo tipo que aparecem na seção de resultados também são provenientes de um mesmo artigo. Isso pode enviesar as análises, fazendo tomar como uma característica do grupo algo específico de apenas um artigo. No entanto, dada a diversidade do *corpus*, tanto em termos de áreas de conhecimento quanto em estatuto dos autores – os doutorados podem ser recentes ou mais experientes, e os não doutorados podem ser desde estudantes de ensino médio a mestres, para não falar nas diferenças individuais de estilo da escrita –, assumimos esse risco, reconhecendo-o. Dessa forma, listamos aqui os números constantes nas tabelas acima que podem ter tal efeito nos resultados:

Grupo A1:

- Seção de introdução: os dois marcadores de reformulação (MRef) que aparecem na seção foram contabilizados no mesmo artigo;

- Seção de referencial teórico: os oito organizadores temporais (OTp) são provenientes de um mesmo artigo, o CEN-D 4, bem como 20 dos 22 marcadores de ilustração e exemplificação e 10 dos 12 conectores argumentativos marcadores de argumento (CA-Arg), sendo os dois restantes provenientes de um outro artigo. O artigo CEN-D 4 é de revisão de literatura, sendo sua seção de referencial teórico bastante extensa (tem por volta de nove páginas);

- Seção de metodologia: sete dos oito conectores argumentativos marcadores de argumento (CA-Arg) que ocorrem nessa seção são provenientes de um mesmo artigo, o CEN-D 5, que conta com uma seção de metodologia bastante extensa, a qual inclui embasamento teórico que justifica a escolha dos métodos do experimento relatado. Dessa forma, pode se dever a esse embasamento a ocorrência de marcadores de argumento em tal seção. A ocorrência do único organizador espacial contabilizado no *corpus* inteiro será detalhada no próximo capítulo, acerca dos organizadores textuais;

- Seção de resultados: os 10 MIEx contabilizados nessa seção são provenientes de um mesmo artigo, o CEN-D 2. Trata-se de um artigo cuja seção de resultados faz um confronto de fontes acerca do tema abordado. Já cinco dos nove marcadores de argumento (CA-Arg) contabilizados vêm do artigo CEN-D 3.

Grupo A2:

- Seção de referencial teórico: seis dos sete marcadores de reformulação (MRef) contabilizados são provenientes de um mesmo artigo, bem como os quatro marcadores de conclusão que apareceram nessa seção;

- Seção de metodologia: os quatro marcadores de reformulação contabilizados são provenientes do artigo CEN-ND 1, bem como os dois marcadores de conclusão. Esse artigo também contém, nessa seção, embasamento teórico que justifica a metodologia adotada;

- Seção de resultados: oito dos nove marcadores de quadros mediadores (MQM) são provenientes de um mesmo artigo, o CEN-ND 6, que faz nessa seção a comparação dos resultados encontrados com os de outros trabalhos e, para citá-los, utiliza tais marcadores (*segundo, de acordo com, etc.*).

Grupo B1:

- Seção de introdução: 11 dos 13 conectores argumentativos marcadores de conclusão (CA-Concl), bem como 9 dos 10 conectores contra-argumentativos marcadores de argumento fraco (CCA-ArgFra) encontrados são provenientes do artigo CSH-D 4. Tal artigo, ilustrado no exemplo (4), tem uma característica fora do padrão: sua seção de introdução conta com cinco páginas, enquanto a segunda seção, que corresponderia ao referencial teórico ou à revisão de literatura, conta com apenas uma página e meia. Esse é um dos artigos aos quais chamamos, no capítulo sobre o plano de texto, de artigo de revisão de literatura, apesar de este, juntamente com a maioria dos demais artigos de doutorados das humanidades classificados como tal, não focarem na descrição dos trabalhos existentes sobre determinado tema, mas sim na construção de uma argumentação acerca de um tema, usando para isso literatura relacionada, sem a explicitação de uma metodologia e a apresentação de resultados. A construção da argumentação foi feita, nesse artigo, em sua maior parte já na seção de introdução, o que explica a extensão e a ocorrência de tantos conectores argumentativos nessa introdução de artigo;

- Seção de referencial teórico: os três marcadores de mudança de topicalização (MMT) contabilizados são provenientes de um mesmo artigo, o CSH-D 6. Entendemos que isso pode se dever ao estilo do autor, que costuma utilizar tais marcadores com maior frequência. Já 14 dos 22 marcadores de conclusão (CA-Concl) vêm de um mesmo artigo, o CSH-D 1, enquanto os demais artigos têm entre um e quatro marcadores desse tipo, nessa seção;

- Seção de resultados: os 13 marcadores de integração linear (MILin) contabilizados nessa seção são provenientes de um mesmo artigo, o CSH-D 5. Do mesmo artigo vêm também os 13 marcadores de quadro mediador (MQM) e 10 dos 11 marcadores de conclusão (CA-

Concl) encontrados nessa seção. Tal artigo consiste em um estudo de teses e dissertações sobre Epistemologia e História do Ensino da Matemática, e tem o intuito de observar que contribuições esses trabalhos trazem na área de geometria espacial que podem ser utilizadas no ensino de matemática no Ensino Médio (equivalente no Brasil ao secundário português). O uso dos MQM se deve ao recurso a citações dos trabalhos estudados, e boa parte dos CA-Concl (especialmente *então*) é utilizada em explicações matemáticas, como pode ser visto no seguinte excerto, que traz um MQM (*segundo*), dois CA-Concl (*então* e *assim*) e um MILin (*para finalizar*):

- (11) Segundo Balieiro Filho (2004), a soma dessas finas partições produzirá o cilindro, a esfera e o cone. Então, fazendo a comparação, Arquimedes conclui que o momento do cilindro próximo do ponto de apoio *o* era igual à soma dos momentos da esfera e do cone próximas do ponto de apoio *o*. / Para finalizar, ao denominar o volume da esfera de V_e e o volume do cone de V_c , tem-se que o volume do cilindro é $3V_c$. / Assim, as massas da esfera, cone e cilindro são V_e , V_c e $3V_c$, respectivamente. (CSH-D 5)

Grupo B2:

- Seção de referencial teórico: 10 dos 21 marcadores de argumento (CA-Arg) vêm do mesmo artigo, o CSH-ND 1, enquanto os demais artigos têm entre um e cinco marcadores desse tipo, cada. O artigo CSH-ND 1 é um dos considerados como artigo de revisão de literatura, tendo em vista que não contém seção de metodologia nem de resultados, e é construído como uma argumentação em torno de um tema, com o apoio de literatura acerca desse tema.

- Seção de metodologia: cinco dos sete marcadores de integração linear encontrados são provenientes de um mesmo artigo, o CSH-ND 5, e, diferentemente da maioria das ocorrências desse tipo de marcador, nas quais encontramos os marcadores usados isoladamente, os cinco marcadores encontrados nesse artigo formam uma sequência, como pode ser visto no excerto a seguir:

- (12) Seguimos algumas etapas para a execução do projeto. Primeiro, houve a apresentação e a leitura do projeto e do plano individual de trabalho para cada bolsista. [...] Segundo, houve a seleção de conteúdos teóricos e práticos referentes à produção de um dicionário, uma vez que a pretensão inicial foi produzir um dicionário. Terceiro, foi realizada uma pesquisa de vocabulários de língua inglesa utilizados na área de edificações e sua organização em ordem alfabética. Quarto, foi feita uma pesquisa do significado dos termos e busca de algumas imagens para ilustrar o significado da palavra em língua portuguesa. Por último, a estruturação, revisão e divulgação do glossário.

- Seção de resultados: 13 dos 19 marcadores de quadro mediador (MQM) encontrados nessa seção provêm de um mesmo artigo, o CSH-ND 6. Isso ocorre porque tal artigo traz, em sua seção de resultados, falas de entrevistados e dados de órgãos públicos;

- Seção de conclusão: os dois marcadores de conclusão (CA-Concl) encontrados são provenientes de um mesmo artigo.

Feitas as ressalvas, passemos a analisar os números mais gerais, observando, posteriormente, que tipos de marcadores são mais comuns em cada seção.

Observando os totais de marcadores, temos que o grupo B2 é o que apresenta a maior quantidade de ocorrências, 427, frente a 370 do grupo B1, 311 do grupo A1 e 254 do grupo A2. Assim, observa-se que os grupos das humanidades (B1 e B2) fazem maior uso dos marcadores do que os grupos das ciências (A1 e A2), confirmando nossa pressuposição, apesar de que estatisticamente essa informação pode não ser necessariamente significativa. Essa confirmação já não ocorre quanto à relação entre os números obtidos para pesquisadores experientes e iniciantes: nas ciências, os doutorados (A1) utilizam mais marcadores do que os não doutorados (A2), enquanto nas humanidades a relação é inversa – foram contabilizados mais marcadores entre os não doutorados (B2) do que entre os doutorados (B1), mesmo que os artigos daquele grupo totalizem um número de palavras (23262) menor que o do grupo B1 (24806), como pôde ser visto na Tabela 5. Dessa forma, confirma-se a hipótese de que as humanidades utilizam os marcadores discursivos com maior frequência do que as ciências, mas não se confirma a hipótese de que os pesquisadores mais experientes usariam mais marcadores do que os menos experientes.

Os resumos contêm poucos marcadores, até porque são seções curtas. De modo geral, contam com maior quantidade de aditivos (14 ocorrências) e de marcadores de conclusão (10 ocorrências). São, em geral, compostos de forma que cada oração ou período representa uma seção do restante plano de texto – frequentemente tendo sido copiadas dessas seções, podendo ocasionar, portanto, uma repetição de marcadores –, e na maioria das vezes esses períodos são unidos de forma paratática, sem o uso de marcadores, como pode ser visto no exemplo (13), a seguir – os dois primeiros períodos abordam informações normalmente constantes da introdução do artigo, os dois períodos seguintes abordam a metodologia adotada, e o último traz a conclusão a que se chega, fazendo uso de um marcador de conclusão (*portanto*), o único contabilizado nesse resumo:

- (13) A pesquisa é apontada como componente importante ao trabalho e à formação de professores. Este artigo objetiva refletir sobre como as atividades de pesquisa estão sendo vivenciadas por licenciandos dos cursos de Licenciatura em Física e Matemática de uma instituição do Estado da Paraíba. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (GIL, 2002), onde foram utilizados os seguintes procedimentos de levantamento de dados: análise documental, questionário com dados sociodemográficos (idade, sexo, escolaridade, religião, etc.) e entrevistas do tipo semiestruturadas. Os interlocutores da pesquisa foram quatorze discentes dos cursos citados. Conclui-se que as experiências com pesquisa durante a licenciatura podem propiciar o desenvolvimento de aprendizados importantes, portanto precisam ser cada vez mais incentivadas e apoiadas pelas instituições formadoras. (CSH-ND 3)

A não utilização de marcadores discursivos e o uso da justaposição de orações/períodos – não apenas na seção resumo, mas em todas as seções – pode ser explicada pela suposição, pelo locutor, de que o alocutário, leitor do seu texto, possui os conhecimentos necessários para reconstruir a relação argumentativa existente entre os períodos, sem que seja necessário dar indicação dessa relação por meio dos marcadores. Segundo Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4057), os marcadores do discurso têm como função “guiar, de acuerdo con sus distintas propiedades morfosintácticas, semánticas y pragmáticas, las inferencias que se realizan en la comunicación”. O fato de que os artigos científicos são lidos por poucas pessoas, geralmente da mesma área de conhecimento, e mesmo a dimensão de que o artigo será lido principalmente ou apenas pelos avaliadores, reforça essa atitude do locutor de não dar indicações do percurso de leitura que deve ser seguido.

Na seção de introdução, somando-se os quatro grupos (A1, A2, B1 e B2), além dos aditivos, com 56 ocorrências, destacam-se os marcadores de ilustração e exemplificação (MIEx), com 36 ocorrências, os conectores contra-argumentativos marcadores de argumento forte (CCA-ArgFor), com 34 ocorrências, e os conectores argumentativos marcadores de argumento (CA-Arg), com 30 ocorrências. Ressalte-se que os conectores argumentativos marcadores de conclusão (CA-Concl) somam 31 ocorrências, mas 11 delas vêm de um único artigo, o CSH-D 4, como relatado anteriormente. Dos quatro grupos, o que mais utiliza marcadores na seção de introdução é o B1 (doutorados das humanidades), com 84 marcadores (73, caso se excetuem os 11 mencionados), frente a 63, 50 e 52 dos grupos A1, A2 e B2, respectivamente. Nesse grupo, destacam-se, além dos tipos de marcadores já mencionados, os marcadores de quadros mediadores (MQM), visto que muitas vezes as introduções dos artigos trazem parte ou mesmo todo o embasamento teórico do artigo, com citações a autores e a outros quadros mediadores, como órgãos públicos.

Em relação à seção de referencial teórico, o número total de marcadores contabilizados no grupo A2 é bem inferior aos dos demais grupos: 20 contra 117 (A1), 130 (B1) e 162 (B2).

Nessa seção, além dos aditivos, destacam-se os marcadores de ilustração e de exemplificação (MIEx) e os marcadores de quadros mediadores (MQM), o que era esperado, tendo em vista que essa seção é a que fornece o embasamento teórico para justificar e nortear a pesquisa, com uso de citações de autores mais reconhecidos e de exemplos que comprovam a teoria utilizada.

Já na seção de metodologia, os artigos do grupo A utilizam mais marcadores do que os do grupo B: são 46 (A1) e 32 (A2) contra 4 (B1) e 17 (B2). Isso pode se dever ao fato de, nos artigos do grupo A (ciências), os procedimentos de metodologia serem descritos de forma mais detalhada e mais extensa do que nos do grupo B (humanidades); o grupo B1, especificamente, por conter a maior parte dos artigos classificados como revisão de literatura, não conta com a seção de metodologia em quatro deles, o que explica o número muito menor de marcadores nessa seção, em relação aos demais grupos. De qualquer forma, destacam-se nessa seção os organizadores temporais e os marcadores de integração linear, utilizados na descrição do passo-a-passo realizado na pesquisa, como foi demonstrado no exemplo (12). Nessa seção também aparece o único organizador espacial contabilizado em todo o *corpus*, empregado na descrição de um equipamento utilizado em uma pesquisa.

Na seção de resultados da pesquisa, o grupo A1 é o que apresenta a menor quantidade de marcadores, 64, contra 111 (A2), 107 (B1) e 151 (B2). Isso pode se dever ao fato de boa parte dos artigos desse grupo serem artigos de revisão de literatura. Isso também pode ser dito do grupo B1, no entanto há nesse grupo um artigo cuja seção de resultados apresenta uma quantidade de marcadores bem acima do padrão em três categorias – o artigo CSH-D 5, já mencionado anteriormente.

A categoria de marcadores que mais se destaca na seção de resultados, descontados aqueles números que fogem ao padrão, é a de conectores contra-argumentativos marcadores de argumento forte (CCA-ArgFor), que chega a ultrapassar a quantidade de aditivos (são 74 ocorrências contra 69), o que só volta a ocorrer na seção de conclusão. Em segundo lugar, vem a categoria dos conectores argumentativos marcadores de argumento (CA-Arg), seguida pelos marcadores de mudança de topicalização (MMT) e pelos conectores argumentativos marcadores de conclusão (CA-Concl). Assim, o que se observa é que a seção de resultados é construída basicamente com os conectores argumentativos, o que se justifica por ser essa a seção com o caráter argumentativo mais presente nos artigos, na qual se apresentam os resultados obtidos e se explicam esses resultados, por vezes defendendo algum ponto de vista. Por seu turno, a grande presença dos marcadores de mudança de topicalização se justifica pelo fato de várias dessas seções apresentarem resultados sob diferentes aspectos, e a alternância entre esses aspectos é feita por meio do uso desse tipo de marcador, como pode ser visto no

seguinte excerto, no qual também se verifica o uso de conectores contra-argumentativos marcadores de argumento forte (CCA-ArgFor) (*porém e no entanto*) e de um aditivo (*além disso*):

- (14) Observando as condições fitossanitárias das árvores utilizadas na arborização das ruas pesquisadas, verificou-se que 91% (n=223) dos indivíduos encontram-se em condições saudáveis e vigor, enquanto 6% (n=16) em condições regulares, e apenas 3% ruins (n=7), com alguma ocorrência de praga ou dano mecânico (Figura 4). Porém, não foi identificado casos de indivíduos mortos ou em estágios terminais irreversíveis.

No que tange a análise da qualidade de poda, observa-se que 54% (n=132) dos indivíduos precisam ser submetidos a podas leves, seja para limpeza ou correção (reduzir a brotação de ramos) ou por causa de alguma interferência na rede de energia elétrica ou de telefonia (Figura 5). No entanto, é importante ressaltar que para realização de podas é fundamental os profissionais ter certa experiência e pertencer ao quadro de funcionários da Secretaria de Agricultura ou de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal. Além disso, é essencial o uso de equipamentos de proteção individual. (CEN-ND 6)

Por fim, na seção de conclusão, novamente o grupo A1 apresenta o menor número de marcadores: são 11 contra 25 do grupo A2, 27 do grupo B1 e 36 do grupo B2. Contribui para isso o fato de um dos artigos do grupo A1, o CEN-D 4, não conter uma seção de conclusão. As categorias de marcadores mais frequentes são as de conectores contra-argumentativos marcadores de argumento forte (CCA-ArgFor) e de conectores argumentativos marcadores de argumento (CA-Arg). Poderia-se pensar que a categoria de conectores argumentativos marcadores de conclusão (CA-Concl) deveria ter mais destaque, mas não é o que ocorre. De qualquer forma, a relevância dos conectores argumentativos se justifica porque, da mesma forma que na seção de resultados, nessa seção também costuma haver argumentação, apesar de mais curta, com a defesa de medidas a serem adotadas em função de problemas expostos nas seções anteriores.

Como dito no capítulo sobre o plano de texto, alguns artigos subdividem algumas dessas seções. São eles: CEN-D 1, CEN-ND 4, CEN-ND 5, CEN-ND 6 e CSH-ND 4, que dividem principalmente a seção de metodologia. Observou-se, quanto à seção de metodologia, que isso não os distingue dos demais artigos em termos de quantidade de marcadores; o artigo CEN-ND 4 não apresentou marcadores nessa seção, mas isso também ocorreu em outro artigo sem a subdivisão da seção; da mesma forma, dois desses artigos apresentaram 2 e 3 marcadores, de forma semelhante a outros sem a seção subdividida, bem como outros dois apresentaram 13 e 14 marcadores no total, nessa seção, o que também ocorreu com artigos sem a seção subdividida. Assim, não se confirma a hipótese de que a subdivisão excessiva das seções desfavoreceria o uso de marcadores.

Passemos agora a observar os quadros com foco nas categorias de marcadores, em substituição ao foco nas seções.

No grupo A (ciências), os organizadores temporais são mais frequentes na seção de Metodologia; enquanto no B (humanidades) eles estão espalhados de forma mais uniforme entre as várias seções, sendo também prevalentes na seção de Metodologia no grupo B2. Portanto, a hipótese de que eles seriam mais usados nesta seção para descreverem ações ou o passo-a-passo da pesquisa foi parcialmente confirmada. Mais detalhes e exemplos serão levantados na análise mais detalhada dos organizadores textuais.

Já os aditivos são mais frequentes na seção de Referencial Teórico nos grupos A1 e B1 (grupos dos doutorados das ciências e das humanidades, respectivamente), enquanto no grupo A2 eles aparecem mais na seção de Resultados, e no grupo B2 prevalecem nessas duas seções de forma mais homogênea. Como já foi dito, os grupos A1 e B1 são constituídos em grande parte por artigos de revisão de literatura, com extensas seções de revisão bibliográfica em lugar do referencial teórico, o que pode explicar a prevalência dos aditivos nessa seção, no contexto desses grupos.

Quanto aos marcadores de integração linear, é necessário ressaltar que muitos dos marcadores contabilizados nessa categoria poderiam ser considerados como organizadores temporais. Isso se deve ao fato de que a categorização de Martín Zorraquino e Portolés (1999), adotada no início da pesquisa, não distingue esses tipos de marcadores entre os ordenadores, diferentemente do que ocorre na categorização de Adam (2011), que passamos a adotar por entendermos que a primeira categorização não era suficiente para os fenômenos observados, e para a qual a contabilização inicial foi convertida. Assim, muitos dos ordenadores iniciais passaram a ser considerados como marcadores de integração linear. De qualquer forma, segundo Adam (2011), os organizadores enumerativos, entre os quais se encontram os marcadores de integração linear, costumam combinar valores de ordem com valores temporais.

Os marcadores de integração linear encontrados se distribuem de forma mais concentrada e homogênea pelas seções de Referencial Teórico, Metodologia e Resultados, nos vários grupos – a exceção fica por conta do grupo B1, no qual esses marcadores aparecem em quantidade muito maior na seção de Resultados. No entanto, como informado anteriormente, os 13 marcadores que ocorrem nessa seção são provenientes de um único artigo, o CSH-D 5, cujo excerto pode ser visto no exemplo (11). Os marcadores são usados nesse artigo, em grande parte, em explicações matemáticas. Segue um excerto que ilustra o uso dos marcadores de integração linear, no qual constam também um marcador de quadro mediador e um aditivo:

- (15) De acordo com Pacioli, o cubo deve se formar tomando-se o diâmetro da esfera, que é o segmento ab da figura 17. Logo em seguida, dividir o diâmetro no ponto c, traçando a linha cd perpendicular à linha ab, traçando também as linhas db e da, tudo isso de forma que a linha ac seja o dobro de bc. / Depois, foi feito um quadrado com a linha bd, formando-se, desse quadrado, um cubo. E este tal estará circunscrito exatamente pela esfera do proposto diâmetro, donde o quadrado desse diâmetro será sempre três vezes o quadrado do lado do cubo. (CSH-D 5)

É de salientar a variação de tempos verbais (*deve se formar, dividir, foi feito, estará*), que torna ainda mais necessário o uso dos marcadores para informar o leitor de que se trata de uma enumeração. De modo geral, no *corpus*, observa-se o uso de marcadores de continuidade sem a integração com marcadores de abertura e encerramento, e vice-versa – esse uso “isolado” dos marcadores de integração linear foi bastante comum. Ainda no artigo CSH-D 5, há trechos que fazem uso de marcadores de integração linear para resumir as teses e dissertações estudadas, descrevendo seus objetivos. É o caso do seguinte excerto, no qual já aparecem marcadores de abertura, continuidade e encerramento:

- (16) A proposta desta dissertação foi analisar como se concebeu o currículo de matemática da Academia Real Militar do Rio de Janeiro e suas modificações posteriores, estabelecidas pelas reformas dos seus estatutos [...]. Especificamente, os objetivos deste trabalho foram, em primeiro lugar, entender qual foi o papel das “matemáticas” nas escolas militares de Portugal e do Brasil (no século XVIII) e na academia Real Militar. Em seguida, entender as origens do currículo científico e, em última análise, a orientação dada por D. Rodrigo de Sousa Coutinho à Academia Real Militar. Por último, como foi situado o Ensino das matemáticas, à medida que as modificações impostas pelas reformas curriculares iam sendo aplicadas à academia, bem como levantar as dificuldades encontradas pela escola em cumprir os estatutos. (CSH-D 5)

Os marcadores de integração linear operam em conjunto com outros mecanismos da língua, como o paralelismo e os tempos verbais. No excerto acima, pode-se observar uma falta de paralelismo no último termo integrado – “Por último, como foi situado o Ensino das Matemáticas”: a falta do verbo “entender”, que iniciava os termos anteriores (“entender qual foi o papel das ‘matemáticas’” e “entender as origens do currículo”), ou pelo menos de algum outro verbo no infinitivo, para manter o paralelismo sintático.

Já os marcadores de mudança de topicalização aparecem com mais frequência nas seções de Resultados dos diferentes grupos, com exceção do grupo A1, que contabiliza poucos marcadores desse tipo. No grupo B2 ele aparece também com frequência nas seções de Referencial Teórico. Na seção de Resultados, esses marcadores têm a função de fazer a transição entre os dados acerca dos diferentes aspectos investigados e relatados no artigo, como demonstrado no exemplo (14).

Os marcadores de ilustração e exemplificação, por sua vez, são mais comuns nas seções de introdução (grupos A1, A2 e B1), referencial teórico (grupos A1, B1 e B2) e resultados (grupos A1 e A2), enquanto os marcadores de quadros mediadores são mais utilizados nas seções de referencial teórico (grupo B2) e de resultados (grupos A1, A2 e B1). No caso do grupo B1, há a influência do já mencionado artigo CSH-D 5, que faz na sua seção de resultados um estudo de dissertações e teses, usando os MQM para referir tais estudos. Nos demais casos, ocorre na seção de resultados algo que já foi mencionado: os resultados são comparados com os de outros trabalhos, e a menção a esses outros trabalhos é feita por meio do uso dos MQM. A seção de referencial teórico, ao contrário do esperado, não é a seção na qual os MQM aparecem em maior número, mas é a segunda colocada. Isso porque, muitas vezes, a menção aos autores das teorias que embasam o estudo não é feita de forma direta no texto, com o uso desse tipo de marcador, mas sim com a chamada de referência incluída entre parênteses, uma espécie de rótulo que, de certa forma, pode ser considerado um elemento paratextual, já que não integra a predicação, a estrutura das orações. Uma ocorrência disso pode ser vista nos exemplos (17) e (18), mais à frente.

Os marcadores de reformulação, que parecem ser a classe mais estudada a partir da bibliografia levantada para este trabalho (Lopes, 2014, 2017; García Negroni, 2009; Padilla & López, 2012; Valente, 2012), são mais comuns nas seções de referencial teórico. Pode-se dizer que isso ocorre porque, nessas seções, os autores procuram apresentar uma leitura pessoal da literatura citada, por meio da reformulação de citações com suas próprias palavras. O marcador de reformulação mais utilizado é *ou seja* (18 das 62 ocorrências registradas), seguido de *i.e.* (com 6 ocorrências, todas em um mesmo artigo, o CEN-ND 1, usadas principalmente para explicar termos técnicos e conceitos) e *de fato* (com 4 ocorrências). Esse último, além de reformulação (conforme Adam, 2011), tem um valor de reforço argumentativo (conforme Martín Zorraquino e Portolés, 1999), refletindo a polifuncionalidade dos marcadores, como pode ser visto no excerto seguinte:

(17) O autor (ibid, 2010) ainda destaca que a oferta de políticas públicas para a agricultura familiar pauta-se, não só nas DAPs e na facilitação de linhas de crédito, mas também em instrumentos:

- Que asseguram a produção e a renda diante de imprevistos e flutuações nos preços de mercado [...].

De fato, O Pronaf, na atualidade, é o “carro chefe” da Secretaria de Agricultura Familiar, vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). (CSH-ND 6)

O marcador *afinal* pode ser considerado marcador de reformulação segundo a categorização de Adam (2011) e também operador de reforço argumentativo segundo Martín Zorraquino e Portolés (1999). Na verdade, pode-se dizer que ele se inclui na categoria de marcação de reformulação de Adam “comparável à dos marcadores de integração linear conclusivos” (Adam, 2011, p. 188). Assim, observa-se o envolvimento de três funcionamentos: reformulação, integração linear e conclusão. Isso reforça o aspecto da polifuncionalidade dos marcadores. Exemplo disso é o seguinte trecho:

- (18) A nova questão urbana leva agora em consideração principalmente a competitividade, onde²² a cidade necessita ser competitiva para conseguir atrair recursos de capital e tecnologia, na atração de empreendimentos do setor secundário e terciário, no preço e na qualidade dos serviços prestados e na atração de mão de obra qualificada (VAINER, 1999). São estratégias fundamentais para garantir que ocorra um desenvolvimento, afinal, em um mundo globalizado, outras cidades também estão sendo vendidas. (CSH-ND 1)

Nesse trecho, “afinal” está atuando para introduzir uma conclusão, uma reformulação do que foi dito antes, e também faz um reforço da argumentação.

Outro exemplo de marcador polifuncional é *como*: foram contabilizados os casos em que ele aparece como marcador de ilustração e exemplificação (organizador textual, portanto) e como conector argumentativo marcador de argumento.

Por fim, observando os totais de marcadores por tipo, pode-se ver que os diversos tipos de conectores argumentativos ocorrem em grande quantidade – atrás apenas dos aditivos e, em alguns casos, dos marcadores de ilustração e exemplificação. Isso confirma o caráter argumentativo do artigo científico. Entre eles, os mais comuns são os conectores contra-argumentativos marcadores de argumento forte (CCA-ArgFor), seguidos pelos marcadores de argumento (CA-Arg), pelos marcadores de conclusão (CA-Concl) e pelos contra-argumentativos marcadores de argumento fraco (CCA-ArgFra). De todo modo, eles aparecem em maior quantidade no grupo de artigos das humanidades do que no das ciências; comparando-se os resultados do grupo A1 (doutorados das ciências) e do grupo B1 (doutorados das humanidades), cujas quantidades médias de palavras por artigo foram semelhantes, temos 39 marcadores de argumento (CA-Arg), 40 marcadores de conclusão (CA-Concl), 41 conectores

²² Observou-se em alguns artigos, como o CSH-ND 1, o uso equivocado da palavra “onde”. A frequência desse fenômeno que é considerado erro, não apenas em português mas também em espanhol, tem motivado seu estudo. Exemplo é o trabalho de Navarro e Moris (2012), *El uso de donde como marcador del discurso en prácticas de escritura académica de ingresantes universitarios*, no qual os autores estabelecem uma gradação do uso normal como subordinante com valor locativo, passando pelo uso como subordinante com valor locativo metafórico com ou sem antecedente preciso, e chegando a um uso como marcador do discurso, com o traço de adição paratática e sem significado proposicional nem dependência sintática.

contra-argumentativos marcadores de argumento forte (CCA-ArgFor) e 7 conectores contra-argumentativos marcadores de argumento fraco (CCA-ArgFra) no grupo A1 (ciências) contra, respectivamente, 47, 51, 41 e 20 no grupo B1 (humanidades). Esse dado confirma os achados de Wiefling e Montemayor-Borsinger (2012), que observaram baixa frequência de conectores (aditivos, consecutivos e contra-argumentativos, seguindo a classificação de Portolés (1998), a qual é, em grande parte, tomada como base por Martín Zorraquino e Portolés (1999)) em artigos científicos de Física e maior frequência e variedade em artigos de Antropologia. Segundo os autores (Wiefling & Montemayor-Borsinger, 2012), nos artigos da área de Antropologia, o autor exhibe sua linha argumental com o intuito de guiar as inferências dos leitores e fortalecer as relações interpessoais, ao passo que nos artigos de Física, as instruções semânticas ao leitor são omitidas, dando a impressão de que os fatos relatados se relacionam entre si sem a necessidade de explicitar essa relação, devendo o leitor estabelecer tais relações a partir do conhecimento compartilhado.

A título de comparação, foram calculadas as proporções de marcadores em relação à quantidade de palavras por seção e por grupo, apresentada anteriormente na Tabela 5. Essas proporções são apresentadas na Tabela 10, a seguir, e levam em conta o total de marcadores, desconsiderando as ressalvas feitas acima – portanto, essas médias podem não representar completamente a realidade:

Tabela 10 – Proporção marcadores discursivos / quantidades de palavras.

		Rm	I	Rf	M	Rt	C	Total
Grupo A1	Marcadores	10	63	117	46	64	11	311
	Nº de palavras	1098	4558	10523	4951	5069	945	27144
	Proporção	0,91%	1,38%	1,11%	0,93%	1,26%	1,16%	1,15%
Grupo A2	Marcadores	16	50	20	32	111	25	254
	Nº de palavras	1201	2703	1607	2595	5940	1222	15268
	Proporção	1,33%	1,85%	1,24%	1,23%	1,87%	2,05%	1,66%
Grupo B1	Marcadores	18	84	130	4	107	27	370
	Nº de palavras	1053	6290	8611	1158	6063	1631	24806
	Proporção	1,71%	1,34%	1,51%	0,35%	1,76%	1,66%	1,49%
Grupo B2	Marcadores	9	52	162	17	151	36	427
	Nº de palavras	898	3458	9363	1849	5867	1827	23262
	Proporção	1,00%	1,50%	1,73%	0,92%	2,57%	1,97%	1,84%

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo os números dessa tabela, o grupo que proporcionalmente faz o maior uso dos marcadores é o B2, confirmando a impressão passada pelos quadros globais dos marcadores (Tabela 6 a Tabela 9), nos quais tal grupo aparece com a maior quantidade absoluta de marcadores. Caso se comparem os subgrupos de doutorados (A1 e B1) e de não doutorados (A2

e B2), pode-se afirmar que as humanidades fazem maior uso de marcadores discursivos: no grupo dos doutorados as proporções são de 1,49% das humanidades contra 1,15% das ciências, enquanto no grupo dos não doutorados temos 1,84% das humanidades contra 1,66% das ciências. No entanto, de modo geral, não é possível afirmar que o grupo B (humanidades) faz maior uso dos marcadores do que o grupo A (ciências), visto que a proporção de marcadores no grupo B1 (doutorados das humanidades) é menor que no grupo A2 (não doutorados das ciências). Já as seções que contam proporcionalmente com a maior quantidade de marcadores, em relação à quantidade de palavras, variam: no grupo A1 a introdução ocupa essa posição, enquanto no grupo A2 isso ocorre na seção de conclusão, e nos grupos B1 e B2 (humanidades) o destaque fica com a seção de resultados – como já foi visto, em grande parte pelo uso de conectores argumentativos. A título de comparação, as proporções encontradas por Wiefeling e Montemayor-Borsinger (2012) foram 1,15% para a área de Física (a mesma proporção encontrada no grupo A1 – doutorados das ciências) e de 1,85% para a área de Antropologia (próxima ao resultado encontrado para o grupo B2 – não doutorados das humanidades).

Assim, pode-se concluir que a míngua de marcadores discursivos obriga o leitor/alocutário a recuperar relações que existem, mas estão implícitas. No entanto, ainda que pouco utilizados, os marcadores discursivos contribuem para a estruturação do plano de texto e a cada seção, com suas características, corresponde uma maior frequência de tipos de marcadores discursivos que possuem características semelhantes às da seção.

Capítulo 5 – Os organizadores textuais

Neste capítulo, passaremos à análise mais detalhada dos organizadores textuais e de como eles contribuem para a construção do plano de texto. Para isso, apresentamos a seguir os quadros dos marcadores encontrados.

Quadro 9 – Organizadores textuais encontrados – Grupo A1.

Resumo	- Ad: 3: ainda, já, também; - MIEx: 3: e.g. (<i>exempli gratia</i>), entre outros, como.
Introdução	- OTp: 9: finalmente (2x), depois (2x), em seguida, inicialmente, primeiramente, daí, então; - Ad: 16: além disso (4x), e (4x), também (3x), já, enquanto que, além do mais, além de que, inclusive; - MILin: 2: por fim, por outro lado; - MIEx: 10: como (5x), (d)entre outros(as) (3x), tais como, por exemplo.
Referencial teórico	- OTp: 8: após (7x), e então; - Ad: 32: e (11x), também (11x), além disso (5x), já (2x), enquanto que, da mesma forma, além de que; - MILin: 4: finalmente (2x), em seguida, por fim; - MMT: 2: em relação a (2x); - MIEx: 22: como (15x), por exemplo (5x), tais como, entre outras.
Método da pesquisa	- OE: 1: à frente; - OTp: 11: após (3x), em seguida (3x), logo em seguida, posteriormente, inicialmente/a seguir; antes; - Ad: 3: também (2x), enquanto; - MILin: 4: por outro lado, primeiro, segundo, e assim; - MMT: 1: já; - MIEx: 4: e.g. (<i>exempli gratia</i>) (2x), como, tais como.
Resultados da pesquisa	- Ad: 7: ainda (2x), já (2x), e, da mesma forma, enquanto que; - MILin: 2: por fim, por sua vez; - MMT: 2: já (2x); - MIEx: 10: como (7x), (d)entre outros(as) (2x), como por exemplo.
Conclusão/considerações	- Ad: 3: ainda, e, além disso; - MIEx: 1: por exemplo.

Fonte: dados da pesquisa.

Os organizadores espaciais (OE) foram contabilizados apenas no grupo A1. Sua aparição ocorre na descrição de um equipamento, na seção de metodologia de um artigo na área de engenharia:

- (19) Na Figura 11 da direita para esquerda se tem o rotor dessecante com os dutos de ar de processo entrando na sua seção mais baixa e a saída do ar de regeneração saindo por cima da de processo, isolada com manta papel alumínio. A frente do rotor dessecante o rotor sensível, a entrada do ar de processo na seção superior isolada e o duto de ar de retorno na seção inferior. (CEN-D 5)

De fato, os organizadores espaciais parecem mais comuns em descrições de ambientes ou objetos, o que pode não ser algo tão frequente em artigos científicos ou em textos argumentativos de modo geral, mas podem ocorrer como sequências descritivas dentro de um texto predominantemente argumentativo ou explicativo.

Quadro 10 – Organizadores textuais encontrados – Grupo A2.

Resumo	- Ad: 3: além disto, assim como, bem como; - MILin: 1: por fim; - MMT: 1: quanto a.
Introdução	- Ad: 10: e (2x), além disso/disto (2x), também (2x), assim como (2x), ainda, bem como; - MILin: 1: por sua vez; - MMT: 1: quanto a; - MIEx: 11: como (5x), a exemplo de (2x), por exemplo, como por exemplo, tais como, entre outros.
Referencial teórico	- Ad: 5: também (2x), e, além disto, ainda; - MIEx: 4: por exemplo, tais como, como, quais sejam.
Método da pesquisa	- OTp: 6: após (3x), depois, a priori / seguidamente; - Ad: 4: e (3x), além disso; - MILin: 6: após (2x), primeiramente, inicialmente, em seguida, por fim. - MMT: 4: com/em relação a (3x), quanto a; - MIEx: 7: por exemplo (2x), tais quais (2x), como (2x), tais como.
Resultados da pesquisa	- OTp: 3: após (3x); - Ad: 27: e (11x), além disso/disto (6x), também (3x), ainda (2x), enquanto (2x), enquanto que, bem como, até; - MILin: 5: de um lado / de outro, por sua vez, a princípio, por fim; - MMT: 10: com/em relação a (5x), quanto a (2x), a respeito de, no que tange a, no tocante a; - MIEx: 9: como (7x), por exemplo (2x).
Conclusão/considerações	- Ad: 4: além disso/disto (2x), também (2x); - MILin: 1: por fim; - MIEx: 2: como (2x).

Fonte: dados da pesquisa.

Quadro 11 – Organizadores textuais encontrados – Grupo B1.

Resumo	<ul style="list-style-type: none"> - OTp: 1: após; - Ad: 7: e (6x); ainda; - MMT: 4: com/em relação a (3x), quanto a; - MIEx: 1: notadamente.
Introdução	<ul style="list-style-type: none"> - OTp: 1: então; - Ad: 13: e (7x), ainda (2x), ademais (2x), igualmente, além disso; - MILin: 3: finalmente, em primeiro lugar / em seguida; - MMT: 1: ora; - MIEx: 12: como (5x), entre outros (2x), notadamente, a exemplo de, assim, tais como, por exemplo.
Referencial teórico	<ul style="list-style-type: none"> - OTp: 3: após (2x), mais tarde; - Ad: 31: e (9x), ainda (8x), também (6x), além disto (6x), ou (2x); - MILin: 4: primeiramente, por um lado / por outro lado, por sua vez; - MMT: 3: quanto a (2x), com relação a; - MIEx: 13: como (4x), a exemplo de (3x), entre outros (2x), por exemplo (2x), especificamente, notadamente.
Método da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> - OTp: 2: inicialmente, após; - MMT: 1: já.
Resultados da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> - OTp: 2: em seguida (2x); - Ad: 13: e (7x), também (2x), até, ou, além disso, da mesma maneira; - MILin: 13: por fim (3x), depois (2x), em seguida (2x), logo em seguida, inicialmente, primeiramente, em primeiro lugar, por último, para finalizar; - MMT: 11: com/em relação a (7x), no caso de, quanto a, no que diz respeito a, sobre; - MIEx: 9: como (3x), mais precisamente (2x), mais especificamente, entre elas, entre outras, por exemplo.
Conclusão/considerações	<ul style="list-style-type: none"> - Ad: 5: e (4x); além disto; - MILin: 1: por fim; - MIEx: 3: especificamente, como, por exemplo.

Fonte: dados da pesquisa.

Quadro 12 – Organizadores textuais encontrados – Grupo B2.

Resumo	- OTp: 1: após; - Ad: 1: e; - MIEx: 3: como (2x), por exemplo.
Introdução	- OTp: 3: após (2x), antes; - Ad: 17: e (10x), além disso (4x), também (2x), assim como; - MILin: 1: em seu turno; - MMT: 2: com relação a, já; - MIEx: 3: como, tais como, por exemplo.
Referencial teórico	- OTp: 1: antes; - Ad: 23: e (9x), ainda (8x), também (4x), além disso (2x); - MILin: 7: por fim (3x), primeiramente, por sua vez, de um lado / de outro lado; - MMT: 9: já (4x), com/em relação a (3x), quanto a (2x); - MIEx: 25: como (16x), por exemplo (5x), tais como, entre outras, especificamente, em particular.
Método da pesquisa	- OTp: 2: após (2x); - Ad: 2: bem como, também; - MILin: 7: inicialmente (7x), primeiro, segundo, terceiro, quarto, por último; - MIEx: 1: como.
Resultados da pesquisa	- OTp: 3: após (3x); - Ad: 22: e (8x), também (4x), inclusive (2x), ainda (2x), da mesma forma, até, além disso, assim como, e nem, muito menos; - MILin: 6: inicialmente (3x), por sua vez (2x), por último; - MMT: 17: com/em relação a (8x), já (7x), quanto a (2x). - MIEx: 9: como (6x), como por exemplo, em particular, especificamente;
Conclusão/ considerações	- OTp: 1: depois; - Ad: 3: e (2x), ainda; - MILin: 5: por fim (2x), por sua vez, de um lado / de outro lado; - MMT: 1: com relação a; - MIEx: 4: como (2x), dentre as quais, entre outros.

Fonte: dados da pesquisa.

Retomaremos, ainda, o quantitativo de marcadores discursivos apresentados nas Tabelas 6 a 9, restringindo aqui aos organizadores textuais.

Tabela 11 – Quantitativo dos organizadores textuais – Grupo A.

	Grupo A1						Grupo A2				
	OE	OTp	Ad	MILin	MMT	MIEx	OTp	Ad	MILin	MMT	MIEx
Resumo	-	-	3	-	-	3	-	3	1	1	-
Introdução	-	9	16	2	-	10	-	10	1	1	11
Ref. Teórico	-	8	32	4	2	22	-	5	-	-	4
Mét. pesquisa	1	11	3	4	1	4	6	4	6	4	7
Resultados	-	-	7	2	2	10	3	27	5	10	9
Conclusão	-	-	3	-	-	1	-	4	1	-	2
Total	1	28	64	12	5	50	9	53	14	16	33

Tabela 12 – Quantitativo dos organizadores textuais – Grupo B.

	Grupo B1					Grupo B2				
	OTp	Ad	MILin	MMT	MIEx	OTp	Ad	MILin	MMT	MIEx
Resumo	1	7	-	4	1	1	1	-	-	3
Introdução	1	13	3	1	12	3	17	1	2	3
Ref. teórico	3	31	4	3	13	1	23	7	9	25
Mét. pesquisa	2	-	-	1	-	5	2	7	-	1
Resultados	2	13	13	11	9	3	22	6	17	9
Conclusão	-	5	1	-	3	1	3	5	1	4
Total	9	71	21	20	38	14	68	26	29	45

Fonte: dados da pesquisa.

Os conectores aditivos contabilizados, que apareceram em maior quantidade não só entre os organizadores textuais mas entre todas as categorias de marcadores discursivos, foram os simples aditivos que Adam (2011) inclui entre os enumerativos, e estes entre os organizadores textuais, mas foram também os conectores aditivos listados por Martín Zorraquino e Portolés (1999) – *además, inclusive, além disso* e variações como *além de que* e *além do mais* – e alguns marcadores constantes do Dicionário de Partículas de Briz et al. (2008) – *muito menos* e *até*. Esse último marcador, juntamente com *além do mais*, são mencionados por Adam (2011) entre os conectores argumentativos marcadores de argumento. Reconhecemos que esses marcadores, e alguns outros aditivos, têm uma dimensão argumentativa mais ampla do que os aditivos mais simples como *e, também* e *ainda* – confirmando a percepção de Pons Bordería (2000), segundo a qual todos, ou quase todos, os marcadores discursivos (chamados por ele de “conectores”) têm valores argumentativos, além de servirem para planificar o discurso e para guiar as inferências que podem ser extraídas dos enunciados –, no entanto não consideramos que a força argumentativa seja a mesma que a de marcadores como *porque* e *uma vez que*. Exemplo de aditivo com essa dimensão argumentativa é *inclusive*, que, segundo Portolés (2008), “Destaca un elemento del discurso como menos esperable que otro (expreso o, lo que es más frecuente, sobrentendido) y, en consecuencia, crea una escala en la que ese elemento destacado se comprende como más informativo”. Tal efeito pode ser visto no seguinte excerto:

- (20) Conforme os dados coletados, sabe-se ainda que na região do Curimataú, tanto os lixões a céu aberto, como os lixões controlados, encontram-se em um raio de distância das cidades que varia de 2 a 10km. Estes espaços permanecem sem uma delimitação, com acesso liberado à população. Em dois municípios, inclusive a Superintendência de Administração

do Meio Ambiente (SUDEMA) exigiu que fossem colocadas cercas ao redor dos lixões, pois estavam com acesso livre para catadores, o que deve ser também regulamentado pelas municipalidades, com controle e critérios específicos definidos pela PNRS. (CSH-ND 2)

O aditivo *também* costuma ser empregado com outras expressões, formando uma sequência, como pode ser visto no excerto a seguir:

- (21) A forte expansão da propriedade privada cria limite de uso do espaço, gerando um conflito. Ao mesmo tempo em que o espaço produz e garante à reprodução da vida, ele também promove a contradição através das diferentes formas de apropriação e dos usos diferenciados desse espaço. (CSH-ND 1)

Em termos de variabilidade, no total, foram contabilizados 18 aditivos diferentes, totalizando 256 ocorrências: *e*, *também*, *além disso/disto*, *ainda*, que aparecem nos quatro grupos; *até*, que aparece em três grupos (A2, B1 e B2); *enquanto (que)*, que aparece em dois grupos (A1 e A2); *assim como* e *bem como*, que aparecem em dois grupos (A2 e B2); *inclusive* e *da mesma forma*, que aparecem nos grupos A1 e B2; e outros aditivos que aparecem em um grupo cada: *além de que* e *além do mais*, que aparecem no grupo A1; *además* e *igualmente*, que aparecem no grupo B1, em um mesmo artigo (o CSH-D 4); *já*, no grupo A1, *ou* e *da mesma maneira*, no grupo B1, *e nem* e *muito menos* no grupo B2. O grupo que menos varia é o A2, com 8 aditivos diferentes (contra 9 do B1, 10 do A1 e 11 do B2), grupo este que também não apresenta aditivos diferentes em relação aos demais.

Em relação aos organizadores temporais, foram contabilizadas 15 variedades: *após*, o mais comum, com 28 do total de 60 ocorrências, encontrado nos quatro grupos; *depois*, encontrado em três grupos; *em seguida* e *então*, encontrados nos grupos A1 e B1; *antes*, encontrado nos grupos A1 e B2; *inicialmente*, encontrado nos grupos A1 e A2; e as demais variedades, encontradas em um grupo cada: *a seguir*, *primeiramente*, *daí*, *finalmente*, *logo em seguida* e *posteriormente*, encontrados no grupo A1; *mais tarde*, encontrado no grupo B2; e *a priori* e *seguidamente*, encontrados no grupo A2, em um mesmo artigo, o CEN-ND 5, e formando sequência – consideramos que esses termos foram usados como organizadores temporais, mas de forma pouco usual e talvez inadequada, tendo em vista que houve uma mudança de sentido em relação ao sentidos usuais dos termos:

- (22) Após estabelecido a quantidade de serviço a ser produzida, adquiriu-se embasamento necessário para desenvolver o estudo. A partir desse quantitativo, foi levantado o consumo teórico e estimado de material, além de mensurado a incidência de material perdido. Após a realização das atividades citadas, estruturou-se um procedimento para inspeção do serviço de alvenaria e identificou-se as causas que desencadearam as perdas de materiais.

A priori, foi realizado o cômputo do consumo teórico de material previsto para a execução do serviço. Seguidamente, conforme o andamento da produção iam sendo realizadas inspeções no serviço, a partir disso e das informações levantadas junto aos construtores, foi possível estabelecer o consumo estimado de material utilizado na produção do serviço de alvenaria. (CEN-ND 5)

Esse excerto foi retirado da seção de metodologia do artigo CEN-ND 5, e conta também com outros dois organizadores temporais: *após* (usado de forma repetida). Já o marcador temporal *daí*, mais usado na linguagem coloquial, foi empregado em um dos artigos em combinação com o marcador *então* – possibilidade prevista por Fraser (2009) e por Pons Bordería (1998, 2001) para alguns marcadores discursivos –, conforme pode ser visto no excerto a seguir:

- (23) Uma abordagem alternativa para o projeto de controladores MIMO em sistemas com forte interação é utilizar uma estrutura de controle com desacoplamento. Essa abordagem decompõe o problema de projeto em duas partes: primeiramente, realiza-se o desacoplamento do sistema para minimizar as interações ou tornar o sistema diagonal dominante; daí então se projeta o controlador MIMO de forma descentralizada. (CEN-D 6)

O uso de tais conectores como organizadores temporais demonstra sua polifuncionalidade, visto que eles podem funcionar também como conectores argumentativos marcadores de conclusão (CA-Concl), tendo sido encontrados no *corpus* com esse outro funcionamento, como pode ser visto no exemplo a seguir acerca do marcador *daí*:

- (24) A sensação de conforto tem caráter intrinsecamente pessoal, podendo apresentar resultados contrários em indivíduos diferentes, mesmo mantendo-se constante as características térmicas do ambiente, daí o conforto térmico ser definido pela American Society of Heating, Refrigerating and Air-Conditioning Engineers (ASHRAE), como sendo um estado de espírito que reflete satisfação com o ambiente térmico que envolve a pessoa. (CEN-D 2)

A maior variedade de organizadores temporais se encontra nos grupos A1 e A2, com 12 e 5 variedades, respectivamente, enquanto os grupos B1 e B2 contam com 4 e 3 variedades. Isso pode se dever ao fato já mencionado de que esses marcadores são mais utilizados nas seções de metodologia, e que estas, por sua vez, são mais detalhadas e extensas nos artigos das ciências (grupo A).

Os organizadores temporais também são usados em seções como introdução e referencial teórico para contextualizar os temas abordados nos artigos ou descrever a evolução histórica de determinado objeto de estudo, como pode ser visto no excerto a seguir, no qual se observa que a descrição da passagem de tempo, além de contar com os organizadores temporais,

conta também com o uso de determinados tempos verbais, advérbios como “gradativamente” e expressões como “nas últimas décadas”:

- (25) Durante muito tempo, o meio ambiente foi visto como um estoque infinito de recursos para usufruto humano e também como uma enorme lixeira para receber os dejetos gerados. Após séculos de exploração desmedida dos recursos naturais, intensificados a partir da industrialização, é somente por volta dos anos 1960 que os diversos eventos ambientais de proporções catastróficas começam a anunciar o advento de uma crise ecológica sem precedentes provocada pelas ações antrópicas do homem, fragilizando o equilíbrio da natureza. Nas últimas décadas, um movimento de cientistas sugere que a “evolução” geológica do planeta e o momento histórico atual representam uma ruptura antropogênica, que pode ser chamado de Era do Antropoceno (ANGUS, 2016). Gradativamente, asseverou-se o uso de combustíveis fósseis, os testes nucleares, as inovações nas indústrias química, metalúrgica e extrativista, as modernizações no agronegócio, o incentivo ao consumo, a obsolescência de produtos que acarretaram na geração demasiada de resíduos sólidos que o metabolismo da natureza não consegue processar. (CSH-ND 2)

Algumas palavras utilizadas como organizadores temporais podem também ser utilizadas, em outros contextos, como marcadores de integração linear. Segundo Adam (2011), conforme já mencionado na página 87, os organizadores enumerativos, entre os quais estão incluídos os aditivos e os marcadores de integração linear, “segmentam e ordenam a matéria textual combinando, muitas vezes, valor de ordem com um valor temporal” (Adam, 2011, p. 183). Por isso, os marcadores de integração linear também ocorrem com frequência na descrição da metodologia de pesquisa. É o caso de *em seguida*, *primeiramente* e *inicialmente*, que ora aparecem como organizadores temporais, ora como marcadores de integração linear, como pode ser visto nos excertos a seguir acerca de *inicialmente*:

- (26) A presente pesquisa de campo baseia-se em uma análise dos desafios enfrentados pelos administradores municipais na implementação de políticas de gestão dos resíduos sólidos, após a sanção da Lei 12.305/2010, tomando como estudo de caso a Região do Curimataú Paraibano. Para tanto, inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico em livros, leis, artigos e websites sobre a temática relacionada à gestão dos resíduos sólidos. Trata-se de um estudo de caso descritivo, em que é apresentada a realidade de uma região (Curimataú Paraibano) com suas especificidades, na visão de seus administradores públicos. (CSH-ND 2)
- (27) Nesta seção, apresentam-se inicialmente aspectos gerais de desacoplamento de sistemas TITO. Além disso, três técnicas de projeto do desacoplador são detalhadas. (CEN-D 6)

Como se pode ver no excerto acima, por vezes a integração é feita com aditivos. No exemplo seguinte, há uma mudança de tempo verbal que poderia pôr em dúvida a classificação de *em seguida*: o parágrafo descreve uma tese, usando verbos no presente do indicativo (*discute*, *aborda*, *trata*, *é feita*) para indicar os passos que são seguidos no texto, mas no final da descrição

o tempo verbal é alterado para o pretérito perfeito (*foi feita*) – o fato de o presente do indicativo, utilizado no início da enumeração, ser pouco marcado quanto ao valor temporal, podendo ocorrer com valor de presente, passado ou futuro, favorece a oscilação do locutor:

- (28) A tese foi dividida em seis capítulos. O primeiro deles discute o significado da Heurística, o segundo capítulo aborda a metodologia da pesquisa em História da Matemática utilizada no trabalho. O terceiro capítulo discute as origens da atividade heurística encontradas em O Método, de Arquimedes. O quarto capítulo trata da investigação do livro VII, de A Coleção Matemática de Pappus, abordando os vestígios da heurística. / No quinto capítulo, é feita a análise da obra *Regras para a Direção do Espírito*. Em seguida, no sexto capítulo, foi feita uma comparação entre a sistematização da atividade heurística apresentada nas obras *A arte de Resolver Problemas* e *Matemática e Raciocínio Plausível* de Polya e os aspectos heurísticos evidenciados nas obras de Arquimedes, Pappus e Descarte.

De qualquer forma, o excerto acima trata da organização textual da tese descrita, na qual *em seguida* consiste em um marcador de integração linear, e a mudança do tempo verbal pode ser considerada uma falha por parte do locutor.

Muitas vezes os marcadores de integração linear são utilizados de forma isolada, sem formar sequência com outros marcadores – é o caso do exemplo (29), em que a sequência de eventos que o marcador de continuidade *em seguida* ajuda a descrever é recuperada pelos tempos verbais (*decidimos, selecionamos, fizemos*).

- (29) Considerando o que se propôs nesse projeto, decidimos tomar como objeto de estudo para esse artigo as dissertações e teses em História e Epistemologia da Matemática do Brasil no período entre 1990 e 2010 [...].
 [...] selecionamos entre os 62 trabalhos de História e Epistemologia da Matemática, aqueles que apresentavam conteúdos Matemáticos e separamos em dois tipos: Conteúdos do Ensino Superior e conteúdos da Educação Básica [...].
Em seguida fizemos um quadro, no qual separamos o quantitativo de trabalho em função dos conteúdos, usando como critério as áreas de conhecimentos do Exame Nacional do Ensino Médio –ENEM [...]. (CSH-D 5)

Da mesma forma, o exemplo (30) inicia com o marcador de abertura *primeiramente* sem o uso posterior de marcadores de continuidade e encerramento – o excerto seguinte é o início da seção de referencial teórico do artigo em questão, por isso não é apresentado o trecho anterior:

- (30) Primeiramente, deve se pensar a cidade como um elemento que é produto das relações humanas e consequentemente de um processo histórico de acumulação de capital. As relações sociais só se materializam em um espaço que seja real e concreto, que possa garantir a reprodução da vida cotidiana, nessa perspectiva a cidade é esse espaço social onde as relações acontecem e que é capaz de produzir um espaço no decorrer do tempo. (CSH-ND 1)

O marcador de encerramento *por fim* foi utilizado diversas vezes dessa forma, encerrando uma enumeração feita de forma paratática. O uso de marcadores de abertura, continuidade ou encerramento em enumerações sem que formem sequência com outros marcadores é comum – “Es habitual que en la formación de la secuencia no aparezcan todos los ordenadores de la serie” (Martín Zorraquino & Portolés, 1999, p. 4088) – e indica que o locutor pressupõe no leitor uma competência comunicativa alta que lhe permite reconstruir essa enumeração.

Os marcadores *por outro lado* e *por sua vez* também são frequentemente usados sem formar integração linear com outros marcadores. Em várias ocasiões, esses marcadores estabelecem um contraste entre os membros discursivos que ligam; por isso, ora são classificados como marcadores de integração linear, ora como conectores contra-argumentativos marcadores de argumento forte.

- (31) Alguns lugares do planeta possuem essa liberação de calor de forma mais significativa, por se localizarem em regiões tectonicamente ativas do globo, onde existem atividades vulcânicas [...]. O Brasil, por sua vez, está localizado no centro da placa Sul-americana e apresenta um regime térmico considerado como estacionário, devido à ausência de atividades tectono-magmáticas recentes. (CEN-ND 4)

O marcador *por outro lado*, quando funciona como marcador de integração linear, pode formar par com a expressão *por um lado*, que o antecede, e em alguns casos parece equivalente ao marcador *en cambio*, listado por Martín Zorraquino e Portolés (1999) como conector contra-argumentativo.

Os marcadores de integração linear mais utilizados foram *por fim*, encontrado nos quatro grupos, e *por sua vez*, também presente nos quatro grupos; *primeiramente*, *inicialmente* e *em seguida*, encontrados em três grupos; *finalmente*, *por último*, o par *de um lado/de outro (lado)* e a enumeração *primeiro, segundo...*, presentes em dois grupos; e marcadores que ocorreram apenas em um grupo, como *por outro lado* (usado isoladamente) e a locução *e assim* – que expressa a possibilidade de combinação dos marcadores discursivos (no caso específico, *assim*) com conjunções (no caso específico, a conjunção aditiva *e*), apontada por Pons Bordería (1998) –, utilizados no grupo A1; *após* e *a princípio*, utilizados no grupo A2; o par *por um lado/por outro lado*, *depois* e as locuções *em primeiro lugar*, *logo em seguida* e *para finalizar*, no grupo B1; e *em seu turno*, no grupo B2. Os grupos B1 e B2 se mostraram os mais variados no uso dos marcadores de integração linear, com 12 e 11 marcadores distintos, respectivamente, enquanto

os grupos A1 e A2 apresentaram 8 marcadores distintos cada. Essa foi a categoria de marcadores que apresentou a maior variedade, com 19 marcadores diferentes.

Já os marcadores de mudança de topicalização apresentaram uma variedade menor, nove marcadores distintos: *com/em relação a* apareceu nos quatro grupos, *quanto a* e *já* apareceram em três grupos, e *a respeito de*, *no que tange a* e *no tocante a* apareceram apenas no grupo A2, mais especificamente em apenas um artigo, o CEN-ND 6; enquanto *no caso de*, *no que diz respeito a*, *sobre* e *ora* apareceram apenas no grupo B1. Dessa forma, o grupo A1 apresentou apenas dois marcadores distintos, o grupo A2, cinco, o grupo B1, sete, e o grupo B2, três tipos; não há, portanto, um padrão entre ciências *versus* humanidades nem entre pesquisadores experientes *versus* pesquisadores iniciantes, mas o resultado do grupo A2 deve-se a apenas um artigo; não fosse esse artigo, esse grupo apresentaria uma variedade de apenas dois marcadores distintos.

Foram observados os artigos que contêm seções muito subdivididas – como os já mencionados CEN-D 1, CEN-ND 4, CEN-ND 5, CEN-ND 6 e CSH-ND 4, que subdividem a seção de metodologia – com relação à maior ou menor presença de marcadores de mudança de topicalização e o que se observou é que não há uma menor ocorrência dos MMT em virtude da maior subdivisão das seções. Na maioria dos casos, os artigos se mantêm na média do respectivo grupo, e em alguns casos tais seções subdivididas chegam a ter mais marcadores de mudança de topicalização que nos demais artigos do grupo. Não se confirma, portanto, a hipótese inicial de que uma maior subdivisão desfavoreceria o uso de marcadores, especialmente dos marcadores de mudança de topicalização; o uso maior ou menor nesses casos pode se dever às diferenças de estilo de escrita dos diversos autores.

Os marcadores de mudança de topicalização, como dito no capítulo anterior, foram mais frequentes nas seções de resultados, em todos os grupos com exceção do grupo A1, no qual ele se distribui de forma mais homogênea pelas seções de referencial teórico, método de pesquisa e resultados. Esse uso mais frequente na seção de resultados se justifica pela apresentação de aspectos diversos dos resultados obtidos com a pesquisa, sendo a alternância entre esses aspectos feita por meio do uso dos marcadores de mudança de topicalização, como pode ser visto no exemplo (14). No entanto, muitas vezes, a mudança do tópico é feita sem o uso desses marcadores. Nesse caso, o locutor pressupõe que o leitor irá inferir a mudança de assunto e a conexão entre os diferentes assuntos a partir do conhecimento compartilhado, específico da área de conhecimento em que se insere o artigo. Esse é um aspecto que dificulta a atividade de revisão de textos, pois nessa atividade muitas vezes é preciso lidar com textos cuja área de

conhecimento foge completamente à alçada do revisor, e a reconstrução dessas relações de mudança de tópico fica dificultada.

Em relação aos marcadores de ilustração e exemplificação, foram encontrados 15 marcadores distintos. São eles: *como*, *(como) por exemplo*, *(d)entre outros(as)* e *tais como*, que apareceram nos quatro grupos; *a exemplo de*, que apareceu nos grupos A2 e B1, e *(mais) especificamente*, que apareceu nos grupos B1 e B2; e os marcadores que apareceram em apenas um grupo: *notadamente*, *mais precisamente*, *assim* e *entre elas*, no grupo B1; *em particular* e *dentre as quais*, no grupo B2; *e.g. (exempli gratia)*, que só apareceu em um artigo do grupo A1, o CEN-D 1; *quais sejam* e *tais quais*, no grupo A2 – este último também apareceu em apenas um artigo, o CEN-ND 5; consideramos seu uso inadequado, visto que a intenção era usar com o sentido de “tais como”, no entanto a expressão “tais quais” é normalmente usada com o sentido de “semelhantes”. Em suma, o grupo A1 apresentou cinco marcadores de ilustração e exemplificação distintos, o grupo A2, sete, o grupo B1, 10 e o grupo B2, também sete. Entre os doutorados, a variedade foi maior no grupo das humanidades, já entre os não doutorados a variedade foi a mesma, com a ressalva de que no grupo A2 houve um marcador adotado de forma equivocada.

Pode-se ressaltar, por fim, que a organização textual não se dá apenas pelo uso dos organizadores textuais, mas também por estratégias de linearização como o uso de numeração, alíneas, pontuação ou mesmo pela parataxe ou justaposição de argumentos, como pode ser observado no seguinte excerto, retirado da conclusão de um artigo – no trecho se observa apenas o marcador de argumento “uma vez que”, sendo os demais membros discursivos acrescentados sem o uso de marcadores:

- (32) A ocorrência excessiva de sudorese, que acomete os manipuladores de alimentos durante o desempenho das atividades produtivas, pode acarretar na contaminação dos alimentos, uma vez que nela, estão contidos micro-organismos patogênicos ao homem. A presença de ruídos pode acometer o indivíduo ao desconforto acústico para qualquer situação ou atividade, promovem distrações, irritabilidade e diminuição da produtividade no trabalho. O ofuscamento e/ou sombra gerada a partir da iluminação deficiente do ambiente fabril, dificultam a identificação de pontos de contaminação. (CEN-D 2)

No entanto, por vezes a ausência de marcadores causa dificuldade de compreensão – parece ser esse o caso do seguinte excerto:

- (33) O índice de temperatura efetiva traduz a sensação térmica do indivíduo, adotado como parâmetro na determinação do conforto térmico. A NR 17 recomenda um índice de temperatura efetiva entre 20 °C e 23 °C, nos locais de trabalho em que há a necessidade de constante atenção por parte dos trabalhadores. (CEN-D 2)

Se a intenção foi dizer que *o índice de temperatura efetiva é adotado como parâmetro*, e não que *o indivíduo é adotado como parâmetro*, como acreditamos ser o caso, seria necessário utilizar um aditivo, da seguinte forma: “O índice de temperatura efetiva traduz a sensação térmica do indivíduo e é adotado como parâmetro na determinação do conforto térmico”. Aqui, o locutor não apenas deixou de marcar o percurso de leitura pretendido (“o índice de temperatura efetiva é adotado como parâmetro”), mas também pode ter denotado um percurso diferente com a ausência da marcação (“o indivíduo é adotado como parâmetro”), ou seja, levou o alocutário a seguir um caminho errôneo, sendo necessário refazê-lo para chegar ao significado pretendido.

Outra estratégia recorrente é o uso do gerúndio, como pode ser visto nos seguintes excertos:

- (34) O Pegmatito Alto do Tibiri está orientado segundo uma direção preferencial E-W. É definido como do tipo misto, apresentando um zoneamento composicional bem definido, dividido em Zona de borda, Zona II, Zona dos bolsões de quartzo, possuindo uma mineralogia acessória bastante diversificada, composta por espodumênio, apatita, clevelandita, tantalita, morganita e arrogedita. (CEN-ND 3)
- (35) Segundo Ataíde (2008), valor superior aos estabelecidos pela NR 15, podem acometer o indivíduo ao desconforto acústico para qualquer situação ou atividade, promovendo a perda da inteligibilidade da linguagem, a comunicação fica prejudicada, passando a ocorrer distrações, irritabilidade e diminuição da produtividade no trabalho. (CEN-D 2)

Considerações finais

Como se pôde ver ao longo deste trabalho, os marcadores discursivos são elementos fundamentais para a estruturação discursiva dos artigos científicos. Eles guiam a leitura, as inferências que o leitor/alocutário retira do texto, e indicam o percurso interpretativo pretendido pelo locutor. Eles também contribuem na estruturação dos planos de texto, indicando a orientação argumentativa e a responsabilidade enunciativa próprios de cada seção do artigo: no primeiro caso, as seções com maior caráter argumentativo – resultados e conclusão –, por meio do maior uso dos conectores argumentativos; e no segundo caso, a referência aos trabalhos que servem de suporte para cada pesquisa, nas seções de referencial teórico e de resultados, por meio dos marcadores de escopo de responsabilidade enunciativa.

Assim, observa-se que a hipótese inicial segundo a qual “o gênero discursivo condiciona a ocorrência e uso dos marcadores discursivos” foi confirmada; sendo o artigo científico um gênero marcado por uma argumentação que busca um efeito persuasivo (Hyland, 2011), é essa característica do gênero que determina a maior frequência dos conectores argumentativos e dos marcadores do escopo de responsabilidade enunciativa, além dos aditivos, que atuam na organização textual. Um gênero narrativo (romance, conto etc.), por exemplo, conteria maior quantidade de marcadores temporais e mesmo espaciais (nas sequências descritivas), os quais foram observados em pequena quantidade nos artigos analisados.

A segunda hipótese inicial, segundo a qual “os marcadores discursivos estão em inter-relação com o plano de texto”, bem como a quarta hipótese, segundo a qual “a frequência e classes de marcadores discursivos utilizados estão relacionadas com as diferentes partes do plano”, também se confirmaram. As partes do plano de texto com maior carga argumentativa – resultados e conclusão – apresentaram maior quantidade de conectores argumentativos do que dos demais tipos de marcadores; enquanto a seção de metodologia, que várias vezes descreve um relato ou passo-a-passo dos procedimentos de pesquisa, foi a que apresentou a maior quantidade de organizadores temporais, bem como de marcadores de integração linear.

A terceira hipótese inicial, segundo a qual “os marcadores discursivos são fundamentais na construção do discurso científico, porque guiam a interpretação”, foi confirmada e exemplificada por um trecho em que a ausência de marcador causou uma interpretação, a nosso ver, estranha e diferente da pretendida pelo autor. A utilização de marcadores que representassem a relação pretendida teria evitado o “desvio” do percurso de leitura pretendido.

A quinta hipótese inicial, segundo a qual “o estatuto dos locutores, como jovens investigadores ou como investigadores seniores, interfere na ocorrência e uso dos marcadores

discursivos no discurso científico”, foi parcialmente confirmada. Imaginávamos inicialmente que haveria uma maior ocorrência de marcadores discursivos nos artigos dos doutorados do que nos artigos de não doutorados; no entanto, essa hipótese foi apenas parcialmente confirmada, tendo ocorrido nos artigos das Ciências Exatas e da Natureza, mas não nos das Ciências Sociais e Humanas, que apresentaram maior quantidade de marcadores nos artigos dos não doutorados.

Já a sexta hipótese inicial, segundo a qual “a área de conhecimento dos autores interfere na ocorrência e uso dos marcadores discursivos no discurso científico”, foi também confirmada ao se observar que a proporção de marcadores em relação à quantidade de palavras foi maior nos artigos das Ciências Sociais e Humanas do que nos das Ciências Exatas e da Natureza. Além disso, com relação aos organizadores textuais, observou-se, de modo geral, uma maior variedade de marcadores nos artigos das Ciências Sociais e Humanas, com exceção dos organizadores temporais, que foram mais variados nos artigos das Ciências Exatas e da Natureza, possivelmente pelo fato de esses artigos conterem seções de metodologia mais extensas e detalhadas. Sendo as Humanidades consideradas mais subjetivas e trabalhando menos com dados numéricos, a necessidade de construção e explicitação da argumentação é maior do que nas Ciências, nas quais os números podem “falar por si”; isso pode justificar a maior quantidade e variedade de marcadores nas primeiras. No entanto, também a autoimagem desses grupos, a imagem que eles têm da própria área científica (e não necessariamente uma realidade de que umas sejam mais subjetivas que outras), e conseqüentemente uma diferença na “cultura discursiva”, pode explicar essa diferença na ocorrência dos marcadores.

Outras hipóteses foram aventadas ao longo da análise dos artigos. Uma delas é a de que a subdivisão de seções como as de metodologia desfavorece o uso de marcadores, especialmente dos marcadores de mudança de topicalização. Observou-se, portanto, se as seções de metodologia subdivididas apresentavam uma menor quantidade de marcadores em comparação às seções sem subdivisão, o que não ocorreu: as seções de metodologia subdivididas apresentaram muitos, poucos ou nenhum marcador, mas o mesmo ocorreu com as seções sem subdivisão. Assim, não se confirmou a hipótese de que a subdivisão excessiva das seções desfavoreceria o uso de marcadores. Especificamente com relação aos marcadores de mudança de topicalização, também não foi confirmado que estes ocorram menos em seções subdivididas; na maioria dos casos, os artigos se mantiveram na média do respectivo grupo, e em alguns casos tais seções subdivididas chegam a ter mais marcadores de mudança de topicalização que nos demais artigos do grupo.

Uma segunda hipótese aventada ao longo do trabalho foi a de que o *layout* do *template* da Revista Principia, por ser configurado em duas colunas, favoreceria a construção de

parágrafos curtos (visto que, numa coluna mais estreita, essa característica fica menos evidente) e, conseqüentemente, o menor uso de marcadores discursivos. Tal hipótese não pôde ser comprovada ou refutada, visto que para tal seria necessário um estudo que comparasse artigos de revistas diferentes, com diferentes *layouts*.

Em todo caso, observa-se que a míngua desses marcadores discursivos obriga o leitor/alocutário a recuperar relações que existem, mas estão implícitas. Esse fenômeno pode se dever ao caráter do discurso científico segundo o qual os artigos são escritos por especialistas para especialistas, o que leva o locutor a pressupor que o alocutário terá a competência comunicativa necessária para recuperar essas relações; se a função dos marcadores é guiar, sua função é menos fundamental enquanto o conhecimento partilhado permite ao interlocutor retirar inferências. Porém, muitas vezes o locutor desconsidera que, no processo de publicação do artigo, há por vezes a figura do revisor de textos, que não tem o mesmo conhecimento especializado na área temática do artigo e que, por isso, pode ter dificuldade de recuperar essas relações.

Este trabalho pôde demonstrar, ainda, que o uso parco ou inadequado dos marcadores discursivos, entre outros problemas observados, pode se dever a uma competência comunicativa menos desenvolvida; nesse sentido, seria importante a realização de atividades que venham melhorar a competência comunicativa dos autores, tendo em vista que o discurso não é posterior à investigação, mas sim a investigação faz-se em discurso; a produção, divulgação e operacionalização do conhecimento se dá por meio do discurso (Motta-Roth, 2011).

Nesse sentido, o ensino “instrumental” da língua portuguesa nos cursos técnicos e superiores, com foco nos gêneros textuais com os quais os estudantes e futuros pesquisadores irão lidar – nomeadamente, os gêneros acadêmico-discursivos – pode ser de grande relevância. O ensino com foco nos gêneros, de forma similar à defendida por Swales (1990, 2005) no contexto do EAP e do ESP, parece ser ainda pouco aplicado nas escolas e mesmo nas universidades. A realização de oficinas com foco específico nos gêneros acadêmico-científicos pode ser também de grande valia – é o que vem sendo feito no projeto Ateliê de Textos Acadêmicos, coordenado pela professora Regina Celi Mendes Pereira da Silva, na Universidade Federal da Paraíba²³. No processo de revisão textual, pode ser útil para esse objetivo a prática de revisão interativa – que dialoga com o autor, dando sugestões e discutindo, subsidiando, dessa forma, a aprendizagem da escrita (D’Andrea & Ribeiro, 2010).

²³ Mais informações sobre o projeto podem ser vistas em <http://www.cchla.ufpb.br/proling/regina-celi-mendes-pereira/>.

O presente trabalho consiste em uma análise inicial do uso de marcadores discursivos em sua relação com o plano de texto. Assim, o trabalho pode ser continuado e aprofundado em diferentes aspectos, como o estudo dos valores pragmáticos que esses marcadores assumem particularmente em cada contexto e com a observação da intervenção do revisor de textos sobre esse aspecto. Sugere-se, ainda, a continuação dos trabalhos na área, a nível teórico, com outros *corpora*, com a aplicação a outros gêneros do discurso científico e com a análise de outros MD.

Referências bibliográficas

- Adam, J. -M. (2002). « Plan de texte » e « Segmentation graphique ». In P. Charaudeau & D. Maingueneau (Dirs.), *Dictionnaire d'Analyse du Discours* (pp. 433-434 e 523-524). Paris: Seuil.
- Adam, J.-M. (2011). *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2. ed. revista e aumentada. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez.
- Aristóteles (2005). *Retórica*. 2. ed. revista. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Bakhtin, M. M. (1997). *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzellerl. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Ensino Superior).
- Bandeira, A. S. (2014). *Editora IFPB: histórico e guia básico de gerenciamento*. (Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação *lato sensu* não publicado). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.
- Barros, C. A. (2007). *Estrutura discursiva e orientação argumentativa em textos de versões portuguesas da legislação de Afonso X: contributo para o estudo do discurso jurídico medieval*. (Tese de doutoramento não publicada). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Briz, A., Pons Bordería, S. & Portolés, J. (Coords.) (2008). *Diccionario de partículas discursivas del español*. Disponível em <http://www.dpde.es>.
- Coutinho, M. A. (2004). Organizadores textuais: entre língua, discurso e género. In F. Oliveira & I. M. Duarte (Orgs.), *Da língua e do discurso* (pp. 283 – 298). Porto: Campo das Letras.
- Coutinho, M. A. (2008). Marcadores discursivos e tipos de discurso. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 1(2), 193-210. Recuperado de http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/revista/n2_fulltexts/21%20maria%20coutinho.pdf.
- D'Andrea, C. F. B. & Ribeiro, A. E. (2010). Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. *Veredas*, 14(1), 64-74.
- Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2013). Aliás: diferencias de empleo en portugués y en español. In N. Delbecque, M.-F. Delpont & D. Michaud Maturana (Eds.), *Du signifiant minimal aux textes. Études de linguistique ibéro-romane* (pp. 137-152). Limoges: Éditions Lambert-Lucas.
- Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2015). Los marcadores assim mesmo (mesmo assim) / asimismo en portugués y en español. In S. Sarrazin & S. Azzopardi (Eds.), *Langage et dynamiques du sens: Études de Linguistique ibéro-romane* (pp. 125-141). Bern: Peter Lang.

- Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2017). Valeurs de ainda [encore] en portugais et leurs équivalents en espagnol. *Studia Universitatis Babes-Bolyai, Philologia*, 62(4), 63-76.
- Fernandes, I. C. S. (2005). *Los marcadores discursivos en la argumentación escrita: estudio comparado en el español de España y en el portugués de Brasil*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidad de Salamanca, Salamanca, Espanha.
- Fernandes, I. C. S. (2012). Los marcadores discursivos a partir de una perspectiva retórico-enunciativa: cómo surgen en la lengua los efectos de sentido. In M. M. García Negroni (Coord.), *Actas del II Coloquio Internacional Marcadores del discurso en lenguas románicas: un enfoque contrastivo* (pp. 237-247). Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.
- Fernández del Viso Garrido, M. (2012). Estudio comparativo de las clasificaciones de los marcadores discursivos en español: el caso de los estructuradores de la información. In M. M. García Negroni (Coord.), *Actas del II Coloquio Internacional Marcadores del discurso en lenguas románicas: un enfoque contrastivo* (pp. 72-81). Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.
- Figueiredo, M. F. & Ferreira, L. A. (2016). A perspectiva retórica da argumentação: etapas do processo argumentativo e partes do discurso. *ReVEL*, 14(12), 44-59.
- Fischer, K. (Ed.). (2006a). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier.
- Fischer, K. (2006b). Towards an understanding of the spectrum of approaches to discourse particles: introduction to the volume. In K. Fischer (Ed.), *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier. Recuperado de <https://nats-www.informatik.uni-hamburg.de/~fischer/adpintro.pdf>.
- Fløttum, K., Dahl, T. & Kinn, T. (2006). *Academic voices: across languages and disciplines*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Fraser, B. (1999). What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, 31(7), 931-952.
- Fraser, B. (2009). An Account of Discourse Markers. *International Review of Pragmatics*, 1(2), 293-320.
- Freitag, R. M. K. (2001). O uso de ‘tá?’ e ‘certo?’ na fala de Santa Catarina. *Working Papers em Lingüística*, 5(1), 25-41.
- Freitag, R. M. K. (2007). Marcadores discursivos não são vícios de linguagem! *Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura*, 4(4), 22-43.
- Freitag, R. M. K. (2008). Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE. *Revista do GELNE*, 10(1/2), 21-32.
- Freitag, R. M. K., Silva, R. B. S. & Evangelista, F. R. S. (2017). Marcadores discursivos interacionais: diferentes metodologias, diferentes resultados. *Revista Diacrítica*, 31(1), 55-75.

- Garachana Camarero, M. (1988). La evolución de los conectores contraargumentativos: la gramaticalización de *no obstante* y *sin embargo*. In M. A. Martín Zorraquino & E. Montolío Durán (Coords.), *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis* (pp. 193-212). Madrid: Arco/Libros.
- García Negroni, M. M. (2008). Subjetividad y discurso científico-académico. Acerca de algunas manifestaciones de la subjetividad en el artículo de investigación en español. *Revista Signos*, 41(66), 9-31.
- García Negroni, M. M. (2009). Reformulación parafrástica y no parafrástica y ethos discursivo en la escritura académica en español. Contrastes entre escritura experta y escritura universitaria avanzada. *Letras de Hoje*, 44(1), pp. 46-56.
- Houaiss, A. & Villar, M. de S. (2009). Modalizador. In A. Houaiss & M. S. Villar. (Coords.), *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Hyland, K. (2005). *Metadiscourse: Exploring Interaction in Writing*. London: Continuum.
- Hyland, K. (2011). Academic discourse. In K. Hyland & B. Paltridge (Eds.), *Continuum Companion to Discourse Analysis* (pp. 171-184). London: Continuum.
- Hyland, K. (2012). *Disciplinary Identities: Individuality and Community in Academic Writing*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lopes, A. C. M. (1996) Então: elementos para uma análise semântica e pragmática. In I. Castro (Org.), *Actas do XII Encontro Nacional da APL* (pp. 177-190). Lisboa: Colibri.
- Lopes, A. C. M. (1998). Contribuição para o estudo semântico-pragmático de “agora”. *Revista Portuguesa de Filologia*, 22, 363-376.
- Lopes, A. C. M. (2000). “Ainda”. In E. Gartner, C. Hundt & A. Schönberger (Eds.), *Estudos de gramática portuguesa (III)* (pp. 65-87). Frankfurt am Main: TFM.
- Lopes, A. C. M., & Morais, F. (2000). “Antes” e “depois”: elementos para uma análise semântica e pragmática. *Revista portuguesa de filologia*, 23, 183-243.
- Lopes, A. C. M. (2003). Elementos para uma análise semântica das construções com *já*. In I. Castro & I. Duarte (Orgs.), *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus* (pp. 411-428). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Lopes, A. C. M. (2014). Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos “quer dizer”, “ou seja” e “isto é” no português europeu contemporâneo. *Revista Diacrítica*, 28(1), 33-50. Recuperado de http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_28-1.pdf.
- Lopes, A. C. M. & Carapinha, C. (2017). “Por outras palavras” e “digamos”: marcadores de reformulação?. *Revista Galega de Filoloxía*, 18, 115-131. Recuperado de <http://revistas.udc.es/index.php/rgf/article/view/3183>.

Marquiefável, V. S. (2007). *Um processo para a geração de recursos linguísticos aplicáveis em ferramentas de auxílio à escrita científica*. (Dissertação de mestrado). Recuperado de <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5647>.

Martelotta, M. E., Votre, S. J., & Cezario, M. M. (Orgs.). (1996). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Martín Zorraquino, M. A. & Montolío Durán, E. (Coords.). (1988). *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis*. Madrid: Arco/Libros.

Martín Zorraquino, M. A. & Portolés Lázaro, J. (1999). Los marcadores del discurso. In I. Bosque & V. Demonte (Dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española. Volumen 3: Entre la oración y el discurso. Morfología* (pp. 4051-4213). Madrid: Espasa. Colección Nebrija y Bello.

Montemayor-Borsinger, A. & Eisner, L. (2012). Conectores espaciales con valor de marcadores contraargumentativos en el discurso especializado de las humanidades y las ciencias sociales: el caso de *lejos de*. In M. M. García Negroni (Coord.), *Actas del II Coloquio Internacional Marcadores del discurso en lenguas románicas: un enfoque contrastivo* (pp. 157-165). Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

Morais, M. F. A. (2004). Elementos para uma descrição semântico-pragmática do marcador discursivo *já agora*. In A. S. Silva, A. Torres, M. Gonçalves (Orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. vol. II (pp. 477-495). Coimbra: Almedina.

Morais, M. F. A. (2011). *Marcadores da estruturação textual: Elementos para a descrição do papel dos Marcadores Discursivos no processamento cognitivo do texto*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Motta-Roth, D. (2011). Letramento científico: sentidos e valores. *Notas de Pesquisa*, 1, 12-25.

Navarro, F. & Moris, J. P. (2012). El uso de *donde* como marcador del discurso en prácticas de escritura académica de ingresantes universitarios. In M. M. García Negroni (Coord.), *Actas del II Coloquio Internacional Marcadores del discurso en lenguas románicas: un enfoque contrastivo* (pp. 166-174). Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

Padilla, C. & López, E. (2012). Marcadores de reformulación en escritos argumentativos de estudiantes universitarios de humanidades. In M. M. García Negroni (Coord.), *Actas del II Coloquio Internacional Marcadores del discurso en lenguas románicas: un enfoque contrastivo* (pp. 193-204). Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

Pena, E. B. F. (2005). *Artigo e Ensaio Científicos: dois gêneros e uma só forma?* (Dissertação de Mestrado não publicada). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Penhavel, E. (2010). *Marcadores discursivos e articulação tópica* (Tese de doutoramento). Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270781/1/Penhavel_Eduardo_D.pdf.

Pons Bordería, S. (1998). *Conexión y conectores: estudio de su relación en el registro informal de la lengua*. Valencia: Universitat de València.

Pons Bordería, S. (2000). Los conectores. In A. Briz Gómez Y Grupo Val.Es.Co., *¿Cómo se comenta un texto coloquial?* (pp. 193-220). Barcelona: Ariel.

Pons Bordería, S. (2001). Connectives/Discourse Makers. An Overview. *Quaderns de filologia. Estudis literaris*, 6, 219-243.

Pons Bordería, S. (2006). A Functional Approach to the Study of Discourse Markers. In K. Fischer (Ed.), *Approaches to Discourse Particles* (pp. 77-100.). Amsterdam: Elsevier. Manuscrito disponibilizado pelo autor em https://www.researchgate.net/publication/292585465_A_functional_approach_to_the_study_of_discourse_markers.

Portolés, J. (1998). *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel.

Portolés, J. (2008). Inclusivo. In Briz, A., Pons Bordería, S. & Portolés, J. (Coords.). *Diccionario de partículas discursivas del español*. Disponível em <http://www.dpde.es>.

Possamai, V. (2004). *Marcadores textuais do artigo científico em comparação português e inglês – um estudo sob a perspectiva da tradução*. (Dissertação de mestrado). Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4512>.

Rastier, F. (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF.

Risso, M. S., Silva, G. M. O. & Urbano, H. (2002). Marcadores discursivos: traços definidores dos Marcadores Discursivos. In I. G. V. Koch (Org.), *Gramática do Português Falado – v. VI: Desenvolvimentos* (pp. 21-94). 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP.

Santos, N. M. P. (2014). *Ensaio e artigo: confluências e divergências entre dois gêneros na esfera acadêmica*. (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15457/1/EnsaioArtigoConfluencias.pdf>.

Santos, J. V. & Silva, P. N. (2016). Issues of textual hybridity in a major academic genre: PhD dissertations vs. research articles. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso*, 5(5), 171-194. Recuperado de <http://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/2979>.

Schiffrin, D. (1987). *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

Silva, K. E. N. (2007). *A explicação definidora nos discursos científicos e políticos*. (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://www.repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/8774>.

Silveira, R. C. P. (1991). Uma contribuição para o estudo do ensaio científico avaliativo. *Letras*, 2, 33-42.

Souto, L. C. I. (2014). *Valores semântico-discursivos do marcador assim no gênero artigo científico*. (Dissertação de mestrado). Recuperado de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77745/2/33824.pdf>.

Swales, J. M. (1990). *Genre Analysis. English in Research Settings*. Cambridge: Cambridge University Press.

Swales, J. M. (2005). *Research genres: explorations and applications*. Cambridge: Cambridge University Press.

Valente, E. A. (2012). Los marcadores de reformulación en la construcción de una voz propia en el nivel de posgrado. In M. M. García Negroni (Coord.). (2012). *Actas del II Coloquio Internacional Marcadores del discurso en lenguas románicas: un enfoque contrastivo* (pp. 258-270). Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

Walsh, B. (2015). Ciência e linguagem: integrando discurso e contexto na análise das conclusões de artigos científicos experimentais do Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (1909-1919 e 1980-1989). *Linguagem em (Dis)curso*, 15(1), 95-115.

Wiefling, F. & Montemayor-Borsinger, A. (2012). Análisis de marcadores discursivos en artículos de investigación de humanidades y de ciencias exactas. In M. M. García Negroni (Coord.), *Actas del II Coloquio Internacional Marcadores del discurso en lenguas románicas: un enfoque contrastivo* (pp. 271-280). Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.